

Caminhando em sol de outono

Leda Jesuino



Sygra Milton

sol de outono



Ao longo de sua carreira universitária, Leda Jesuino dos Santos sempre escreveu, todavia, a educadora, a mulher de ação e de pensamento entregou-se bem mais aos desafios, às missões e funções que a Universidade Federal da Bahia, a nossa UFBA, lhe confiou. A ocupação acadêmica e administrativa absorveu a escritora que, preferencialmente, se manifestou no discurso erudito, na saudação aos colegas, no projeto de ensino, no parecer circunstanciado da conselheira, em inúmeros outros registros docentes e nos trabalhos publicados. Tudo sempre em função da educação. Leda, como professora, pertence mais à geração do fazer na sala de aula e na administração universitária. Assim, a coleção de crônicas intitulada *Caminhando em sol de outono*, sem deixar de ser reflexo do seu trabalho acadêmico, demonstra a Leda escritora de fina sensibilidade, de recordações e de altos sentimentos. Muitas vezes, tenho-me deliciado com a leitura dessas crônicas quando publicadas na coluna *Ultraleve de A TARDE*; desliza-se pela suavidade do seu estilo. Como boa cronista, Leda entra em sintonia com os leitores e estabelece a comunicação, como bem destaca Helena Parente Cunha: “estas crônicas atingem uma síntese compacta, em linguagem clara, transparente, poética, às vezes lírica, outras dramática, transmitindo aquele conteúdo sintonizado com as dolorosas carências do leitor deste final de século”. Pelo conjunto das circunstâncias, *Caminhando em sol de outono* sucede à outorga do título de professora emérita, em 17 de novembro de 1999.

CAMINHANDO EM SOL DE OUTONO

Outras Ordens de Verdade

Leda Jesuino

CAMINHANDO EM SOL DE OUTONO

Outras Ordens de Verdade

Salvador – Bahia
2002

© 2002 by Leda Jesuino.

Todos os direitos reservados.
Foi feito o depósito legal.

Ilustração da capa: Lígia Milton
Capa: Angela Garcia Rosa
Revisão: Solange Fonsêca
Editoração: Edições Ianamá

UFBA/FACED/Biblioteca Anísio Teixeira

J58 Jesuino, Leda
Caminhando em sol de outono / Leda Jesuino. -Salvador :
Edições Ianamá, 2002.
244 p.

I. Crônicas brasileiras. I. Universidade Federal da Bahia.
Edufba. II. Título

CDD 869

*Aos vaga-lumes do meu escuro, para quem escrevo:
Sílvia e Fernanda, Marcelo, Alexandre e Bruno, que de há
muito iluminam o meu caminho...*

A Thais e Thabata, que não vieram...

*Aos que virão, por certo, como um novo cintilar de
estrelas...*

*A Thiago, que acendeu, com seu jeito de ser, a luz verde
da serena placidez dos lagos tranqüilos e pacificadores.*

*Para Ana Paula e as crianças que me circundam,
sem lar e sem pão, para quem tento transformar as emoções
em palavras, para que suas bocas recebam o alimento e seus
lábios me gratifiquem com um sorriso menos triste...*

*Aos amigos que emocionalmente se emaranham nas nos-
sas vidas e certamente se envolveram nos olhos tristes das
crianças sem lar, agradecemos o risco do envolvimento.*

*Ao leitor amigo e desconhecido, pedimos compreensão e
tolerância, necessitamos de sua dádiva e, para que ela não
nos seja oferecida no vazio, lhe entregamos um pouco dos
nossos sonhos "feito livro", sem nenhuma pretensão literária.*

*Ao crítico literário, pedimos que se mantenha ao largo.
Nem um só minuto do seu precioso tempo deve ser perdido
com a lógica afetiva destas páginas. Elas foram escritas
para serem simplesmente "sentidas" e benevolmente acei-
tas, jamais submetidas ao crivo consciencioso de uma
criteriosa análise literária.*

LEDA JESUINO

Sumário

A mestra caminhando no tempo <i>por Helena Parente</i>	9
Nunca mais... Talvez, porém...	15
Os vaga-lumes do meu escuro	19
A mulher – um ser pulverizado	23
A superficialidade de contacto	29
A Mansão do Caminho: um orador sacro e um milagre de amor	33
A forte presença de agosto	37
Eles, os mestres... nós, os licenciados...	41
Suave passagem	47
As vozes do silêncio	51
Como se nada fosse...	55
"A Tarde" chega cedo...	59
A crise espiritual do homem	63
A mestra que veio de longe	67
No tempo do Latim	71
A magnífica presença...	73
Em trânsito...	77
Pais e mestres no teatro	81
Oh! Susanna, nós choramos por ti	85
Vide verso...	89
A verdade das cem mentiras de Helena	93
As enigmáticas mulheres da paisagem	95
Bom-dia, mestre	97
Kant entre nós... 30 anos depois	103
O sonho nacional do homem novo	109
Uma escola especial	111
A senhora dona da casa – a televisão	115

O mestre de ontem, amor de outrora	119
Estresse	121
40 anos da "Mansão do Caminho"	123
O mestre amigo e conselheiro	127
Um olhar para os que não enxergam	131
Entre Beijus & Madeleines	135
A missão da doutora Nancy	139
Urgência dos valores humanos	141
É mesmo assim, Frederica	145
Um amigo à prova de bala	147
Nós, os licenciados	149
Quem seriam os mestres dos mestres ?	155
A mulher do médico: uma significativa responsabilidade	159
A perspectiva axiológica da educação	163
UFBa., 1970 – De repente, no último verão...	167
A oração da última noite	175
Ruy Simões, de bonde e de passagem...	177
A insolúvel problemática da mulher no mundo contemporâneo	181
Entre dois mundos	185
Alice no País da Psicologia	189
A Signorina Emérita	193
... do Caminho	197
Um colégio em tempo de glória	199
... da Solidão	203
A estrela-guia do magistrado	207
Em tempo de guerra e de blecaute	211
Da sala de aula ao palco	215
A voz que ficou...	219
O nosso príncipe inglês	221
E eles se vão...	225
Educação especial, um nó a desatar	227
O contrário do que está sendo	231
A admirável mansão do meu caminho	233
Conviver – o banquete eterno	235
Aos pés de um mestre	237
Preferências e referências	241

A mestra caminhando no tempo

Uma série das crônicas de Leda Jesuino, publicadas em jornais da Bahia durante uma década e que saem agora reunidas no volume Caminhando em sol de outono, tem tudo para agradar aos leitores de variadas tendências, provavelmente porque nestas páginas predomina um dos tons mais característicos de nossa época tão conturbada: a nostalgia da recordação. Não foi por acaso a recente explosão das obras memorialísticas, biográficas, autobiográficas, romances autobiográficos etc., denominações para os escritos que, sempre através do imaginário, resgatam experiências e vivências do passado. Acima da verdade nua e crua, a fantasia se incumbe de apresentar os fatos reais já vividos, transfigurados pela realidade poética, portadora de uma outra ordem de verdade.

Cabe então perguntar se este livro que trazemos nas mãos é de crônicas ou de memórias. Memorial de crônicas ou crônicas de memórias? Não vou cair na tentação de invadir o terreno escorregadio dos cacoetes classificatórios, primeiro, porque destoaria das finalidades deste espaço discutir as especificidades relativas a gênero literário, segundo, porque as definições aprisionam e não dão conta de fenômenos de tal complexidade. Nós nos encontramos diante de textos escritos com toda a força do sentimento e com a agudeza de uma inteligência privilegiada.

No entanto, acho válido passar para o papel algumas das idéias surgidas do próprio texto de Leda e convergentes para o que se convencionou denominar crônica.

A grande maioria das crônicas desta coleção se mantém fiéis ao remoto significado etimológico da palavra, oriunda de Krónos. De fato, o tempo constitui a medula temática que vitaliza os demais temas. Quase sempre levada pela corrente temporal, a autora engendra seu discurso e registra, como na crônica antiga, acontecimentos reais. Inserida na história, Leda Jesuíno testemunha, participa, atua. E diz. O dizer destas páginas se inscreve em contexto mais amplo e revela, de modo pessoal e comovido, personagens inesquecíveis que influenciaram poderosamente os processos sociais e culturais da Bahia, entre os anos 30 e 80.

A memória recupera o passado pulsante e mobilizador do presente, num encadeamento que envolve a realidade anterior e a exterior no fluir incessante. Sementeira e fruto distam no tempo e se pertencem, por pertencerem à dinâmica de transformação contínua.

Como todos os bons cronistas, Leda Jesuíno tem o compromisso de entrar em sintonia com os leitores e realizar a comunicação. Ao cumprirem a exigência jornalística de brevidade, estas crônicas atingem uma síntese compacta, em linguagem clara, transparente, poética, às vezes lírica, outras vezes dramática, transmitindo aquele conteúdo sintonizado com as mais dolorosas carências do leitor deste final de século.

Sob o peso das catástrofes atuais, anunciadoras de futuro incerto e amedrontador, o ser humano acuado se refugia no passado, transmutado pela imaginação no paraíso perdido que a memória procura refazer.

Entre os vários perfis que se desenhavam palpitantes, destacam-se, sobretudo, os dos mestres falecidos: "A magní-

fica presença" do reitor Macedo Costa, a "Suave passagem" da professora Susana Imbassahy em "Oh Susanna, nós choramos por ti", "A mestra que veio de longe", estrela maior de sua constelação de mestres, com quem aprendeu sobretudo a "ensinar a ensinar" ou ainda Luis Viana, "O mestre de ontem, o amor de outrora". Em torno de todos eses grandes nomes da educação, alguns deles colegas e amigos próximos, emergem as figuras não menos amadas de outros mestres e colegas, na reconstrução de tantas vidas enlaçadas à da cronista e compondo painéis emocionados da história baiana de algumas décadas.

O mergulho no passado nunca se faz saudosismo choroso e passivo, e sim um recurso para insuflar o vigor de outrora na atualidade depauperada dos valores capazes de a sustentarem de pé. O confronto entre as faixas temporais denuncia as aberrações modernas (ou pós-modernas) e estimulam as possibilidades para a saída do trágico impasse de nossa hora.

"Deseja-se ao outro felicidade e não o sucesso, a mágica palavra do mundo contemporâneo". Trecho da crônica intitulada "Eles, os mestres... nós, os licenciados", em que a autora homenageia os exemplares professores de todos aqueles que tiveram um curso primário das 8 da manhã às 3 da tarde e o curso ginásial sem esportes.

A boa crônica, por ser breve e concisa e por tratar de coisas cotidianas, mas que fremem no imaginário coletivo, representa a fragmentação de nosso mundo. A crônica é fragmento que fala de fragmentos desprendidos do todo crispado que nos agride a todo momento.

Hoje se discute muito sobre pulverização do sujeito, eus quebrados, realidade despedaçada. Entre os escombros, é natural procurar a tábua de salvação no passado, quando os dias pareciam mais seguros e

o mundo não vacilava, preso por um fio. O gosto pelos temas memorialísticos tem muito a ver com a busca da identidade perdida ou que pelo menos dava a impressão de se possuir. Ao revivermos o passado, nossa imaginação nos permite dizer "eu" com alguma certeza de algo.

À medida que recorda os mestres, seus professores ou seus colegas, Leda Jesuino, que participou e participa de momentos decisivos para o crescimento da Universidade, na Bahia e no Brasil, assume, de maneira muito sua, a postura de mestre confiante no papel da educação bem orientada na formação do ser humano integral.

Destaquei até agora as crônicas-reminiscências, dedicadas aos mestres, embora sem mencionar todas, como "Kant, entre nós... 30 anos depois", onde se evidencia a personalidade do grande professor e filósofo Romano Galeffi, que continua em atividade nos meios culturais da Bahia, do Brasil e do exterior.*

Outras crônicas, também alimentadas na seiva do tempo, retomam o caminho da infância, ora feliz, ora não. "Vagalumes do meu escuro", "Vide verso" se perenizam no movimento mútuo de sempre, eu-outro, atenuando a ardência de nossas feridas mais recentes.

Lesá Jesuino, enraizada no tempo histórico, sabe dar o salto metafísico, a fim de despertar ou estimular os leitores a se aproximarem da realidade intemporal e dos planos do divino, também exigência histórica, e cada vez mais premente, de nossa época crepuscular, que precisa redescobrir a verdade extraviada e escondida na arrogância da racionalidade prepotente.

Para falar do além-tempo, a cronista parte da temporalidade, através de reflexões sobre a transitoriedade da

*Falecido em 1º/01/98.

vida em rápido fluir, entre aparências enganadoras: "Em trânsito", " 'A Tarde' chega cedo", "Estresse", "A superficialidade do contato", de onde extravio estas palavras: "Falo da jornada humana... das massas humanas perseguindo a felicidade... com metas determinadas, prazos curtos, sem perda de tempo".

A mestra dá mais uma lição de vida em "É mesmo assim, Frederica": "Estranho mundo esse que te rodeia... sem espaço-tempo, mas com os risquinhos do relógio em tua frente marcando cada passo adiante... sem presente... mas com o calendário aí mesmo juntinho de tua mesa... Mundo sempiterno... partes de um Todo que é o Tudo. Vida-morte, o começo ou o fim?... o efêmero, o eterno, tudo no mesmo bojo do Universo, fluindo dentro e fora do teu pequeno mundo".

A crônica "Nunca mais... Talvez, porém", dedicada à filha que partiu tão cedo, deixa ouvir a voz da mãe, no seu anseio do essencial, do invisível, do indizível: "Talvez seja assim o nosso encontro: sem limitações no plano absoluto do ser".

Antes de concluir, quero considerar ainda uma crônica que me parece sintetizar o espírito dominante nesta bela, delicada e profunda coleção de fragmentos de vida, "Bom-dia, mestre". Na crise atual, tão parca de verdadeiros mestres, Leda Jesuino recorre ao maior de todos, indicando a direção da sobrevivência:

"Nesse feixe de fios imbricados, como reconhecer o Mestre, aquele que vai nos livrar do ilusório labirinto da vida?... Encontro-me a mim mesma... Ao encontrar-me, eu o encontro. Contacto com Aquele Mestre dos Mestres que não é mais parte do Real e Visível mundo onde estamos, mas que, no entanto, permanece conosco. O mundo por onde passou, chamou de Jesus."

Na introdução do livro, Leda Jesuino diz que entrega aos leitores um pouco dos seus sonhos. Esta reconstrução do passado-presente-futuro por meio do sonho é um modo de

devolver aos leitores a própria capacidade de sonhar, de reencontrar a esperança e redescobrir a certeza de que o caminho para atingir a verdade libertadora está em nós.

HELENA PARENTE

Nunca mais... talvez, porém...

Nunca mais as sentirei. Eram longas, expressivas e falantes. Diziam muito aquelas mãos de dedos finos e contínuos; pareciam ir além do que tocavam. Eram flexíveis, ágeis, sempre estendidas a outras mãos, como se a elas fosse, sempre, possível dar... Dar a carícia do consolo, a oferta da compreensão, a certeza da solidariedade, a esperança do amanhã num simples toque. Eram mágicas nos seus encontros com outras mãos e traziam a balsâmica sensação do psicológico alívio da hora certa. Naquela trágica manhã de maio, estavam cruzadas sobre um corpo hirto. Nunca mais as tocarei; talvez, porém, na brisa que suavemente passa e sorrateiramente chega, acalentando o sonho e enxugando a lágrima que desce, talvez na carícia da árvore, cujo galho balança e descuidadamente me roça a face úmida, seja possível sentir aquelas mãos transsubstanciadas para a sua dádiva integral de sempre. Talvez...

Nunca mais os verei. Eram castanhos e suaves, meigos e um pouco lânguidos, brejeiros por vezes, mas, sobretudo, perscrutadores. Iam ao fundo do poço... Buscavam "o outro" no confronto franco e total, no encontro profundo. Ao contrário das mãos, aqueles olhos eram necessariamente fortes e incisivos; completava com elas a linguagem enigmática e misteriosa de quem busca a felicidade sem tormentos. Falavam de ideais, sentimentos, de perplexidades e decepções e quase sempre desse amor total e abrangente, que

caracteriza o doador, o que se dá e não se empresta. Nunca mais os verei. Naquela trágica manhã de maio estavam cerrados, inexoravelmente. Talvez, porém, seja possível encontrá-los naquele par de olhos da mulher que espera o filho que não veio ainda, transmitindo a incerteza da vinda ou, quem sabe, naquele olhar da jovem que suplica, a ilusória simplicidade de mulher, a fórmula da felicidade plena. Talvez....

Nunca mais a ouvirei. Era uma voz morna, quente e confortadora. Sua força vinha da suave persuasão de uma meiguice sem piegas. O amor que irradiava vinha todo envolvido nela e a harmonia que a tornava significativa, chegava diariamente como o badalar do sino da igreja próxima. Perdida, como os fiéis sem o toque do seu sino, nunca mais a ouvirei. Talvez, porém, seja possível percebê-la, no aflar das folhas que vem vindo das árvores, de mansinho, nas tardes quentes de dezembro; talvez, no sussurro do mar, sempre tão perto e tão longínquo ou mesmo na algazarra das crianças brincando, se surpreenda a esfuziante alegria daquela voz. Talvez...

Através do fio daquela voz pequena se adivinhava a imagem de um corpo esguio delineado na tela sem mancha do vazio em torno. Era um corpo delgado se projetando naquele palco em harmoniosos movimentos. Tocado pela beleza, movimentava-se tranqüilo pelos caminhos da vida em busca do "outro". Numa ensolarada manhã de abril eu o senti pela primeira vez. Era Domingo de Páscoa. No ar pairava o tom hierático e profundo impregnando tudo. Eu o senti frágil em minhas mãos impotentes e em meu ser despreparado. Nunca mais o sentirei assim, tão próximo, além da pele macia, dos cabelos de mel, do hálito vitalizador da sua respiração. Nunca mais o sentirei emergindo do mar que o fascinava, debruçando-se nas dunas das praias que o

atraíam, penetrado pelos raios do sol que o banhavam de vida, cor e beleza; movimentando-se em amplos passos de gazela na areia fofa das praias que o seduziam. Nunca mais o tocarei. Naquela trágica manhã de maio ele estava estático, paralisado, irremediavelmente morto. Talvez, porém, eu o pressinta nas noites quentes de janeiro, pelo ritmo que desce pelas ladeiras na mágica surdina do samba, ou, quem sabe no *ballet* daqueles troncos esguios dos coqueirais das nossas praias.

Talvez, não seja exatamente assim o nosso encontro: irreal, fragmentado, parcial e simbólico, na configuração panteística spinoziana da vida. Um encontro indefinido, vago, poético e consolador...

Certamente penetraremos ambas um dia, não muito distante, no domínio ignorado das correntes imperceptíveis, onde o aparente mundo silencioso se rompe, abrindo-se o império dos "infra-sons", do indefinido éter ou do campo de Einstein.

Viveremos, com certeza, no vasto oceano da força mental, onde através dela os poderes espirituais se manifestam. Possuiremos cada uma de nós a sua onda mental peculiar, com oscilações características, constituindo um fluxo energético que definirá as nossas personalidades nas faixas superiores da vida determinando assim, por certo, o nosso reencontro numa perfeita sintonia espiritual em outra dimensão.

Talvez seja assim o nosso encontro: sem limitações no plano absoluto do ser, onde o amor continuará sendo o mágico toque da felicidade integral. Talvez...

Os vaga-lumes do meu escuro

Eu os via nas noites escuras da minha infância. Vinham devagarinho, pontilhando o meu limitado horizonte. E por isso traziam o infinito dentro de si. Traziam para olhos deslumbrados o universo cintilante, a luz, a sedução do brilho, o magnetismo estranho do faiscar.

Pequenas estrelas do meu céu limitado pela minha ignorância, pequenino como era meu ser. E, certamente, traziam a felicidade que a luz sempre traz quando há escuro.

Tinha um secreto desejo de pegá-los para vê-los, de perto ou, quem sabe, era um desejo de posse. Queria-os para mim, colocá-los onde quisesse. Havia porém um certo receio. A velha cozinheira admoestava sempre: “não pegue neles, menina, eles cegam seus olhos”.

Creio que me tornaram cega para a realidade do momento. Estou quase certa que me fascinavam e me paralisavam um pouco. Lá, naquele alto de São Gonçalo, eles vinham em profusão. Lanterninhas prazerosas e brejeiras iluminavam a solidão da menina solitária sem irmãos, sem muitos amigos. Uma caixinha de sapato poderia aprisioná-los e assim veria mais de perto aquelas minúsculas lâmpadas que acendiam e apagavam. Mas eles eram muitos e a coragem era pouca, a timidez abundante. Os tempos eram outros e a psicologia não havia colocado a criança no seu devido lugar. Os bumbuns eram devidamente surrados e os castigos aplicados, sobretudo o castigo de escrever 100

vezes a frase correta, era o comum. Encher uma folha de papel pautado com letra legível, "não devo ser desobediente", era algo muito forte para enfrentar. Por isso ou por aquilo, eles vinham, iluminavam e iam embora, levando com eles o sonho que trouxeram. Enchiam a noite de ilusão e preparavam a esperança de outras noites de luz e beleza. Penetravam no escuro para magnetizar o espaço com a secreta magia que dentro deles se desenvolve.

Iam como chegavam, sem alarde e sem saudade porque entre uma noite e outra havia o dia radiante e belo.

Não prometiam nada, nem coisa alguma pediam; apenas desejavam trazer de novo o maravilhoso que já há muito tempo desaparece da terra. Almejavam amenizar a escuridão das noites sem luar, sem pretensões de substituir as estrelas. Estão mais perto do que elas de nossas mazelas. São mais palpáveis às nossas desilusões. Piscam como as estrelas, vão e vêm e trazem a quase certeza de que elas vieram ter conosco para nosso consolo, nossos sonhos.

Os vaga-lumes do meu escuro!!! Naquele tempo era uma noite de verdade. Pouca luz, luar sereno, sem televisão. A noite desses tempos é feita de uma profunda saudade.

Hoje chegam os vaga-lumes do meu escuro. Trazem, como aqueles, luz que brilha como as estrelas. Movimentam-se no meu escuro.

Com mobilidade invejável, andam, pulam, saltam e imprimem vida a todo o ambiente que lhes serve de palco. Não pedem licença como os outros nem guardam a conveniência. Invadem o meu espaço, às vezes já tão escasso e penetram no meu tempo sem consulta prévia. Mas são tão fortes as suas presenças que não incomodam nem um pouco. Trazem nos seus olhinhos e nas suas fisionomias uma certa magia que amarra os laços de um amor profundo e indefinível.

Como os outros, estes pequenos vaga-lumes também se movimentam e faíscam. Emanam deles uma esfuziante luz e alegria e uma inefável energia de bem-estar. E quando, sobre nós, pousam seus olhinhos de brilho envolvente, repousa neles a verdade plena e contagiante que eleva e transporta para o sonhado céu de felicidade plena.

Também se vão céleres sem saudades porque, a cada manhã que nasce, a esperança de vida se concretiza e nesse ir e vir se renovam as forças das velhas árvores que carregam os pequenos e coloridos frutos que despontam.

No meu escuro de dor e saudade, eles penetram trazendo o sonho, a beleza da infância e a secreta magia do amor.

Como chegam, se vão pelos seus caminhos. Não posso interferir, nem aprisioná-los na caixinha de sapatos.

Livres se vão os meus netinhos percorrendo os seus ignorados caminhos, tão mágicos são os vaga-lumes do meu escuro!

A mulher – um ser pulverizado

De corte em corte, na grandeza de sua atuação na terra, se atomizou a sua sublime missão. De pedaço em pedaço, ela tem desenvolvido esforços no sentido de integrar-se consigo mesma e com o seu contexto conturbado e conflitivo. E, nessa luta interior, desenvolvida dentro de si mesma, entre suas virtualidades e as exigências externas, fragmentou-se desalentadoramente a sua força, que sempre foi a argamassa de sua própria essência e, conseqüentemente, o alicerce da sua existência.

Esse o drama da mulher inserida no espaço do planeta Terra e no tempo do ano dois mil, imprensada entre o ser biopsicossocial que lhe é impingido sempre, como espécie humana, e o ser espiritual e profundo que aspira, na angústia terrena, uma realização pessoal bem mais gratificante e vertical. Por isso, sente a necessidade imprescindível de atingir o âmago da sua própria existência de mulher, em busca da sua identidade como a própria e inegável harmonia do universo.

Não sei bem, às vezes, se é um drama. Talvez se lhe tenha afigurado até ser uma comédia de Chaplin, que lhe faz chorar para que as lágrimas tornem mais límpidos os olhos e mais profundo e penetrante o olhar. Assim, vai aos poucos se preparando a mulher para – ao chorar rindo – aprender a ver através de olhos lavados em gotas de água salgada que escorrem por suas faces puras e enrijecidas pela ambição e pelo egoísmo predominante em torno de si e, muitas vezes, infelizmente, dentro de si mesma.

Despedaçada pelas forças centrípetas que lhe exigem um dar sem limites, até a atômica partícula que lhe reste de ser, a mulher – mãe – esposa – amante – profissional – filha – irmã – amiga e cidadã – tem diante de si o maior obstáculo com que um ser humano se depara para transpor: as suas próprias limitações reais, de fragilidade e exigüidade inconfundíveis, sentidas na carne, em face das idealizações fictícias que os modelos culturais esculpem para inseri-la nos contextos sócioeconômicos temporais do século atual.

Espezinhada em outras épocas e sublimando suas frustrações, conquistou um lugar marcado no grande anfiteatro do mundo contemporâneo. Passou então a ser reivindicadora de direitos que lhe permitissem sobreviver em face das convulsões após-guerra, quando o *homo economicus* reinou inteiramente no panorama mundial, ditando as normas e as diretrizes da sobrevivência do homem sobre os escombros que ficaram como consequência da sua própria insensatez. E, sobre estas ruínas de guerra e conflitos, os passos da mulher tiveram de agigantar-se para acompanhar a aceleração do progresso, ganhando o tempo perdido em mesquinhhez e egoísmo e absurdas e violentas ações contra a própria e “divina natureza humana”.

Assim foi aquela Imagem feminina, frágil na aparência, mas grandiosa e forte na sua essência, fortalecendo-se à luz da filosofia pragmatista e materialista, dominante nas décadas subseqüentes à 2ª Grande Guerra Mundial e, por isso mesmo, perdendo em verticalidade, na ânsia da busca de um lugar ao sol. Ganhou o voto, o emprego e os direitos a eles, intrínsecos; ganhou o *status* e a paridade nos grandes colegiados; sobrepujou-se a si mesma e foi à conquista até do mundo espacial; desceu aos mares, pesquisou e mergulhou no mundo dos microorganismos; descobriu o *radium*, exercitou os músculos, adestrou o corpo e competiu nos

grandes e maravilhosos torneios intercontinentais. Não lhe faltando jamais a coragem do homem caçador primitivo, nem a bravura do cavaleiro medieval, adentrou-se no campo marcial e construiu um exército. Disputa, agora, o domínio político-social da terra, aspirando aos mais espinhosos cargos de comando e liderança. Dominou a mulher o macrocosmo que a cercou, sempre, cerceando suas potentes e insuspeitáveis virtualidades e pagou o preço, o ônus que sempre se carrega ao atravessar o Rubicon, como o César. “A sorte está lançada”. Mas existe agora, diante de si mesma, todo um mundo a vencer; o microcosmo de seu ser, “o pequeno-imenso mundo” de sua vida interior, íntima, insondável e, às vezes até para si mesma, impenetrável. Esse mundo que lhe está cobrando muito alto o “sair dele” para um “lança-se” meio irresponsável e desordenado.

Perdeu-se na luta e confundiu-se na guerra inglória do poder e da conquista. Emaranhou-se nos caminhos do labirinto urdido pelo seu inconformismo e ambição, além da medida. Nem isto nem aquilo lhe está sendo oferecido, mas um caminho espinhoso e difícil, armado de pedregulhos no solo e densas nuvens no céu. Difícil caminho esse de “homem e de mulher”, melhor dito, de “mulher feito homem”, que, sem ser mulher nem homem, dissociou-se de uma essência integradora e harmônica, para atuar com a força que se requer de um ser integrador e forte, pronto para liderar e atuar, com diretrizes seguras no sentido da parábola ascendente que levará o mundo até a glória da profunda espiritualidade que se derramará sobre ele, antes que a raça humana se extinga, imensa na sua própria mesquinhez egoísta e absurda. Longe do seu criador, perdida e anulada nas tramas do sexo-livre, que nada mais é do que “o prazer pelo prazer, enquanto é tempo” –, aquela imagem dulcificada pela criança que lhe suga o seio, esculpida na mulher de

antigas décadas, está, agora, asfixiada no cartaz cada vez mais popular, afixado na mente dos homens e nos muros da cidade, transformada na figura sexual da Vênus moderna, que oferece os seios e a vagina para gozo temporal do homem, mas pode estar também na figura magistral da Indira ou de Thatcher comandando e fortificando milhares de seres sobre a terra.

Perdida sempre nos seus próprios objetivos exteriores, ela caminha para o que acredita ser a sua missão na terra. E como contestar senão pela compreensão da problemática milenar que domina o ser humano, que é a dicotomia entre o Ser e o Dever Ser? Nessa faixa de sombras se encontra a mulher. Pulverizada no seu amor, sem poder concentrar-se no seu mundo interior, onde domina o afetivo, o incomensurável amor pelos entes queridos, ela é o próprio símbolo dessa dicotomia, ela é a mais lídima representante do dilema shakespeariano do ser ou não ser.

Obrigada a ser o que os outros querem que ela seja – forte e produtiva, engajada na força do trabalho, atuante cidadã, força social significativa, olvida o chamado interior “de ser ela mesma”, de seio oferecido à criança que pede (a sua e a dos outros); de colo fraternal e acolhedor, de mesa farta, preparada pelo carinho de suas próprias mãos que amassam e assam o pão de cada dia; de olhos profundos e serenos que oferecem a tranqüilidade repousante do amor; de mãos estendidas para a carícia benéfica na hora certa e a manipulação do bálsamo curativo; de dedos ágeis para fiar e remendar; de olhos abertos para ver além e enxergar o invisível...

Esse *quid* de que é feito o seu “eu”, a sua interioridade íntima, a sua alma, que a diferencia de tudo que existe sobre o solo terrestre, é o que se chama, às vezes, de feminilidade, mas, que é, sem dúvida, a mais alta manifestação do “Amor

Doado”, sem a pretensão da recompensa imediata, sem a ânsia do “fazer frenético”, sem o gosto do “aparecer dando”, sem a publicitária imagem do “Amor industrializado”.

Pulverizada a essência da mulher, vê-se em perigo a estrutura pessoal do Homem, em busca angustiada, por toda vida, do seio materno que já perdeu; a eterna procura da mão acariciadora e amiga da hora incerta, do beijo balsâmico que cura a dor e, sobretudo, do olhar penetrante que é o farol na escuridão das tempestuosas noites da sua existência que no momento se estertora no domínio da toxicomania.

A mulher, o ser pulverizado do mundo contemporâneo, é, sem dúvida, o mais glorioso e “vencedor”, dos mortais. E, ao Vencedor, as Batatas, como sentencia o nosso Machado de Assis.

A superficialidade de contacto

É um contacto superficial. Como se flutuassem num vasto volume de água turbulenta e não se deixando contaminar nem um pouco pelo incômodo jogo das forças conturbadoras, dando a impressão de um barco deslizando na paisagem irreal de um quadro de Jenner Augusto. Apenas isso.

Assim seguem seus caminhos, deslizando para um “não sei onde”, vago e indefinido. Aliás, é exatamente porque o “depois” é ignorado e duvidoso que se sentem melhor sem mergulhos que os façam descer em profundos e enigmáticos abismos. E a estratégia é clara: a superficialidade do contacto para evitar a fricção. Necessário evitar os choques. Eles desgastam e aniquilam.

Falo dos homens na sua caminhada fazendo o percurso em cima do planeta Terra. Falo da jornada humana em busca de si mesmo, fugindo do outro.

Das massas humanas perseguindo a felicidade. Dos esgares e dos risos, das lágrimas e das gargalhadas dos homens entre si seguindo em frente; sem as laterais, com metas determinadas, prazos curtos, lucros fixados, sem perda de tempo.

Melhor, sem tempo para contactar em profundo. Apenas “fechando os contactos” por telefone e em meias frases. Mal eles (os contactos) se abrem já estão fechando em ritmo de jato. Faça tudo no meio do ar como as gotículas de pó

invisíveis a olho nu. Não há tempo para contactar. O que se pede hoje já deveria ter sido feito e o que se deseja para amanhã chegará tarde demais; infelizmente. Mas se tenta chegar em tempo.

Ganham-se os prazos pelo menos. Tudo muito rápido. Velocidade da luz. Que bobagem ultrapassada! Velocidade do último foguete; não do que se conhece, daquele outro que é ainda segredo de Estado. Depois se aprofundam os contactos; mais tarde, quando houver tempo. Só que ele não chega. É a grande e ilusória imagem: o oásis sonhado do executivo.

Oi! É uma palavrinha só. De quebra, para tapear. Se tem resposta, *chi lo sa?* E para que saber se não se precisa dela.

Oi! Se não está tudo bem é como se estivesse e se há algo a dizer que o faça rápido. Que se pode fazer em 12 horas comerciais? É tão pouco para o muito que se deseja alcançar! Os aviões esperam por acaso e o dólar pára de subir? Jamais acontecem esses milagres. Outros acontecem, mas como ter notícias deles?

A semente brota às vezes da pedra com pouca água, a criancinha sobrevive quase sem comida, a mãe perde o filho e continua a caminhada e o homem pobre divide um pão para dez bocas e no outro dia ainda tem esperanças.

As notícias chegam anunciando outros milagres. Do robô, por exemplo. Do último modelo de automóvel ou do FMI.

Algo mais do que antes, maior, melhor, mais rápido, grandioso, brilhante, custando mais do que bilhões de cruzeiros.

Nada que possa implicar em olho no olho, reflexão, mergulho no fundo do poço, sonda fina na ferida interna,

verdade à luz do sol; nada que resulte em fortes laços, enredos, nós ou amarras.

Barco deslizando, sem âncoras. “Aqui e agora” antes que não mais seja possível, pois que este é o espaço que a custo se consegue e o depois pode não existir.

Nada que esteja preso em estacas fincadas, terreno firme; mas, dunas arenosas que furacões desfazem.

Horas não. Só alguns minutos para decidir. Pena não dispor de mais tempo para contactar.

Assim se reduzem os encontros entre os homens: sem dores, nem amores. Sem conseqüências; num roçar de peles. Um toque rápido: sem compromissos, sem os laços. Sutilmente. De leve...

Passando ao largo.

A Mansão do Caminho: um orador sacro e um milagre de amor

Poucos sobem em tão modesto púlpito tão despretensiosamente. Ele o faz como se, na sua incessante faina diária, nada fosse acontecer de novo. O fato insólito é que acontece; e é como se fora uma marca, um significativo sinal de sua vocação inconteste.

Vocação essa, aliás, que transparece na harmoniosa composição dos elementos que se consubstanciam na sua autêntica figura de orador e que se percebe fácil através de uma palavra, sempre tocada por uma força indiscutivelmente dominadora e estranhamente fácil que expressa um pensamento estruturado, permanentemente modulado por uma voz ajustada ao conteúdo epistemológico que a sustenta. Aliás, os três elementos – a palavra, a voz e o pensamento – jamais desafinam; nem mesmo se atropelam comprometendo a harmonia do conjunto. Muito ao contrário; eles se harmonizam como se regidos por uma invisível batuta que se pressente no ar hierático de um modestíssimo salão despojado e simplório que se enriquece em certas noites da nossa exaustiva semana de trabalho, do sofrimento e cansaço dos homens que lá se apinham ocupando todo o espaço disponível, desde o desconfortável banco de madeira simples ao pedaço do chão duro. Alguns deles possuídos daquela fé que cura, muitos imbuídos da caridade que salva, mas, sem dúvida, todos eles sustentados pela radiosa esperança que consola emprestando ao ambiente um profundo e benéfico ar de paz e

espiritualidade que envolve também aqueles que lá estão por mera curiosidade científica. É portanto para uma platéia heterogênea nas suas características sócio-culturais, perfazendo a variada gama da hierarquia social do juiz e do médico, do indigente, do deputado e ex-prefeito ao modesto funcionário público, do milionário ao mendigo, que sua mensagem deve penetrar para irmaná-los na sua dor, tornando-os iguais, humanizando-os. É portanto para um público homogeneizado pelo sofrimento que sua palavra deve atingir para individualizá-los, tornando única e intransferível a dor de cada um deles.

De tal forma se ajustam público e orador que jamais, na sua discursiva apresentação, percebe-se o bocejo do enfado, o ar do cansaço ou mesmo a silenciosa retirada discreta da discordância.

A temática cristã penetra essa atmosfera, emprestando-lhe, sem dúvida, a beleza das mensagens evangélicas em cromática escala axiológica que vai da rubra força da coragem à esverdeada suavidade da esperança, que ressalta ora as virtudes cardinais e ordinais, personificadas nos exemplos pessoais de Buda ou Cristo, de Paulo ou Tiago, da Irmã Dulce ou Tereza de Calcutá, ora as fraquezas humanas que são, às vezes, lírios sobrevivendo nos pantanais da nossa conjuntura econômico-cultural. Seja uma pequena história verídica acontecida nos Alagados ou no Pau Miúdo, ou seja um escandaloso caso de Nova Iorque ou Genebra, em ambas as situações a mensagem emerge clara e translúcida, sem anbigüidade.

E porque, em Divaldo Franco, o pensamento se estrutura rápido, a palavra flui impressionantemente límpida e a concatenação lógica não é jamais traída.

Como numa maquinaria, o impulso do raciocínio aciona uma articulação que por sua vez estimula o encadeamento intelectual das idéias. Num moto contínuo, a argumentação se processa sem estabelecer hiato algum entre a elaboração

da idéia e a articulação da palavra. Então se ergue o discurso que se mantém sempre num bom nível intelectual. A temática teológica que é o *substratum* dessa edificante construção se ajusta perfeitamente ao arcabouço lingüístico e esse encaixe transparece na força da persuasão, que convida ao raciocínio, estimula a análise e pacifica a inquietação. Aqueles que têm ouvidos para ouvir penetram além da palavra e se enveredam pelos ínvios caminhos da fé, integradora e gratificante, a fé que permite ver o invisível e dizer o indizível. Os que não crêem também se gratificam, porque recebem o fluxo enérgico de um amor profundo que emerge naturalmente do ambiente impregnado todo ele de uma inusitada solidariedade humana. A forma expressa e indubitável desse amor se somatiza magistralmente no ambiente da “Mansão do Caminho” que ao completar 29 anos, confere a Divaldo Franco e a sua equipe de trabalho a respeitabilidade daqueles que conseguem convergir numa realização concreta a Palavra e a Obra.

Em Jesus – *Verbo carum factum est* – a Palavra se fez Carne. Na “Mansão do Caminho”, o ideal se tornou real, a prece se fez Pão, porque o Amor fez o milagre.

A forte presença de agosto

Era uma forte presença sempre atuante. Sua ausência era uma falta e sua falta é até hoje uma presença viva na lucidez mental daqueles que tiveram o privilégio de ter a sua companhia como galhardão ilustre de vivências idealistas. Jamais vacilante, nunca indefinida, Zahidé Machado Netto era dos que têm coragem de seguir e lutar, a coragem de fazer para acertar ou errar, caso as previsões falhem. Zahidé Machado Netto sabia ser onde estava, sem que isso abalasse sua excelente estrutura psicológica, uma sadia e invejável disposição para viver: “Nada me fará desistir de curtir meus netos e minha batidinha de fim de semana”, costumava dizer-me nas longas e intermináveis conversas telefônicas que mantínhamos nas caladas da noite. Era o tempo que nos restava.

Socióloga por instinto e intuição genética, tinha a visão aguda do “fato social”, como lente poderosa para enxergar no momento exato o que se passava no contexto social. Com estas armas podia e enfrentava seus compromissos profissionais sem dificuldades.

Em agosto, porém, sua presença era mais viva entre seus amigos. Era o mês do seu aniversário. Mês de um gosto particular, o de reviver a sua imagem tão nítida quanto à lembrança que dela ficou num agosto longínquo, quando recebeu efusivamente os parabéns dos seus amigos e companheiros de trabalho que, em torno de sua pujante figura humana de mulher definida e expressiva, representavam na-

quela época – recém-chegada de Brasília – o seu renascer baiano. Renasciam suas esperanças numa Universidade brasileira vitalizadora, aproveitando uma experiência vivida intensamente na nova e então discutida capital do Brasil. Mês de um gosto saudoso, que revive um belo porão do venerável prédio colonial da Reitoria, onde anos juntas trabalhamos num ambiente mágico de reformas e esperanças, reformulações e sonhos, magnas verdades vivenciadas num ambiente de compreensão humana e fraterna alegria. “Bons tempos”, que costumava reunir alguns “bons”. Lá estava Luiz Rogério com a sua perspicácia analítica, Diógenes, Thales de Azevedo, Dermeval Trigueiros, Pierre Furter, envolvidos na figura inesquecível do reitor Miguel Calmon e na força ética marcante de Américo Simas e sua equipe: Carlos Gomes, Fernando Fonseca e Dourado, Ailton.

Não era uma inteligência à mercê de uma desorganização interna que passa a se refletir em comportamentos emocionais comprometedores do equilíbrio dos ambientes onde atua, como é comum encontrar-se e até justificar-se: “É muito inteligente, mas temperamental”.

É uma frase encontrada para dar cobertura aos desmandos dos muitos de vontade inciplinada que, contrariando-se, agri-dem violentamente, destruindo-se e abalando as pilstras de qualquer estrutura psíquica. Era – isso sim – uma presença exuberante e rica, podendo preencher qualquer espaço que se considerasse em clima favorável para o raciocínio discursivo que se enriquecia com os *insights* de uma primorosa e invejável intuição, quase visível de tão comprovada e atuante.

Lá, Machado Netto sempre aparecia para discutir e participar. A Lei 5.540 pairava no ar como meta a atingir. Necessário se torna examiná-la à luz das realidades acadêmicas da UFBA. É para esse cuidadoso exame e refletida análise, o magnífico reitor Miguel Calmon, realmente magnífico, não

poupou esforços. Reuniu-os todos, os que desejavam contribuir. Zahidé Machado Netto coparticipou sempre, emprestando sua lucidez e seu explosivo entusiasmo, sua missão sociológica, seu enfoque particular.

E de lá saímos para outros setores de trabalho da UFBA, partilhando uma seara que foi sempre sagrada: o amor à Universidade, num tempo em que as instituições carregavam consigo um símbolo quase sagrado.

Neste agosto universitário, frio, de uma angústia dolorosa, aquecido apenas por novas perspectivas de um amanhã político mais vivo e quente, não é possível esquecer aquela mulher co-participativa e corajosa, explodindo de cor, de vida, de crença numa nova aurora, onde a dignidade dos cargos e das missões universitárias representasse para a juventude a lição da Universidade, a própria "oração dos moços", onde a deontologia fosse a própria ética do professor, o seu exemplo, como extraordinariamente analisou Pedro Nava, numa das suas mais lúcidas entrevistas, referindo-se ao ensino médico no País.

Neste fim de agosto melancólico e cinzento, a saudade de Zahidé se esparge como cinzas de uma época longínqua, onde certamente ela pontificou.

Interessada na problemática da mulher, em face do seu ideal de libertação pelo trabalho, lançou-se Zahidé, como era da sua formação e estrutura mental, a uma análise sociológica. Lendo nos últimos dias o trabalho de Sílvia Morgensztem, sobre a participação feminina na força-trabalho e suas consequências, indagando até que ponto o movimento feminista, após 20 anos de desenvolvimento, mudou o panorama da situação da mulher e seu papel na sociedade, a palavra de Zahidé surge forte no espaço vazio da sua ausência física, impulsionando-me a relembrar a sua figura singular e inesquecível.

Eles, os mestres... nós, os licenciados...

Eles eram realmente mestres. Não possuíam o título registrado no papel. Tinham algo mais, adquirido no longo processo de viver à procura de respostas aos seus contínuos questionamentos que, na realidade, não eram somente seus, mas sim dos que sentados à sua frente, cada dia mais precisavam delas.

E, como buscavam, se fortaleciam e, como se fortaleciam, transmitiam, não propriamente o que sabiam, mas o que eram. E como sabiam SER, o que nos transmitiam era o essencial e não o accidental.

Tive sorte de os conhecer e de ter vivido entre eles, podido olhar nos seus olhos de frente e, de posse da sua confiança, amá-los ou, às vezes, odiá-los: não importa muito. O que importou mesmo foi permear as vivências, dissipar os medos no exercício do confronto, captar-lhes o que ficou após o total despojamento do superficial e do inútil; penetrar-lhes além da linguagem gestual e caminhar nas diretrizes dos seus caminhos seguindo-lhes, às vezes, os passos seguros e, por vezes, cambalear com eles e vê-los soerguerem-se mais fortes do que antes; sempre com a fibrosa argamassa da lealdade, sem a subserviência, da franqueza, sem a grosseria; da autenticidade, sem a agressividade; da coragem, sem a afronta; do diálogo, sem a ofensa, e da dialética contínua em busca de um consenso.

Um longo percurso, por certo, mas que valeu a pena pelo que ficou. E foi o bastante. Da paisagem impregnada em nós ficou a mansidão dos lagos convivendo com o arroubo dos vendavais necessários; permaneceu a suavidade da brisa conjugada aos trovões dos temporais e, com eles, também a firmeza do arbusto a lutar em busca do sol, da luz e da aurora do amanhã. Falo de nós, os que tivemos um curso primário das “8 da manhã às 3 da tarde” – como se dizia na época –, os que fizemos um ginásio sem esportes e jogos, nas ultrapassadíssimas décadas de 30 e 40, enfim, nós os bacharéis em Ciências e Letras, título que soa pomposo aos ouvidos atuais, ridículo até, mas que significava o término de uma etapa do longo caminho, o qual era possível enfrentar com algumas certezas e dúvidas estimulantes, sem a culpa da bomba de Hiroshima, sem o tormento do massacre nazista aos judeus, sem a ameaça do domínio da violência, pelo menos. Nós os que pudemos absorver, no curto espaço de oito ou nove anos, não muito de conhecimentos talvez, mas que pudemos receber uma estrutura orgânica de ser, uma argamassa vigorosa de personalidade, a maneira de ver além dos olhos, de ouvir mais do que os ouvidos permitem, de tornar o intangível através da crença num ideal que vivia dentro de cada um de nós, a fé no amanhã, um amanhã no qual se acreditava como possível de se enfrentar, de conviver, de se realizar, de se confrontar, de se vislumbrar sem a enigmática pergunta do “para que”. A pergunta era outra e não se desenvolvia dentro de uma ótica pragmática; pelo menos não tão imediatista. Nem pior, nem melhor do que hoje; apenas diferente. Cogitava-se muito sobre o “porquê”, o “onde”, e o “quando” em torno dos fatos, do meio ambiente ao qual o homem procurava adaptar-se e nele conviver harmonicamente.

Desejava-se ao outro “felicidades” e não o sucesso – a mágica palavra do mundo contemporâneo – e aprendia-se nos ginásios a SER. Eram importantes a honestidade, a lealdade, a gratidão, o respeito ao outro conteúdo este que se absorvia “ao vivo” no contato do Ser com o Ser, no relacionamento aluno-professor, no viver com eles, os mestres de então, sem as licenciaturas e os mestrados. Chegavam de bonde, lentamente, sem afogadilho e sem açodamento. Iam até a sala dos professores e trocavam idéias. Dirigiam-se, então, à sala de aula, só de giz, quadro-negro e alguns cartazes. É bom revê-los nas molduras antigas do passado. De porte majestoso e cabeleira a solta, passo amplo e olhar penetrante, sorriso raro, mas aberto e franco, chegava Tenório de Albuquerque ao solar do Conde dos Arcos. Não tinha pressa e, na sua percepção, o aprender era mais importante que vencer o programa planejado, o que significava dizer que, no seu palco, estava mais presente o aluno do que o conteúdo. Preocupava-se mais com o “raciocinar” do que com o “contar”, e o fato matemático emanava dele como a cristalina água da fonte exuberante. Cartesianamente, apresentava o método onde deveria estar presente a ordem, a organicidade de idéias, a clareza e a exatidão. Um pouco mais apressado, magro e já encanecido chegava Oliveira Netto, nosso velho professor de história. A firme mansidão do seu jeito de ser era uma lição de vida e não tanto a história que nos contava. Pesquisou e escreveu seu livro sobre a Idade Média o qual aprendemos a manusear e também a ouvir dele o essencial, a buscar na sua obra a complementação das suas aulas. Mas, como era de tarde, ainda com os raios do sol penetrando nos históricos azulejos do antigo prédio tombado do Ginásio Americano, chegava Armando Costa, aristotélico por excelência, peripatético e

ordenado, com seu conteúdo bem estruturado. De uma sóbria elegância nos ficou dele a seriedade de propósitos, a firmeza de atitudes, a presteza no julgamento e a fluência da linguagem. Justo, exato e objetivo.

E também naquelas longínquas tardes se evidenciava o tom científico de Eloyvaldo Chagas de Oliveira, nosso professor de física. Dele se impregnou em nós o raciocínio rápido, a inteligência brilhante, a perspicácia no captar e a maneira de contornar o trágico com a sátira; e principalmente o saber rir na hora certa, o desconcertar em vez de amedrontar, o ir e vir dialético das suas aulas ao apresentar os fatos físicos na natureza. Não havia muitos aparelhos e certas leis eram explicadas usando uma simples régua, um lápis e uma folha de papel; sem incriminações contra... Sorria; e dele emanava a sabedoria de contornar inteligentemente uma situação difícil em classe. E a química tinha um representante significativo que chegava de carro. Ficávamos admirando o automóvel do professor Tobias Netto que entrava apressado nas arcadas do solar. Preocupava-se com a segurança da avaliação e falava sempre citando os fatos mundiais. Nós o sentíamos vivo, atuante, em luta por ideais que não percebíamos bem quais eram, mas que a nós não importavam muito. Bom mesmo era o seu vigor nos embates. Falava rápido e vivaz e nos ensinou a forma de ir adiante e prosseguir nas dificuldades. “Vamos moça – continue a raciocinar”, dizia-nos constantemente. E as famosas fórmulas decoráveis e indecorosas!!! Às vezes fechava os olhos a quem não sabia de cor. Não é isso o mais importante, pensava e lançava-nos aos problemas. E que ficou do francês e do latim a mais do que a bondade retida na expressiva linguagem dos interpretativos olhos tristes de Cristiano Muller, e, do português e da literatura, mais do que o amor à cultura que emanava de Basílio Catala? E da geografia não

se podia ter memorizado os pontos geográficos, mas captado a alegria contagiante de Oscar Hilário: aquele bom humor sempre presente, tempero indispensável à monotonia da geografia física.

Todos eles, enfim, contaminados pelo elan educacional dos Baker, Peter e Irene, ambos penetrados de talento e vocação para caminhar conosco. Disse Fernanda Montenegro, em recente entrevista, que uma pessoa com talento e sem vocação vai ficando no caminho... Neles, as duas forças se conjugavam a serviço de uma faina cotidiana que começava às seis da manhã e terminava quando nos seus olhos chegava o cansaço.

Ele, Peter, suave e forte, a mim, particularmente, transmitia a crença na humanidade e, a todos, a fé na potencialidade humana. Ela era forte demais. Sem possuir a suavidade dele, substituiu-a pela coragem de amar seus alunos e de se expor...

Certa vez havia alunos e faltava sala. Corria o ano de 1932. Faz portanto 50 anos. E Irene Baker não hesitou. Levou-nos ao grande quintal e lá, sob a sombra de um grande tamarineiro, nos deu uma aula de geografia: "Uma viagem à África". Escandalizou a escola inteira, porém sentimo-nos na própria selva africana. Criticada, silenciou... Expunha-se e corria os riscos das inovações.

E nos velhos casarões de Salvador, onde se instalaram os nossos grandes educandários, quantas figuras marcantes e indelévels pontificaram! Tripoli Gaudenzi, Raymundo Brito, Afonso Pitangueira, Casilandro Barbuda, Virgílio Oliveira, madre Santa Inácia, Mário Augusto Castro Lima, Adilson Sampaio, Nelson Barros, Moura Bastos, Carneiro Ribeiro, Anfrisia Santiago, Raul Sá, Hermano Santana, Conceição Menezes, irmã Elisa Maria, padre Torrent, Roberto Corrêa, Solon Guimarães, Bernadete Sinai Neves, Odete Raynal,

Herbert Fortes e tantos outros que a nossa fraca memória escapa, oferecendo a cada dia a sábia lição de suas próprias vidas.

Nós, os licenciados da Faculdade de Filosofia, recebemos, pela contingência histórica, a incumbência específica de substituí-los. O processo tão doloroso quanto desafiador e estimulante desta aventura vale uma página da educação na Bahia. Sobretudo porque entramos nele pelas mãos dos doutores de verdade que acompanharam Isaías Alves e que nos introduziram nas escolas secundárias de Salvador. Falaremos deles, cultuando a verdade, como falamos destes, homenageando o mérito.

Suave passagem

Foi suave a sua passagem pela estrada. Imperceptível quase para os que valorizam as glórias do estrondoso sucesso profissional e as espalhafatosas lantejoulas das aparências sociais.

De passos largos e visão profunda, o seu caminhar foi reto, contornando as armadilhas naturais das veredas povoadas de imprevisíveis perigos ao caminhante inexperiente.

Assim se me apresenta aos olhos, tocados pela misteriosa magia da ausência, a imagem de Itália Magnavita Schawn. Jovem ainda, iniciou a sua trajetória profissional no Colégio Dois de Julho sob a égide dos Bakers, ensinando Latim naquelas longínguas manhãs de maio da década de quarenta, enquanto as tardes eram vividas no velho casarão de Nazaré, onde Isaías Alves com sua equipe instalou a novel Faculdade de Filosofia. Sua figura clássica de medalhão romano permanece na tela das recordações, totalmente envolvida na história dos primórdios daquela instituição bem nascida porque inspirada em elevados ideais de um humanismo puro onde se conjugaram duas forças poderosamente incontestes: a curiosidade dos jovens que realmente desejavam aprender a aprender e a sabedoria disponível dos mestres que se lançaram à proposta de ensinar a ensinar.

Consigo vê-la percorrendo aquelas amplas salas, descendo e subindo antigas escadarias de madeira rangindo ou se esgueirando por passagens estreitas do terceiro andar

sem pressa ou a angústia, trazendo dentro de si a singular característica da simplicidade que emoldurava sua beleza nitidamente européia.

Fez parte, Itália, daquela falange pioneira de alunos da Faculdade de Filosofia, aqueles que pegaram da vassoura e lavaram o velho pátio, daqueles que percorreram as firmas comerciais com o Livro de Ouro em mãos angariando donativos para compra de equipamentos, daquele grupo que se vinculava à instituição, batalhava pela sua melhoria e lutava desesperadamente pelos seus ideais políticos, por suas variadas e contraditórias ideologias. Participava conscientemente e simplesmente amava; não estava contaminada pelo desamor, embora no calendário se situasse dentro de um caldeirão que foi a Segunda Guerra Mundial, com toda a problemática de bombas explodindo. Não era definitivamente o que se possa chamar um tempo bom. Pressentia-se a guerra nuclear e Hiroshima estava no ar irrespirável daqueles lindos crepúsculos que o Senhor do Universo oferecia e que a igreja do Sagrado Coração de Jesus, ali juntinho, assinalava com a Ave-Maria de Gounod e o badalar dos seus grandes sinos. Saíamos juntas no pátio de entrada e o chão era um tapete; Itália enchia as conchas de suas mãos muito alvas do jambo vermelho, fruto abençoado da velha árvore plantada pelas mãos do mestre Isaías e morta pela dor da sua ausência.

Morreram juntos. Procuro Itália e o jambeiro. Por que tombaram pela falta do amor?

No chão vermelho do pátio de cimento carcomido, rodeando um tronco forte, o tapete rubro de sangue vivo, exuberante, de uma agressiva e bela vitalidade, Itália fitava romanticamente aquele quadro e curvava-se para sentir e palpar a beleza extasiante que ali estava diante de nós e gentilmente se oferecia.

Desse sangue rubro e vitalizador, ela iria precisar muito durante toda a sua vida para atingir os objetivos com os quais partiu para a longa caminhada.

Nessa paisagem, ela se encaixava harmoniosamente. O velho casarão, a igreja, os sinos e sua simplicidade se entrosavam.

Carregava consigo, no nome significativo que assinava, não só os traços fisionômicos de uma beleza clássica, mas, sobretudo, um singular espírito de solidariedade humana.

Aqueles que a conheceram nas décadas de 50, nas salas de aula dos colégios de Salvador – Dois de Julho, Sofia Costa Pinto, São José, Ypiranga, Colégio Estadual da Bahia – ou na UFBa – Colégio de Aplicação e Instituto de Letras –, percebiam logo que ela era uma das “licenciadas” – aquelas moças que ousavam ensinar filosofia e latim, matemática e física, química e biologia, história e geografia, psicologia e sociologia, inglês, francês e alemão e até mesmo grego, substituindo os grandes e consagrados mestres de então: Cristiano Müller, Raymundo Brito, Raul Sá, Tenório de Albuquerque, Gabriela Sá Pereira, Gina Magnavita e outros; – aquelas moças em cujas mentes talvez faltasse a sabedoria, mas de onde jamais se ausentou a coragem de assumir, com a ciência, suas responsabilidades. Difícil compreender no “aqui e agora” o que realmente aconteceu no ignorado acolá e no esquecido ontem do passado. Imagens perdidas no tempo, mas que marcaram algumas vidas que voltavam sempre à presença de Itália para uma consulta, um conselho, uma orientação, a busca “dessas coisas” que são pedidas aos que têm as mãos cheias. Por sua porta aberta se penetrava fácil na sua biblioteca, sempre tão disponível quanto o seu tempo, os seus ouvidos, o seu jeito especial de ser. Trazia consigo não só o nome do país que amava, a viu nascer e a embalou carinhosamente até a

adolescência. Hauriu da sua pátria o temperamento romântico dos amantes, daqueles que, cultivando o Amor, aprendem a amar, além do Bem e do Mal, da Pobreza e da Riqueza, da Verdade e da Mentira. Um amor que se concentrou a princípio no Ser Amado e se expandiu amplamente para a humanidade em comoventes atividades de doação plena, sobretudo aos seus alunos que foram muitos no decorrer de 30 anos de magistério, de um ensinar contínuo que iria levá-la à chefia de um Departamento Universitário. Sua cultura humanística a levou a amar o latim, o português e o italiano, levada pelas mãos experientes de Gina Magnativa. Coadjuvando a sua formação, estiveram presentes, na UFBA, Tavares de Macedo, Carneiro Ribeiro, Hermano Santana, Hélio Simões, Hélio Ribeiro, Aurélio Laborda, Van der Haegen e, na U.F. do Rio de Janeiro, o grande Ernesto Farias com quem se especializou na metodologia e prática de ensino do latim.

Mentalidade aberta voltada para o aluno como um todo, uma pessoa, jamais se preocupando com as questiúnculas enfadonhas de um aprendizado formal, Itália estava sempre acima de tudo que não fosse o essencial, o profundo, o vertical. Por isso decepcionou-se profundamente com o então chamado ensino secundário. Quando o latim foi retirado do currículo, sentiu a dor do corte da raiz da sua árvore, das suas próprias raízes, do seu essencial. Dedicou-se então ao português e ao italiano. Voltou a sua pátria. Para lá se dirigiu sempre que precisou de alento, da força do seio materno. Assim aconteceu nas suas grandes dores. Buscava a terra e voltava fortalecida da velha Europa de onde trouxe a sua imensa capacidade de Amar.

Assim passou a minha doce amiga; sem dúvida, uma suave passagem na terrível aridez do seu caminho.

As vozes do silêncio

Admiro e respeito o austero silêncio dos laboratórios onde se debruça o cientista sobre os tubos de ensaio e tenta falar a complexa linguagem da natureza, perscrutando-a na ordem lógica das suas leis.

E cala profundo em meu coração o silêncio santificado do sacrifício que beatifica a jornada dos que se dão ao próximo com o fervor de A. Schweitzer e Tereza de Calcutá, na silenciosa voz da caridade plena.

Assusta-me o silêncio culposos daquele que, temeroso do brilho ofuscante da verdade a embaçar-lhe a vista, expressa no olhar de soslaio a mesquinhez que se aninhou no seu coração. Curvo-me respeitosamente perante o silêncio prenhe de idéias do escritor, do intelectual que, mudo, toma da sua pena e lança no papel em branco toda a expressiva linguagem dos seus profundos sentimentos, dentro da complexa dialética discursiva da sua mente. Admiro meia perplexa o dignificante silêncio dos *ateliers* onde o artista maneja o material informe que, em suas mãos, se transforma na arte pura que o transfigura momentaneamente para que capte dentro de si mesmo a maravilhosa centelha divina que lá habita, no silêncio do enigmático vão de sua mente.

Venero e respeito o silêncio dos velhos mosteiros onde a pobre voz humana se cala humilde para que mais alto se possa ouvir a impenetrável linguagem de Deus.

Vetustos mosteiros de sábios monjes que, rompendo a vulgaridade das palavras empobrecidas pelo desgaste do uso inadequado, cerram os lábios cansados e falam a linguagem do coração. Encanta-me o fulgurante e silencioso olhar do amor verdadeiro que dispensa a palavra, incapaz de traduzir o pulsar do seu coração como o silêncio da areia ouvindo o marulhar das ondas sobre ela.

Penetra-me no âmago o silêncio da dor profunda que emudece os lábios e faz descer lágrimas na face do homem macerado pela angústia como o da mãe que, sobre o túmulo de um filho, sente esvaír-se a própria vida, desintegrando-se do mundo caótico para penetrar no mundo silencioso e confortante da fé.

Grita dentro de mim o brado silencioso da criança faminta que nem chorar mais pode, envolvida na muda e terrível linguagem da fome e da sede. Apaixona-me o enigmático silêncio dos abismos oceânicos, onde o mergulhador penetra, tentando comunicar-se com a linguagem muda da sua intrepidez, e, de igual modo, fascina-me o silêncio dos altos cumes das cordilheiras, onde os alpinistas chegam, atraídos pela exuberante voz silenciosa e bela da natureza.

Fere-me o silêncio do arrependimento sincero que vivifica um coração martirizado pela dor do crime praticado, matando a linguagem do amor.

Cultivo o silêncio áureo do que sabe guardar o segredo do outro irmão amigo, preservando-lhe a imagem construída através de esforços, não devendo ser derrubada por fraquezas alardeadas pela indiscrição e, de igual modo, o silêncio de prata do servo humilde que jamais traiu o seu senhor. Atrai-me o silêncio místico e profundo de Moisés, Jesus Cristo e Buda nos sagrados montes do Sinai, do Gólgota ou do Tabor onde ouviram humilde e silenciosamente a voz do poderoso Mestre do universo.

Toca-me profundamente o silencioso êxtase do eremita no Himalaia ou da santa monja entre muros, em total e indiscutível sintonia com o Divino Mestre na mais convincente linguagem que o homem pode captar.

Abate-me o silêncio malicioso que pesa e aniquila, toldando o céu sem nuvens da integridade desejada da beleza interior do homem. Desgasta-me o pesado silêncio que desce a castigar o oprimido na linguagem do ódio que apunhala pelas costas o amigo, na omissão criminosa, gerando a suspeita...

Entristece-me o silêncio frio que humilha aquele que febrilmente pede um olhar compreensivo ou um aperto de mão acolhedor em horas incertas, tanto quanto alegra-me o perdão que compreende a silenciosa e humilhante omissão do seu próximo e lhe oferece uma oportunidade a mais de Redenção. Assim fala o homem a expressiva voz do silêncio na linguagem muda de suas grandes emoções, puras, nas paixões dos seus grandes momentos perturbadores quando, sem dúvida alguma, no seu Eu interior e divino, Deus está presente ou não consegue penetrá-lo...

Como se nada fosse...

Como se nada fosse, o Sol irrompe, forte e vigoroso, cada manhã que nasce e se adentra pela terra em raios brilhantes da beleza e da energia cósmica, derramando-se sobre a mãe natureza, beijando-a, amorosamente, e tentando dar-lhe a vitalidade da Esperança no amanhã renovador que virá.

Como se nada fosse, ele absorve a gotícula de orvalho que umedece a pétala da rosa e a transforma na gota da chuva que fecunda o solo árido e seco, propiciando a floração da árvore benfazeja e serena.

Como se nada fosse, a enxurrada desce célere pela encosta da montanha, serpenteia e sulca-lhe o seio úmido para engrossar o rio caudaloso que corre lentamente no sopé, à espera do que virá dos céus para engrandecê-lo.

Como se nada fosse, o aguaceiro chega providencial, irrompendo do ninho denso para molhar a relva pronta para alimentar o gado faminto a desejá-la.

E o animal se curva sobre a terra e sorve do regato próximo à sua toca a água refrescante e límpida que o animará na luta pela sua sobrevivência em selva bruta.

Como se nada fosse!...

E a mulher, depressa tira o seio do regaço e o apresenta à criança, que chora e grita, tomando do leite branco que escorre farto no colo negro alvejado pela alvura daquelas gotas que todos nós provamos um dia.

Como se nada fosse...

E, de quando em quando, risca a noite escura o raio que eletriza e fulmina, demonstrando ao homem toda a força natural do Cosmo, que se torna assim visível a olho nu do homem descrente e soberbo.

Como se nada fosse...

E no ventre da terra e no ventre da mulher crescem sementes que se transformam em seres, componentes todos da imensa e indescritível harmonia do universo. E assim tão de repente.

Como se nada fosse...

E o espermatozóide fecunda o óvulo enquanto os corpos se unem no casebre ou no palácio, na choupana ou na mansão; lábios se entreabrem e a criança nasce envolta na vitalidade de um líquido vermelho e tonificante.

Como se nada fosse!...

Como se nada fosse acontecer, desliza a pena do escritor sobre a folha em branco do papel em tela e, pela palavra fraca, transmite a incomensurável força da idéia nobre e impulsionadora.

E, de braços fracos, nadando mar a dentro, o homem salva, em meio à tempestade, a criancinha indefesa que foi levada pela correnteza indiferente e fria do mar encapelado das manhãs de março.

E de pingos de luz se cobre o firmamento para que o pescador, no pobre barco lançado ao oceano manso, possa divisar a rocha perigosa que se aproxima.

Como se nada fosse!...

No leito de morte, o velho sorri, entrevendo o futuro promissor além da fímbria do horizonte que seus olhos fitam pela última vez, e dorme o sono definitivo na terra. E a criança pede, humilde e ingênua, ao seu Papai do céu, que deseje ver o vovozinho sorrindo em outros páramos.

E assim, como se nada fosse, acontece o ir-e-vir do

processo cósmico indestrutível e harmonioso, criando e recriando as maravilhosas dádivas de beleza e de verdade.

Por isso, a criança, de bracinhos lânguidos e tez pálida, adoece e morre no colo desprotegido e impotente da mãe faminta.

E ela sobrevive à dor pungente e caminha adiante para buscar o pão para alimentar aqueles que sobreviveram ao seu lado.

Como se nada fosse!...

“A Tarde” chega cedo...

A TARDE chega cedo; no despontar do dia; logo após o amanhecer. O pequeno jornaleiro vem com o sol e lança o seu grito forte e claro pela manhã; A TARDE! Chuvosa ou ensolarada, ela chega pelo calor de uma voz humana, pontualmente às seis e tem sido ultimamente um precioso despertador.

O pregão envolve a casa; A TARDE ecoa, invadindo o espaço ainda despovoado e sombrio do alvorecer, penetrando naquele tempo indefinido entre o sonho e a realidade, o adormecer e o despertar, quando as tarefas do dia aguardam a pronta decisão da mente, e ela própria, ainda submersa na noite de suas elucubrações, preguiçosamente se aninha nas sombras tranquilizadoras que a beneficiaram com o seu manto acariciador.

O anunciar forte do pequeno jornaleiro torna aquele indefinido e vago estado mental entre o dormir e o acordar um momento significativo, muito especial, como que algo de fora a se introduzir num mundo interior e próprio, altamente privativo. Uma intromissão indébita mas que, de tão real, consegue se colocar no miolo de um caos feito de desordenadas imagens e não menos desorganizadas idéias que perpassam na mente, tentando uma arrumação seqüencial, dentro de uma estruturação esquemática que acaba se constituindo na programação do novo dia que surge, envolvido na chegada de um simples jornal. A TARDE! – grita o garoto.

Na confusão inicial do despertar, o ecoar de A TARDE pode se tornar, e isso acontece às vezes, o fio associativo longo da dialética mental. E é aí que começa propriamente o impacto do ser e do não ser, do estar e do não estar, do permanecer e do devenir. Até que ponto este dia que vem chegando, avizinhandose até nós, de mansinho, com o subir do sol no horizonte, não nos chega tarde demais no longo processo evolutivo das nossas vidas?

Tarde demais ou ainda cedo para aquela decisão importante a ser tomada? Tarde para a hora exata que foi marcada comprometendo outras vidas? Tarde ou ainda cedo? Tarde para recomeçar uma nova vida? Os pensamentos enchem o espaço mental ainda sem dono. Tarde demais para deixar de fumar, para começar o novo regime, para chegar ao trabalho, assinar o relógio de ponto? Tarde demais para colocar aquela carta no correio que devia estar em Paris naquela data?

O pregão se repete. A TARDE! Os olhos ainda fechados, a mente porém se abrindo à realidade do fato concreto. Tarde demais para o País se recompor e para o homem de amanhã reconstruir um mundo novo? Ou ainda muito cedo para enfrentar a luta que se trava entre o poder aquisitivo e o consumismo? Os olhos relutam ainda e permanecem na noite do ontem.

Tarde é uma palavra que pode ser trágica ou romanticamente bela. Tarde demais para salvar aquela vida que chegou bruxoleante no leito do velho hospital? Será que o organismo enfraquecido reagirá em tempo?

Teria sido tarde demais aquela decisão de nunca mais falar naquele assunto desagradável e centralizador de tantos problemas?

Tarde demais para esquecer o que jamais deveria ter sido lembrado?

Tarde de harmonia e calma quando se concretizou um sonho dourado; tarde florida, com a natureza em festa quando se encontrou o tesouro almejado de um amor verdadeiro! Tarde de verão, mar azul, céu de nuvens, coração batendo pela chegada de um baby róseo e tranqüilo, dormindo em berço de fitas cor-de-rosa!

Tarde outonal de maio, alma dolorida pela saudade de uma perda irreversível!

A TARDE! O jornaleiro insiste, o pregão ressoa. A casa envolta ainda nas névoas da noite, o bem-te-vi apenas se faz ouvir bem longe, nas amendoeiras do jardim; mas A TARDE está presente na cabeça pensante, caótica, que no "dorme e desperta" vai recompondo a realidade perdida na noite que passou.

A TARDE agora é um catalisador no processo da retomada do fio da vida interrompida há pouco, na noite precedente. Irrompem na torrente ininterrupta das idéias os compromissos assumidos, muitos e – quantos deles – tarde demais para serem desfeitos, já selados nas injunções impositivas das férias correntes da vida. Tarde demais para quebrar alguns elos dessas correntes que enlaçaram vidas e rejuntaram pedras oriundas de várias pedreiras!

Tarde demais para oferecer a mão amiga àquele que a solicitou cambaleante e tristonho em noite negra de sua existência. Tarde demais para amparar a queda da criança indefesa que distraidamente se dirige ao precipício.

Mas também, ainda que tarde, uma palavra amiga pode ser dada para definir a orientação de um adolescente.

Antes tarde do que nunca, um gesto carinhoso e solidário pode remediar uma dor profunda de um mal que se concretizou em hora de atônito desespero.

Ainda que tarde foi possível evitar um mal maior, e ainda que tarde floresceu a roseira sem o sol que precisava

para florir na primavera.

Tarde demais para agradecer à abnegada mãe que em outras dimensões já se encontra. Antes tarde do que nunca para dar um último beijo do perdão; para oferecer o braço de apoio ao ancião curvado pelo peso dos anos intensamente vividos.

A TARDE vai chegar depois dessa manhã que se anuncia e com ela talvez a brisa mais amena, ou o tempo mais amigo e cansador, menos sombrio e ameaçador das chuvas que vão chegar tarde; hora talvez de um encontro amigo, ou talvez de um desfazer de laços que pareciam indissolúveis. Tarde demais para esquecer quem partiu um dia naquele navio que ainda apita aos nossos ouvidos.

O pequeno jornaleiro chega cedo no impacto do acordar em um novo dia que amanhece e traz consigo A TARDE envolvida no ontem, no hoje, e no amanhã de nossas vidas... Ainda em tempo.

A crise espiritual do homem

Nada o satisfaz, nada o sacia, nada o contenta.

Nem a água fresca do regato que refresca seus pés cansados e oferece sua riqueza no copo que leva a sua boca a força vital para seu corpo, mata sua sede, banha-lhe as mazelas, de si retira as impurezas e, muitas vezes, cura a sua pele macerada e impura.

Nem o pão que sacia a sua fome diária, invariavelmente, permitindo-lhe o caminhar para suas ambiciosas metas de pernas firmes a passos certos;

Nem mesmo o ar que lhe introduz no corpo a energia de que precisa para o contínuo e ininterrupto pulsar;

Nem o sorriso mágico da criança e o trôpego passo do velho que lhe sugere o seu próprio ciclo evolutivo da vida;

Nem a placidez das estrelas que lhe permite o repouso necessário dos olhos cansados.

Nada o contenta, nem o faz parar um pouco para a reflexão renovadora. A oração que é proferida, supérflua e labial, flui automaticamente sem a força transmissível necessária.

Nem mesmo a terra que produz o alimento que o sustenta;

Nem o orvalho que umedece a folhagem tenra que se transforma na beberagem curativa;

Nem a madeira crespa que faz trabalhar as suas mãos e
lhe oferta o leito do seu sono;

Nem o animal que é imolado cada manhã que nasce e
lhe oferece a vida em seu proveito;

Nem a mão próxima e amiga que o ampara e ajuda,
torna grato o seu coração;

Nem a amizade que o envolve no carinhoso abraço que
reanima e refortalece;

Nem o amor do companheiro que emana fluido e
límpido no beijo cálido em lábios sedentos;

Nem o pranto angustiado e aflito que o colhe de sur-
presa na sua trajetória;

Nem mesmo o curso dos rios que lhe demonstra a
regular e irremovível lei da natureza;

Nem o Grande Todo que o cerca num amplexo de
compreensão profunda e indizível; nada o satisfaz, o conten-
ta e sacia a sua fome espiritual da PAZ.

Nem mesmo a sua própria força intelectual que
lhe permite produzir a máquina que o obedece cegamente;

Nem a parafernália complexa que é a sua construção
maior e torna a sua vida confortável e luxuosa.

A busca contínua, incômoda e angustiante, a procura
tácita e interior lhe corrói as entranhas e segue seu curso
aflitivo e tortuoso.

A ansiedade mina-lhe o eu interior e o subjugua ao
misterioso, ignorado e aflito.

A curiosidade indefinida e vaga o orienta para o desco-
nhecido amanhã, sem bússola e sem leme.

A ânsia da dominação do intocável o irrita e absorve
sua Força Maior que é a Suprema Dádiva: a possibilidade de
"se conhecer a si mesmo", de fazer a viagem interna, profun-
da e bela como a Verdade, porém terrivelmente forte como
ela mesma.

A sua busca contínua, incessante e mordaz, por vezes, se perde indiferenciada, no desgaste inócuo das fugas e dos escapes.

Vai sempre caminhando para fora sem rumo certo, fugindo de si mesmo, à procura desordenada de algo meio perdido, meio achado, porque certamente já encontrado antes, não sabe em que mundos ignorados e distantes.

Nada o satisfaz e o faz permanecer pleno e sereno, na quietude ativa e forte dos que O encontram, nos mosteiros ou nos casebres, nas bibliotecas ou nas florestas, no luxo dos palácios do Vaticano ou nas grutas do Himalaia, no topo das montanhas onde estiveram Jesus, Buda, Maomé e Moisés, ou nos vales onde andaram os sufis do Egito.

Nada o torna quieto e sereno como deseja; pleno e harmonioso consigo mesmo como é seu sonho milenar;

Termo e puro como anseia o seu coração; bom e suave como lhe recomenda sua voz interior; forte e intangível como aspira o seu próprio corpo;

Sadio e simples como foi criado;

Feliz como é o seu alvo maior, amado, rico e glorificado como exige o mundo que o cerca.

Nada o torna como pede seu pobre eu interior aniquilado e sonhador, subjugado porém pela força exterior do mundano e ilusório panorama que o envolve;

Tão rico de virtualidades e tão pobre de energias para vencer a si mesmo, vai o homem à guerra nuclear para destruir-se, incapaz de suportar a sua própria angústia de domínio, na busca dos valores que o acorrentaram à sua própria dor.

Tão perto está sua felicidade! Dentro de si mesmo ela espelha a própria força energética que o criou e o anima.

Tão dentro de si mesmo ele a ocultou que lhe falta a coragem de romper os folhos e as capas para buscá-la e

conhecê-la. O enigma da esfinge está decifrado no seu coração e o desvendaria se a humildade o fizesse parar um pouco de ouvir sua intelectualidade dirigida para fora e ouvisse a melodiosa e simples harmonia do seu coração, oferecendo-lhe o amor ao próximo e a Paz, que é a sua eterna busca, e a felicidade, que é a sua aspiração máxima. Certamente O encontraria como o eremita ou o homem ativo que o descobriu dentro de si mesmo. E essa descoberta o tornaria saciado, da sede espiritual que o atormenta; o tornaria satisfeito com a paz interior que o aquietaria e o conduziria sem dúvida até Ele que é a própria energia que vive e palpita dentro de si mesmo.

A mestra que veio de longe

Ele nasceu em outras paragens, mas não parecia ser feita de argamassa diversa da nossa, tal foi, durante meio-século, o seu desempenho nesta Bahia de todos os santos e de todos os pecados. Parecia, ao contrário, programada para conviver com os pecadores e os santos que povoam esta terra por Senhor do Bonfim abençoada.

Fato aliás explicável: ela amou profundamente as crianças da Bahia e da criança emana toda a magia que a vida contém. Tive a sorte de encontrar Irene Baker muito cedo, quando florescia na sua personalidade toda a invencível força de ser, e em mim desabrochavam os primeiros anseios do existir.

Foi talvez, por isso, a Estrela Maior da minha constelação de mestres, com quem aprendi sobretudo a “ensinar a ensinar”. A didática fluía tão límpida das suas aulas que a ordem lógica e a psicológica da sua temática se ajustavam quase imperceptivelmente, sem nenhuma quebra do sentido global do discurso. Possuía, por intuição, a noção perfeita do processo ensino-aprendizagem e dominava, aos 59 anos, e metodologia do “aprender a aprender”. Creio que intuitivamente captava o fenômeno da aprendizagem e já demonstrava conhecer a importância do ensino personalizado. Sabia individualizar a relação professor-aluno com incrível habilidade.

Sua pedagogia não era a do chicote com açúcar, nem a da rigorosa austeridade com que se costumava, naquela década de

30, nos corredores conventuais, educar pelo medo. Ao contrário: suavidade e firmeza combinavam-se sem áreas contrastantes. Sua firmeza de atitudes caracterizava a liderança que lhe era peculiar e que se expressava através de um olhar penetrante e agudo que, às vezes, prenunciava o raio que fulminaria o incauto e desprevenido aluno relapso, caso ousasse ele desafiar a ordem implantada para o desenvolvimento da sua missão de educar.

Sua serenidade tornava-se evidente, quando em volta de si reunia os alunos para ensinar inglês através de belas canções ou quando, à sombra dos velhos tamarindeiros, sentava-se com os seus pequeninos para as aulas de geografia que se tornavam imaginárias viagens em volta do globo terrestre. Possuía a fórmula mágica de transformar um difícil conteúdo pedagógico num texto facilmente assimilável. Na estrutura de sua aula todas as peças estavam azeitadas e se articulavam bem. A sua vocação era lídima. E em face desse ideal, erguido como catedral de seus sonhos, fez da escola o próprio lar. Era no velho casarão Solar do Conde dos Arcos a sua morada. Os azulejos do Séc. XVIII que até hoje lá se postam como marcos inesquecíveis dos portugueses, adornavam as paredes que de valor maior não poderiam estar enriquecidas.

A História, que lhe rondava e invadia a “intimidade íntima”, não a perturbava. Convivia ali, encolhida num quarto do velho casarão de imensas portas do verde colonial, recolhida à dignidade do seu ideal.

Como jamais um filho houvesse saído do seu ventre, pariu psicologicamente centenas de pimpolhos de todos os tipos e caracteres, dos submissos aos rebeldes, dos sonhadores aos pragmáticos, dos traquinas aos quietos.

Alguns, como ostras, a ela se apegaram como se fossem parte dela. Outros se foram e jamais olharam para trás.

Desses, indagava sempre o destino, como se sentisse por eles responsável. E em parte o era, porque não limitou sua ação educativa à sala de aula, antes a ampliou e foi até o lar, penetrando no âmago dos problemas familiares para educar.

O Binômio Lar-Escola sempre foi para Irene Baker o fundamental. Quando Isaías Alves chamou os Bakers para a cátedra de Língua e Literatura Inglesa estava pronta para “ensinar a ensinar” e no velho casarão de Nazaré pontificou. Aos 82 anos de idade, aqui esteve e recebeu do Conselho Estadual de Educação o título de “Educadora Emérita”. Corria o ano de 1977. Era 26 de outubro, e, em plena primavera, as homenagens foram calorosas. Naquela ocasião, consegui reunir na Faculdade de Filosofia os frutos ao pé da árvore-mãe em solo pátrio. E, num fim de tarde, sob a inspiração do simbólico lema *“Brasilidum Sobolem Traditione Paro”* inscrito no brasão que enriquece o vestuto salão nobre da então Faculdade de Filosofia, estavam os seus mais queridos alunos: Therezinha Guimarães, Nélia Dias Costa, Dagmar Barreiros, Luiz Angélico da Costa, Maria Emiliania Passos, Waldete Portela, Adelaide Tarquinio e muitos outros, irmanados todos em um sentimento maior: a gratidão. Irene Baker estava lúcida, consciente da sua missão, imponente na sua humildade e muito orgulhosa da sua seara. No Colégio 2 de Julho reviveu o galgar daquelas escadarias, o conviver com as naus, os castelos e os arcos dos painéis de azulejos policromos do Séc. XVIII que amenizaram o seu labor diário e abençoou a sua colheita.

Seus filhos haviam partido sem esquecê-la. Estava, também ela, pronta para partir em definitivo. Nestes últimos dias de fevereiro, a traqueotomia se fez necessária. Não pôde expressar o que pensava. Suas palavras seriam poucas e sua sentença seria breve: Deus os abençoe!

Creio que não escrevo com tinta, mas com lágrimas que devem neste exato momento inundar a sua fulgurante imagem energética, que, por si só, se impôs a uma geração, não pela suavidade e firmeza que foi a fórmula mágica do seu conviver, antes sim, pela transcendente lição do Evangelho que nela foi sangue, suor e vida. Se o destino não a envolveu num hábito de monja, os seus discípulos emolduraram a sua figura com a aura do amor que caracteriza os que se doam, não se emprestam...

No tempo do Latim

Pertenci a esse tempo; um tempo em que as crianças de 11 anos declinavam a palavra rosa e sabiam exatamente por que se escreve o adjetivo estelar, relativo a estrela, e não estrelar, e exatamente por que fica fácil saber o que significam as palavras que começam por hipo, hiper, pre, dis e outros prefixos tão elucidativos quanto extremamente úteis. Hoje, a “flor do Latio”, inculta e bela, murcha e se despetala a cata de jardineiros cuidadosos e aptos a cuidá-la e a oferecer-lhe tratamento condizente. Os latinistas, contudo, sabiam como preservá-la das intempéries do tempo. Não a agrediam com granizos, nem permitiam às crianças maltratá-la. Muito ao contrário, elas aprendiam através de exercícios variados e contínuos a manejá-la com zelo e precauções, sobretudo para evitar os cacófatos e efetuar o uso adequado das consoantes entre as vogais.

E nesse tempo, quando o latim fazia parte do currículo das escolas chamadas secundárias, pontificaram Christiano Müller, Basílio Catalá e, entre outros, Laura Eugênia Schloepter, uma mulher forte mas de aparência extremamente frágil, ocultando na sua imagem antagonismos expressivos, dentre eles, a força de uma vontade firme e determinada atuando num corpo pequenino de 1,5m de altura, minado por deficiência inata do sistema osteoarticular. Este problema obrigou-a a usar botinhas com uma trave de ferro, fixada na face exterior do lado interno de ambos os pés: “Nasci tão

frágil, confessava Laura, tão frágil mesmo que nem o seio materno eu tinha forças para sugar”.

Daltônica transmissora, sempre conseguiu uma visão de mundo, otimista e confiante. Excelente latinista, no exercício do magistério no Colégio Central, impressionava os seus alunos pela sua cultura, e aos colegas pelo domínio do latim. Debruçou-se sobre os livros desde cedo e o seu leque de interesses era variado. Empolgava-se pelo direito – era advogada – história, arte, literatura, música, política, lingüística, sociologia, psicologia.

Em mensagem comovente escrita para seu sobrinho-neto, em 1980, ela declara: “Deus me fez frágil para espelhar a alegria no mundo”.

Laura Eugênia Schloepfer apresentava má-formação congênita, era portadora de dextrocardia, mas pontificou, nas décadas de 40 e 50, nos chamados ginásios públicos e particulares, ensinando uma disciplina por si só árida. A sua figura, porém, pequenina e loura, transmitia a força que existe indiscutivelmente nos verdadeiros mestres.

Vale transcrever um trecho de sua mensagem: “Andei e quanto andei na vida! Luxações de rótula, osteíte, artrites e artroses, fraturas de perna, braço, coluna vertebral, hipertensão não me impediram de trabalhar, de ensinar, de advogar, de multiplicar-me, enfim, de viver e amar a vida”.

A magnífica presença...

Era sem dúvida uma magnífica presença, de um indiscutível brilho, de um discreto encantamento pessoal. Não pela natureza formal que o cargo de reitor lhe emprestava, mas, principalmente, pela natureza essencial de sua personalidade, e a sua inconfundível maneira de ser, onde se conjugavam duas grandes forças que raramente se encontram nos pobres seres incompreendidos deste minúsculo ponto cósmico em que vivemos.

Forças atuantes que se conjugaram harmoniosamente na sua bem dotada estrutura psicossomática, compondo uma corrente energética de alto teor vital. Forças advindas geneticamente que encontraram, por certo, numa cultura adequada o seu meio de crescer, evoluir e alcançar superiores arquétipos. Uma delas vinha de dentro, do profundo de si mesmo, do inconsciente da sua rica bagagem afetiva, do coração, e se expressava através de uma rara sensibilidade que lhe fazia sonhar e desejar.

A outra advinha de uma área mais periférica, nem por isso menos valiosa. Brotava de uma inteligência condutora que lhe oferecia uma intrincada argamassa mental, expressa na estrutura lógica de um pensamento claro e ordenado. E ambas atuaram com vigoroso impulso.

Na curva evolutiva ascensional de um homem, o seu nível de aspiração alcança elevados graus e a sua força interior nutre sempre um ideal que pode se tornar meta. Na curva

biopsicossocial evolutiva de sua trajetória, o homem alcança vários níveis de realização. Nem sempre porém se encontram na estrada o Cavaleiro ideal do sonho e a Dama Real da Vida. E os seus desencontros reduzem o homem a um punhado de sonhos desfeitos, de frustrações dolorosas.

No magnífico reitor Macedo Costa o encontro se deu e se tornou evidencia. Realizando o que sonhou, sua vida profissional em céu de Outono, brilhou feericamente. Sua vida afetiva o levou a espargir afeto por onde passou e recebeu amor, amando. Não apenas trabalhou na universidade. Amou-a sob o manto da sua proteção. Usava o seu prestígio pessoal para resguardá-la tantas vezes das suas "vergonhas", respeitando a dignidade da sua imponente sem deixá-la ao sabor da sua "pobreza envergonhada". Dignificou-a com o seu esforço, desde os velhos tempos dos anos 60, quando se debruçou sobre a problemática do vestibular único, escolhendo para trabalhar uma equipe de escol, onde se encontravam dentre outros Martha Dantas e Joselice Macêdo.

Não a expôs às malícias, preservando-a das devastadoras ondas de crítica destrutiva, sem apresentação de alternativas de solução, com a descrição que lhe era peculiar. Sem minimizar a vigorosa crítica dos jovens, cercou-se dos velhos mestres experientes aposentados e cheios de um saber sazornado, na hora certa em que a universidade precisava deles, hora certa da colheita. O magnífico reitor soube fazê-lo. Lá estavam ao seu lado Thales de Azevedo, Orlando Gomes, José Calazans, Ernani Sobral, dentre outros tão ilustres quanto os citados.

Convivendo, não por méritos, mas por circunstâncias na antecâmara de alguns reitores, alguns parâmetros se delinearam em minha mente, em busca de um modelo de valor.

E nesse comparar, Macedo Costa apresenta-se no quadro de valores que se configura para apreciar a atuação de um reitor,

como um líder de compreensão profunda do ser humano e domínio das situações esdrúxulas, inesperadas e emergentes e que se impuseram na sua gestão, como uma constante.

Tive a oportunidade de participar de sua equipe de trabalho, honrada pelo seu convite pessoal e direto, quando assumi o espinhoso cargo da mais alta dignidade universitária, porque na verdade já de há muito o convívio acadêmico, nos conselhos maiores da UFBa., já nos unira. E algo muito especial na sua personalidade me fez consentir e aceitar uma pró-reitoria: a serena firmeza sem autoritarismo, conjugada com uma consciente humildade, sem a vaidade ofuscente com que o poder envolve os homens; muito ao contrário, sabia ouvir os seus assessores e dialogar com eles, sempre colocando a reflexão crítica a serviço de uma causa nobre.

No discurso da oração quando falava ao grande público, refletia o discurso da sua própria vida, a dialética de uma ação construtiva.

E se no discurso oratório era eloqüente e brilhante, no discurso vital era muitas vezes, quando necessário, de um silêncio altamente expressivo, de uma edificante descrição. Jamais a crítica agressiva, desagregadora e nociva, mas o eloqüente silêncio. Simplesmente o calar, e, naqueles momentos, a expressão do seu rosto era por demais significativa.

Em raros homens se processa o grande encontro do ser em si e do estar no mundo.

O magnífico reitor sabia ser onde estava. Não estava reitor, era um reitor, porque assim estava escrito na intrincada temática da árdua estrada que se chama vida.

E sem a palavra de ontem eloqüente e rica, quanto adequada e sóbria, sempre ajustada ao sentimento interno que a impulsionava e ao ambiente externo que a recebia, em palmas de mãos em concha, segue-se hoje o silêncio tumular do negro mausoléu que o acolhe, a colorida profusão de

flores, no Dia de Finados, que lhe falou da vida, da amizade dos que o amaram – como que emoldurando sua figura expressiva e forte – o louvou, enalteceu e glorificou. Sobrepuja-se à inequívoca morte de um corpo, sombria e obscura, a sua magnífica presença.

“Magnificat”!... Vossa Magnificência, o reitor Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa está presente.

Em trânsito...

Em trânsito. Às vezes a 28.000Km/hora e a 160Km de altitude em ascensão vertical num direto contacto com o etéreo; rasgando as barreiras do infinito. Outras vezes no mais direto contacto com o solo, a cinco passos por hora, rastejando qual um reptil em chão enlameado e pútrido de um charco. Inconteste é a efêmera transitoriedade da passagem do homem sobre este planeta. Não importa a brevidade singular deste trajeto que pode ter, por vezes, a duração de alguns minguados minutos onde mal se enchem os pequeninos pulmões de ar e pode, em outras ocasiões, prolongar-se por um século de dores e dissabores, de paz e luta, de glórias e fracassos, de amores e ódios, de vida longa e pululante, de força energética. Não importa a duração desta aventura, pois que é sempre de passagem que o homem transita pela Terra. Se em determinadas situações sua morada é feita de mármore e granitos na solidez dos palácios, quantas vezes ela é feita do rude e simples material que a natureza lhe oferece, seja nas copas das árvores, seja no solo arenoso por onde pisa, na fragilidade das choupanas. Nem a solidez da mansão, nem a fragilidade da cabana, porém, anulam a efêmera passagem do homem na Terra. Sua vida pode ser cercada da beleza sedutora que a arte costuma envolver, dando-lhe a gratificante ventura de oferecer-lhe um ambiente invulgar de sonhos e ilusões, mas pode também

envolvê-lo nos subterrâneos túneis das minas onde passa grande parte do seu tempo, sob a massa de terra na paisagem escura do preto e marrom.

Em muitas ocasiões, cercado de amor e carinho, o seu trajeto é ameno, pulverizado pelos beijos de crianças, pelo encanto de amigos verdadeiros, pelas ilusões das glórias que suavizam o cotidiano e a insípida rotina de cada dia.

Mas, quantas vezes, são feitas de solidão as suas intermináveis horas que tornam a sua viagem uma amarga experiência de carências insuperáveis!

Com a vitalidade invejável que anima o seu corpo, o homem quase sempre, preenche de saúde, lança-se perigosamente às aventuras fascinantes que sua mente, elabora, vencendo alturas no alpinismo arriscado ou em altas velocidades, vencendo distâncias em inusitados esportes de alto risco, desperdiçando energia em súbitos e intensos prazeres inúteis.

Porém, nos laboratórios, debruçado em horas de concentração, desprendendo força energética, curva-se o homem para trazer à humanidade, com as suas inovadoras descobertas, o alívio, a paz e a alegria de viver, ludibriando a morte que se afugenta e espera momentos de maior fragilidade humana.

Em mesas fartas sobre as quais as iguarias se distribuem sedutoramente multicoloridas na estética das cores, uma parte minoritária da humanidade se aglutina para celebrações alegres, usufruindo da abundância que a natureza oferece; mas é a grande maioria dessa humanidade sofrida que, sem pão, se debate desnutrida pelos únicos caminhos dessa jornada tão breve quanto sofrida e inglória, em esquálidas e tristes caminhadas, desoladoramente só.

Em trânsito, porém. No entanto, a sensação de permanência domina o pobre homem e o envolve na ilusão do "para sempre".

Sempre em trânsito. Não importa se no início da jornada carrega consigo o sonho das metas tão inatingíveis quanto válidas que a mocidade tece em fios dourados. Pouco importa se no final do caminho as curvas se tornam difíceis de contornar e a sua condição de bípede implume se modifique e ofereça a resposta para a pergunta do enigma da esfinge que Édipo decifrou: qual o animal que de manhã anda com quatro pés, ao meio-dia com dois e à noite com três? Se ao engatinhar, da primeira infância sucede a vitalidade da mocidade, advém na velhice o apoio da bengala e do cajado para transpor os últimos degraus da grande descida.

O que importa mesmo é o dispositivo interior psicológico com que enfrenta esta breve passagem pelo túnel do tempo inexorável. Importa mesmo é a arma interna de que dispõe para que essa passagem não seja descolorida e insignificante, perdida na paisagem obscura do inútil e do avaro.

Essencial mesmo são as metas a que se propõe o homem realizar nessa passagem. Se as glórias do poder, do dinheiro e da fama que, imbricadas, embriagam e seduzem, conseguem aviltá-lo e conduzi-lo a tergiversar; se impregnada for a sua vida de ambição desmedida, pode ser levado à ruína do seu próprio destino. Pode ser conduzido aos píncaros de uma certa glória, se conseguir encontrar o seu Eu interior e ouvir o que ele lhe tem a dizer quando lhe fala do amor – o que sempre acontece, aliás. É só saber ouvir. “Ouçam, disse Jesus, os que têm ouvidos para ouvir”.

E acontece que suas ações buscam a consistência do momento, a solidez do infundável. E nessa ansiedade a pujança da vida se sobrepõe a qualquer laivo de realismo e aceitação da morte, que é apenas o fim dessa trajetória e o começo de outras.

Seus ideais, não só as suas ações, se firmam no futuro com a convicção plena de que seu poder tem amplo raio de

ação, podendo atingir o essencial. Jamais se detém esse poderoso animal detentor da racionalidade em pensar que seu tempo é breve, limitado pelo ignorado e inatingível que se lhe não é dado penetrar. E o acidental então passa a ser essencial.

Voltando-se para fora de si mesmo, busca a segurança nos muros por ele construídos e assenta estacas em fundações ilusórias.

Sempre em trânsito, na ilusão da permanência. De passagem como se fosse para ficar... eternamente.

Pais e mestres no teatro

Aconteceu simplesmente – sem maiores pretensões; aliás como sói acontecer quando os fatos costumam objetivar ideais elevados que transcendem um pouco os valores vigentes na sociedade capitalista em que vivemos: poder, riqueza e o que se costuma chamar de sucesso. Foi nesse contexto que aconteceu, no Teatro Maria Bethânia, “O sonho de Alice”, quando os pais e mestres da Escola Dorilândia encenaram a peça infantil que traz de volta, para as crianças, um pouco do sonho que a terrível realidade dos momentos cruéis em que vivemos está por destruir. Momentos terríveis, prenhe de hecatombes, desastres, desamor e crueldade que pontilham de nimbos o céu azul dos sonhos da infância.

Reviver o encantamento de Alice já é louvável para amenizar as peças infantis que predominam nos cenários teatrais dos nossos domingos infantis, que em geral falam uma paupérrima linguagem sem símbolos e apresentam situações que deixam as crianças embaraçadas.

O inédito e singular do fato, porém, não é a encenação da peça, é o teor pedagógico nele contido.

Na era dos reuniólogos nunca foi tão difícil para os educadores reunir pais e mestres. Poderíamos nos deter nos fatores que dificultam o “maravilhoso encontro” que poderia ajudar de modo extraordinário o processo da não-dissolução dos laços do binômio por essência indissolúvel – lar – escola – mas, de fato, já em fase de quase antagonismo ou de lamentá-

vel enfraquecimento. São fatores que merecem reanálise por parte do lar e da escola.

Se reunir simplesmente esses pólos de alta potência no processo de educar pessoas é tarefa ingente, imaginemos então o que seja reuni-los em torno de uma tarefa construtiva, ordenada, requerendo entendimento mútuo e mútuo aprimoramento de ambas as partes. E esse encontro aconteceu há poucas semanas, cujo mérito mais significativo não foi “O Sonho de Alice” – na realidade uma simples revista adequada à psicologia infantil, mas todas as benesses que advieram como consequência do fato, mais pedagógico que teatral.

Não entendendo de teatro, nem de literatura infantil para opinar (terreno que não piso sem consultar minha amiga Bárbara Carvalho), abstenho-me humildemente de qualquer mergulho na essência artística da peça. Mergulho, porém, no fato educacional que nele se insere e enxergo riqueza de conteúdo pedagógico refletido diretamente nos “alunos” que são os filhos dos “artistas” improvisados: a mãe que é “flor”, o pai que é “rei”, a professora que é a “gatinha” de Alice, a travessa Dinah.

E a platéia infantil, que vê no rabo da galinha a sua mamãe, grita logo: olha o rabo da mamãe. E o garoto, que vê a figura do rei, deseja a coroa dourada que está colocada na cabeça de seu pai. E tudo se ajeita nas suas cabecinhas onde os pais e os mestres falam – pelo menos no mundo mágico de um palco – a mesma linguagem, numa coerência de atitudes que fortalece a sua segurança e esmaece o clima de guerra no qual vive o mundo adulto que os desconcerta.

Sentem-se os alunos fortalecidos pela mão dos que os cercam e aprendem a cooperação, que alija um pouco a competição desenfreada que perturba. E como toda a atividade foi espontânea e em prol de obras sociais, com a colaboração das diretoras do teatro, perceberam as crianças que

pode haver o prazer de “fazer”, a satisfação de “realizar”, sem a necessidade de lucro material, ou seja, o dinheiro como recompensa imediata. Outros lucros, sem dúvida, tiveram todos, mas como a escola e o teatro têm sua lotação completa e não necessitam de firmar um conceito que já está inserido na avaliação positiva da comunidade, os lucros são transcendentais: O realizar e o fazer em prol de um valor mais alto que é o amor essencial ao que se faz em face não do “Sonho de Alice” mas, do Sonho de Ser para Transcender no caótico do mundo hedônico do prazer de ter para poder.

Oh! Susanna, nós choramos por ti

Creio que sim. Vi muitas lágrimas escorrendo de olhos que não podem mais “ver”. Lágrimas que em mim se consubstanciaram na homenagem mais profunda que se pode prestar a um educador; aquela que brota purificada, *de profundis*, do coração de quem não tem, do mundo, mais nenhuma imagem visual; daqueles que vêem pelo tato, enxergam pelo olfato e amam pela intuição profunda a interior de um coração sofrido.

Daqueles olhos sem visão, as lágrimas mais pareciam feitas de orvalho pingando de folhas secas, gotas de água quente e viva escorrendo de pedras inertes e imutáveis, gotas de leite de seios túrgidos de mães que jazem mortas, lágrimas fluindo de esmeraldas, topázios e safiras. Creio que vi a dor da saudade materializada em rostos enigmáticos. Era crepúsculo naquele casarão do Barbalho. Silêncio e lembranças. A presença de Susanna alentando a amizade que permaneceu naqueles que com ela trabalhavam nesta última etapa de sua vida. Os percalços foram muitos e as dificuldades não foram poucas. Muito menos as curvas da pista.

Susanna pontificou na década de 40 a 70 no campo move-dido da educação do 1º grau, chamada então ensino secundário, conduzindo uma equipe de excelentes mestras que lhe serviram de colunas mestras: Izabel, Aldiza, Beatriz, Ventim e muitas outras de igual valor. Mas, como precisa a orquestra de um bom maestro! E como ela soube usar a batuta!

Com firmeza, sem perder jamais aquela postura de mulher decidida e pronta. Os analistas transacionais diriam que seu impulsor era “o ser forte”.

Sua imagem física não era daquelas que se impõem à primeira vista. Era preciso ouvi-la, falar-lhe. Aí, sim. Sua personalidade jorrava e imprimia à figura um certo toque diferenciado: o toque da segurança.

Esta característica é básica para quem precisa comandar uma casa de educação. As dúvidas são muitas, a indecisão às vezes avassala a mente do educador, as incertezas se avolumam pela quebra dos valores atuais que se misturam com os que passaram. Susanna firmou na Escola Nova, que se situava na Graça, perto de duas igrejas, um hospital, dois clubes e ruas residenciais da classe abastada, uma postura nova, sem ser revolucionária.

Inovou sem destruir jamais as premissas básicas que constituíam a sua “forma mentis”.

Formada pelo Instituto Normal, decidiu ser professora primária e nesse campo era mestra. Participando várias vezes de seus interesses profissionais, comungamos ideais comuns. No Colégio de Aplicação, sob a nossa direção, matriculou a sua própria filha e na Escola Nova os meus filhos passaram a primeira infância. Foi então que se tornou patente a sua capacidade indiscutível de organização interna, sua disciplina interior e seu senso equilibrado de avaliação do fato pedagógico.

Sua presença na frente de trabalho foi responsável em grande parte pelo êxito da sua obra. Não era só a presença física; era a penetração da sua forte personalidade que se infiltrava em toda a tessitura estrutural da escola.

Dividia comigo suas preocupações profissionais e uma delas era sempre a de estar adiante no tempo para que a criança não se sentisse em déficit no contexto existencial a que pertencia.

Sua clientela, porém, não era de fácil condução, porque sabemos todos que estamos imersos no caldeirão educacional que a clientela mais difícil é, em geral, a que emerge da classe chamada A, trazendo dentro de si problemas muito sérios e, dentre eles, o mais grave que é o tédio inconsciente de Ter para Poder.

Susanna se movimentava com certa habilidade nesse mundo sócio-econômico de alto poder aquisitivo, convivia com as incongruências e as agruras desse mundo que, com raras e honrosas exceções, não tem condições de entender o fato pedagógico em si, avaliando o que aparece e parece ser e não propriamente o que é.

Mais tarde, quando as injunções da vida usurparam-lhe a Escola Nova, mola mestra do seu dinamismo, Susanna Imbassahy passou rapidamente pelo Conselho Estadual de Educação e fincou âncora no Instituto de Cegos.

Nesse ambiente no qual se embute a excepcionalidade na alegria de existir, ela transformou as suas lágrimas do desencanto de uma perda em pérolas de amor e dedicação que ofereceu aos que não podiam enxergá-la, mas, sem dúvida, puderam vê-la na sua dimensão maior. E novamente floresceu. Toda sua bagagem de vivências foi utilizada. Com ela Susanna construiu um mundo melhor para os que dela precisavam para abrir caminhos na escuridão. Foi novamente envolvida no respeito e no amor porque soube comandar no seu sentido pleno que é "mandar com". Uma plêiade de mulheres que conviveram com a sua imagem consideraram uma bênção à sua passagem pelo Instituto de Cegos. Estão um pouco equivocadas. Abençoada foi toda a sua passagem por este pedaço de mundo que se chama terra. Oh! Susanna, nós choramos por ti.

Vide verso...

Bem num cantinho elas estavam escritas: duas palavrinhas apenas. Estrategicamente colocadas para que se cumprisse o imperativo expresso do verbo ver. Até aí com os seus nove anos de idade bem escolarizados dava para entender. É que naqueles tempos aos nove anos se conjugavam os verbos em modos, tempos e pessoas. Não se sabia era adequar o verbo ao sujeito que é hoje mais usado: “a gente”. “A gente” tinha era de empregar o “nós” porque nenhum professor iria entender que “a gente” tinha preguiça de estudar. Isso não. Era muito arriscado. Conjugávamos como lei de causa e efeito o verbo reprovar com a primeira pessoa do plural no passado composto.

Duas palavrinhas: Vide Verso. Ela entendia o verbo ver no imperativo. Problema mesmo era o verso. Era uma grande tragédia – se é que tragédia tem grau – procurar o “verso” naquela estampa do Eucalol. E para os jovens que podem, por engano, perder tempo em nos ler, posso explicar. Eucalol era um sabonete famoso muito vendido nas prateleiras das farmácias e dos armarinhos que era onde se vendiam sabonetes finos, porque não havia supermercados e porque nem toda venda vendia sabonetes tão finos.

Era gratificante comprar o sabonete Eucalol; não pelo contacto com nossa pele, mas pelo brinde que o acompanhava infalivelmente, por aquela estampa colorida que enchia os olhos da criança de 30 anos atrás, sem cinema e sem Pato

Donald e Balão Mágico também; mas com bolinhos retirados do forno na hora, feitos pelas mãos da mamãe e histórias e fantasias retiradas da memória da vovó, sem inglês e sem *ballet*, sem novelas e Menudos, mas com berlindas e cantigas de roda; sem chicletes e Disneylândia, mas com árvore e gangorras de cordas toscas nela penduradas; sem Catatu e Mônica, mas com Tico-Tico, Bolão e Azeitona, Zé Macaco e Olívia Palito; sem Roberto Carlos e Xuxa, mas com os castelos, os príncipes, as fadas, e os duendes também. E as estampas eram guardadas em álbuns valiosos que carinhosamente aguardavam ser completados pelas mãos pequeninas e mentes ricas de imagens. As coleções se diversificavam abrangendo variados interesses. E eram de um colorido vivo aquelas estampas! Uma exibindo as bandeiras de todos os países do continente da terra; outras retratavam os fatos decisivos na história do mundo. Lá estavam Maria Stuart na sua prisão, Newton sob a macieira pensando na lei da gravitação, Colombo chegando da América, Nelson morrendo na Batalha de Trafalgar, a abertura do Canal de Suez. Muitas delas estampavam as lendas das antiguidades: Sísifo, Helena de Tróia, Argonautas, Minotauros; as curiosidades mundiais: a Coluna de Traiano, o Vesúvio, o Arco do Triunfo, a Caverna Fingal na Escócia, os Monastérios de Meteora em Kalabaka na Grécia, o Lago Salgado de Delhi na Índia, os Geysers da Irlanda, os índios da América, os fatos principais da História do Brasil. Enfim, um mundo que se descortinava a pouco e pouco nas coloridas estampas do sabonete Eucalol.

Mas em cada uma delas estavam gravadas as duas palavrinhas: Vide Verso, lá no cantinho inferior direito. Tão pequeninas foram para a incipiência da garotinha! As pedras do seu caminho: “Cadê o verso”??? como aqueles olhos o procuravam!~Em cada estampa que avidamente suas mãos desembaraçavam no envólucro do perfumado sabonete se impregnava a surpresa e o encanto da colecionadora mirim.

Aqueles olhinhos brilhavam deslumbrados! Não sei se é mais possível deslumbrar a criança de hoje nem satisfazê-la. Aquelas barriguinhas vazias do submundo da miséria não têm mais alegria para ver; nos seus olhinhos, as estampas não são de Eucalol; são de roubo, assassinato, crime, álcool e fome. Aqueles que a indigestão de chocolate e doces finos causam vômitos têm os olhinhos saciados do supérfluo, de náusea e do tédio que causa a saturação do Ter.

As que se situam nesse sanduíche estão fascinadas pelo televisor, pelo Hatari, pelos jogos eletrônicos, desejando sempre... imersas no mundo ansioso do consumidor. Vide verso. Aqueles pequenos olhos meigos, cor de mel, procuravam o verso. De quem seria aquele verso? Seria de Castro Alves que sua professora recitava forte e entusiasticamente? "Vai Colombo! Abre a cortina da tua eterna oficina e tira a América de lá"! Ou seria aquele outro que ela dizia baixinho: "a vida manso lago azul algumas vezes, algumas vezes mar fremente, tem sido para nós constantemente, um manso lago azul sem ondas sem espuma". O verso, de quem seria? Naquela estampa não veio ainda; mas, certamente, viria na outra..

Apenas esqueciam sempre do versinho, talvez de Casemiro de Abreu ou Coelho Neto. Talvez fosse de Raul de Leoni, ou mesmo de Adelmar Tavares:

"Terra do meu amor, Recife linda!
Como te guarda meu saudoso olhar!
Terras ao longe, os coqueiros de Olinda.
É uma terra a nascer d'água do mar"!

E de espera em espera se teceu a desilusão e se fiou o desengano que assentaram pé naquele pequeno coração ansioso por achar o verso anunciado que não chegava.

Queria arriscar uma pergunta, mas era tão solitária sua meninice! Na escola se envolvia nas brincadeiras da época e em casa se encolhia nos alvos lençóis que a cobriam nas solitárias noites de vagalumes piscando no escuro.

Mas um dia aquelas duas palavrinhas matreiras saltaram-lhe de repente aos olhos. Era papel timbrado de letras grandes e pretas que estavam na escrivadinha daquele velho contador amigo da família. Costumava visitar aquele senhor magro, pacato e bom, mistura de bondade e simplicidade, massa humana que vai escasseando no varejo. Lá estavam as duas juntinhas escritas com V maiúsculo: Vide Verso. Então a curiosidade explodiu na pergunta e a resposta quando chegou a encontrou despreparada para aceitá-la. Então o verso não era a poesia? Gostava das poesias desde as quadrinhas do Tindo-lelê as de Guerra Junqueiro.

Não havia verso, havia o reverso, simples e prosaicamente, o outro lado da página. Não havia a poesia. No outro lado da estampa do Eucalol não havia versos. Nada mais que explicações.

Assim foi que, ao receber o sabonete Eucalol desembruhou sem sofreguidão e aquelas mãozinhas pegaram a estampa sem o entusiasmo costumeiro. Era tudo agora descolorido porque rotineiro e sem graça. No fim as palavrinhas juntas: Vide Verso. A garotinha loura de olhos cor de mel virou a estampa e como todas as outras nad ahavia do que esperava.

Creio que ainda hoje, secretamente, busca o verso no reverso da sua própria vida, e naqueles momentos que o real se impõe dolorosamente ao seu destino, aquelas palavrinhas lá estão na sua ótica mental e lúcida em busca da poesia como a própria esperança. Vide Verso...

E de certo modo, pela força desse imperativo categórico tenta ver no verso a poesia da sua secreta DOR. E a busca do verso continua no reverso do seu próprio destino.

A verdade das cem mentiras de Helena

Para Helena Parente Cunha

Na verdade das mentiras se emaranhou Helena e na mentira das suas verdades encontrou a vida. A vida pulsando, impondo sua força, coroando seus êxitos, ironicamente fluindo.

No vir a ser da vida mergulhou Helena. E "viu" porque fez mais que "expiar".

Na verdade das mentiras da vida mergulhou Helena. No pantanal se refletiu o céu de estrelas, na escuridão da dor a luz clara da alegria se confundiu.

Foi além da fenomenologia do acontecimento. Resolveu triturar o que viu e, ao fazê-lo, incorporou o indizível aparente. Sentiu o infinito da ilusão, da limitação da realidade. Decidiu reduzir o accidental. Encontrou o essencial. Imergiu nele e nessa empatia mais que sentiu.

Vibraram suas cordas íntimas, e nessa empatia viveu. Experienciou. Foi então que se cobriu de flores vermelhas o túmulo da solteirona virgem e de luz, o mar do faroleiro cego. Foi através de vivências que compreendeu a vontade de dar no medo de se entregar e a noite escura em sol a pino; a solidão profunda da multidão imensa, a mancha do pecado na candura de Cândida e o perfume dos jasmims que o esfarrapado da rua trazia nas mãos imundas.

E como, paradoxalmente, a vida se impõe, Helena, conseguiu penetrar na verdade da morte dentro da força da vida.

Foi então que sentiu o viço das flores explodindo de força vital sobre o caixão da menina morta, o silêncio de

vozes altas na casa dos solteirões e o calado barulho de mastigar a comida da solitária moça que vivia só.

Captou de um só lance a ironia dos *scripts* pessoais usando o bisturi afiado da psicanálise. Assim enxergou a limpeza suja da alça do sutiã da moça que lavava e purgava; a doçura do moço que explodia no roer das unhas e as grossas lágrimas que o gordo glutão derramava ao som de Debussy.

Dissecou Helena “os cândidos sentimentos do homem” e viu, por dentro da submissão, a revolta da frieza aguda, a doçura interior; da aspereza externa a brandura interna.

Do “todo” extraiu Helena o “tudo” que se incrusta no coração do homem.

Pequenas navalhadas no Ser para explicar esse Estar no mundo. Assim escreveu Helena suas mentiras de verdade.

As enigmáticas mulheres da paisagem

Elas perpassam esguias e misteriosamente significativas. Não sei bem se pertencem à paisagem, já por si só distante do quotidiano e trivial “quefazer” de cada dia que surge de mansinho, se desenvolve e nos envolve, enfim, no complexo emaranhado da própria vida. Às vezes, parecem flutuar apenas, tal a leveza de uma suave presença. Como se ali não estivessem ou não viessem para ficar.

Outras vezes, ao contrário, se afiguram de tal modo integradas na paisagem que mais parecem feitas de luz e cor. Um pouco irrealis; ou diria mesmo transcendentais. Na paisagem que sugere o infinito, nos longínquos caminhos do “sem-fim”, elas aparecem e lhe apontam uma convidativa estrada que a levará ao “não sei onde” de um sedutor desconhecido... Lá, bem ao longe – talvez, quem sabe – estará a perene serenidade da plenitude da paz. Talvez, já, além do horizonte, se encontre também a felicidade sonhada do amor incondicional.

Certamente, são feitas de uma paz extremamente presente todas as paisagens de Lygia Milton. Mesmo quando as cores se formam fortes e quentes, a serenidade permanece. Mesmo num crepúsculo, quando paira um barco solitário, espera-se emergir do infinito a esguia e misteriosa mulher que certamente virá, dará sua mensagem e partirá para sempre, deixando uma profunda saudade na estrada florida e solitária da paisagem.

Elas trazem, por vezes, uma mensagem feita de sonho e poesia, de serena certeza da amizade, mas sempre da estranha beleza da verdade.

Como sílfides num jardim etéreo e imaginário, elas persistem na atitude discreta e enigmática. Como Tagore, no estilo oriental, expressam-se num “dizer não dizendo”, como se a linguagem não tivesse a força necessária para a tradução consentânea de um sentimento indizível e profundo.

Divergindo do que se encontra nas telas dos pintores, as mulheres da paisagem de Lygia Milton trazem a força magnética da natureza e da mulher, num “todo” indissolúvel e complexo, magnífica expressão do cosmo. Simplesmente diante da natureza, elas parecem orar pela paz da terra, numa enigmática postura de quem está de passagem, dando apenas o seu recado, cumprindo a missão de conduzir a mulher do conturbado mundo hodierno à sua introspectiva viagem interna.

Bom-dia, mestre

Para Augusto Teixeira e Paulo André

Bom-dia, Mestre...

Assim começa o seu dia quando o telefone toca às cinco da manhã que surge. Entreabro os olhos e a claridade me obriga a fechá-los, mas os ouvidos ficam atentos. Dez minutos após ouço o rumor do carro saindo da garagem. Ele se foi para o hospital. As ordens lhe foram dadas por telefone pelo Mestre. Ele saiu a cumpri-las com aquele mesmo *élan* com que seu pai e seu irmão o fizeram há muitos anos. Uma velha rotina em casa de médicos.

O tom de sua voz não é sonolento. Reflete o vigor do corpo pronto a emergir dos lençóis num pulo rápido daqueles que se levantam com o sol e têm um Mestre a esperá-lo. Um Mestre que não permitirá jamais que sua mão, inexperiente ainda, seccione um colédoco ou que seu incipiente bisturi lese uma bexiga. Um Mestre que lhe dá, a cada dia, o exemplo do trabalho sério, da coragem de não vacilar em horas dúbias, do desassombro em momentos difíceis para salvar o paciente do seu instante fatal. Sem saber exatamente por que, algumas coisas vibram dentro de mim e tocam uma nota especial. Tempos aqueles em que todos saíam como de uma toca para seus trabalhos, nas primeiras horas da manhã, exatamente como faz o meu jovem estudante de hoje. Acor-do. Visto-me, saio e, ao volante do carro, penso. Ao contrário dele, não tenho mais o Mestre, mas igual a ele, tenho tarefas a cumprir.

Ao contrário dele, porém, que tem um Mestre a guiá-lo, eu não o encontro nas imagens que perpassam, contactam, atuam e se vão...

Lembro-me, porém, de quando os tinha bem perto de mim. Os líderes que me guiaram, me orientaram, me traçaram os caminhos no meio da selva ignorada do futuro incerto. Não foram muitos, nem foram sempre personagens concomitantes no percurso. Chegaram ao seu tempo, confirmando a sabedoria oriental que invade o Ocidente, favorecendo-o; “quando o discípulo está pronto o Mestre aparece”. Na verdade, não sei bem se me encontrava pronta, mas, com certeza, estava prenhe da curiosidade que incentiva o Mewstre, daquele *élan* que envaidece. Assim foi que eles chegaram como por acaso, e certa de que o acaso não existe, convencida estou de que foi chegando o momento certo. Eu recordo agora, nessa manhã ensolarada, e lamento que para enfocá-los possua como pano de fundo apenas esse céu azul que cobre os brasileiros e certamente os protege e os inspira. Nesse momento, a sua infinita beleza serve de tela mental e eles – os Mestres que se foram – não estão mais tão distantes assim da minha lembrança. Raul Sá, meu professor particular de português chegava a minha casa pontualmente às 15 horas, devagar, sem pressa, vindo de bonde do Campo Grande à Barra. O bonde oferecia uma excepcional oportunidade de leitura. Podia-se e se fazia realmente, ler um capítulo do Dom Casmurro e pensar em Capitu, à luz das tardes ensolaradas de dezembro que os bondes permitiam contemplar. É verdade que hoje se pensa em Gabriela, porém a mente daquele jovem da década de 40 que elocubrava sobre os olhos de ressaca de Capitu nada tem a ver com o jovem garotão que hoje anseia pelos seios de Gabriela. No entanto, sem qualquer sombra de dúvida, ambos curtem o seu espaço, respiram o seu “ar” e vivem o seu tempo.

Aquela voz rouca, emitida da sua figura jovem e magra, recém-chegada do Rio de Janeiro, num sotaque nitidamente

carioca, alcançava-me como uma bênção. Descortinou-me o mundo da literatura e orientou-me nos meandros da “última flor do Lácio, inculta e bela”. Pelo seu entusiasmo, ousei escrever as primeiras crônicas nos jornais da cidade. A sua segurança era um farol e o seu *élan* uma energia que encorajava. Revia cuidadosamente as minhas redações e preparava-me para enfrentar o primeiro vestibular da novel Faculdade de Filosofia na qual se alimentavam os ideais de Isaías Alves. E não era incumbência fácil; os grandes Mestres Afrânio Peixoto e Hermano Santana examinavam em bancas orais e escritas os primeiros candidatos às licenciaturas. Ao se despedir, naqueles fins de tarde do Farol da Barra, as tarefas estavam delimitadas e o caminho traçado. Fácil era segui-lo então. Difícil é suportar, hoje, a certeza da sua ausência.

Nelson Sampaio me descortinou o mundo imbricado da Sociologia com a ótica política dos anos 40. Chegou do Rio de Janeiro por intermédio do nosso Diretório Acadêmico que insistia para que o Mestre em pessoa viesse dar ao Curso de Filosofia e Ciências Sociais o discurso profundo e sério como ele mesmo, a sua dialética, a sua voz correta e sábia. Realmente Mestre, o relógio lhe era útil. Às 14 horas, pontualmente, apresentava-se na primeira sala à esquerda de quem entra no velho casarão de Nazaré. E não tergiversava. Ía direto ao assunto e demonstrava tudo o que absorveu das suas incursões pela Sociologia dominando a complexidade do fato social e suas características. Não havia dificuldade em estudar sob a sua orientação segura, porque os trabalhos eram acertadamente distribuídos, orientados e cobrados em tempo hábil.

Com João Mendonça e Nelson Sampaio, o psicossocial se transformava em uma realidade palpável. Dirigindo o Hospital Juliano Moreira, o Mestre Mendonça nos mostrava o terrível limiar, as fronteiras da loucura; lá estavam o esquizofrênico e o PMD; quando explodiam as nossas dúvi-

das, elas não eram tão temidas pelos que deles se aproximavam, porque geravam no Mestre o estímulo para dirimi-las.

Assim eram eles. Ensinando talvez mais a viver do que o próprio conteúdo programático das suas disciplinas; transmitindo valores éticos através da rigidez da Ciência. A serenidade de propósitos, a humildade científica, a doação à cátedra, o interesse pelo evoluir do aluno fluíam naturalmente durante o convívio pois a interação se processava espontânea.

Eles se foram: Carlos Chiachio, Irene e Peter Baker, Cristiano Müller, Magalhães Netto, Tenório Albuquerque, os que imprimiram marcas em muitas gerações na missão de guiar, encorajar e acompanhar.

Bom é ter mãos que nos guiem e maravilhoso executar funções delimitadas. O que não acontece quando não se é mais jovem. As encruzilhadas se multiplicam e os pedregulhos do caminho ferem os pés cansados. As opções implicam grandes sacrifícios e o comodismo se assenhora rápido dos homens aturdidos.

Onde está o Mestre?

Há atalhos, no meio da estrada. O que nos espera nas veredas vislumbradas? Serão estes os passos certos para ataiingir as metas? Por onde seguir? Num Centro Cirúrgico o sangue invade a cavidade abdominal, o anestesista não consegue o necessário silêncio na "Caixa de Segredos". Que providências serão as prioritárias? Numa sala de aula o tumulto se instala, a agressividade toma corpo e a tempestade psicológica está prestes a desabar. Onde está o Mestre? No escritório do executivo muitas vezes as decisões devem ser rápidas ou desastrosamente desfazem-se articulações imprescindíveis. Que metas são as prioritárias? Na cabine da aeronave o gesto rápido torna-se imperioso face o imprevisto. Que nos espera no mar aberto ao cortarmos as amarras das nossas âncoras? Que soluções nos levarão ao porto seguro?

As longínquas e idealistas, sonhadoras e pouco corretas?

As imediatas e pragmáticas, hedonistas e facilitadas?

Qual, Mestre, o caminho? Nesse feixe de fios imbricados, como reconhecer O Mestre, aquele que vai nos livrar do ilusório labirinto da vida? Qual, Mestre, dessas luzes, aquela que nos vai condicionar a *Ser o que nós somos*?

Qual, Mestre, dentre as variadas e multicoloridas paisagens das margens, é aquela que nos trará a serenidade para vencer sem pisar, para andar sem botas, para o macio caminhar do sábio?

Qual, Mestre, é a erva que nos restituirá a saúde, a flor que nos trará a mensagem do amor?

Diante do Oráculo de Delphos encontrou Sócrates a resposta eterna que nenhum cientista execrou: "Conhece-te a ti mesmo".

Já há seis séculos a.C. encontramos – todos os que captamos a mensagem – o caminho que certamente nos distanciará do egoísmo, evitará nos perdermos nas travas do individualismo e nos afastará dos espinhos que a fada má transformou em flores para a doce ilusão dos sentidos.

Encontro-me a mim mesma, e neste instante o essencial está perfeitamente distinto do acidental. Ao encontrar-me, eu o encontro.

Contacto com Aquele Mestre dos Mestres que não é mais parte do Real e Visível mundo onde estamos, mas que, no entanto, permanece conosco. O mundo, por onde passou, o chamou de JESUS.

Boa noite, Mestre...

Kant entre nós... 30 anos depois

Encontrei Kant aos 18 anos. Um rápido encontro, porém. Cedo demais para entendê-lo, mas o exato momento para a insopitável paixão de adolescente. Era época de vestibular, de tensões, de provas de cem quesitos expositivos. Nem cruzeiros, nem alternativas, mas respostas dissertativas que assegurassem um lugar na novel Faculdade de Filosofia que se propunha a formar professores de Filosofia para um mercado de trabalho florescente: os cursos clássicos que preparavam os jovens, sobretudo para a Faculdade de Direito. As perguntas sobre Kant eram numerosas; afinal seu pensamento era o pano de fundo para os que desejavam iniciar-se na evolução do pensamento moderno.

Comecei a amá-lo na faculdade, pela grandiosidade das suas concepções metafísicas com mais tranqüilidade na mente e menos emoção na alma. Na realidade, porém, só o compreendi aos 25 anos, pelas palavras de um jovem professor europeu que trazia da Itália na bagagem interpretativa de Guido de Ruggiero, Ugo Spirito e Lombardi a presença viva do filósofo de Königsberg. E foi nas noites quentes daquele verão, na década de 50, no velho casarão de Nazaré, onde Isaías Alves concretizava o ideal de solidificar a sua obra ainda incipiente e claudicante, que o professor Romano Galeffi ministrou o seu curso sobre Kant, com as dificuldades naturais que a língua portuguesa apresenta a um estrangeiro mas, certamente, com a seriedade que sempre o caracterizou.

Foi um mergulho profundo no sistema filosófico de Kant. E lá estavam, reunidos para aquela aventura, os mais ilustres colegas que já tive em minha vida: José do Prado Valladares, Remy de Souza, Magalhães Netto, Aristides da Silva Gomes, Pedro Moacyr Maia, Cora Pedreira, Eloyvaldo Chagas de Oliveira, Caio Flaminio, Renato Mesquita e muitos outros, igualmente ilustres e interessados no pensamento filosófico do após-guerra. E nesse mergulho descor-tinaram-se as riquezas da especulação kantiana, na qual o jovem professor europeu se conduzia com invejável acuidade intelectual.

Seus alunos de então, esclarecidos professores de mentes fortes e grande experiência no magistério, o incentivavam com seus questionamentos e se prepararam para implantar o Instituto Brasileiro de Filosofia, secção da Bahia, o que se concretizou pouco tempo depois com esse mesmo núcleo de pessoas acrescido de Raymundo Brito, Nelson Sampaio e tantos outros.

Nesse exato momento, 34 anos depois, Miguel Reale apresenta o livro de Galeffi, **A Filosofia de Immanuel Kant** da Editora Universidade de Brasília, que é o próprio curso do professor Romano Galeffi, realizado em Salvador em 1952, e o faz com apreciações que colocam o referido professor em lugar de inegável destaque no cenário do pensamento filosófico do País.

Reencontrar Kant no Outono tem um tom especial. Amadureceram as idéias como amadureceram as folhas, e cristalizaram-se as emoções, quando os companheiros de juventude se foram para ignoradas dimensões do cosmo, quando “o sentimento moral leva-nos a considerarmos como parte da humanidade”.

É uma nostálgica volta a um passado que é presente.

Sendo um filósofo na acepção mais restrita do termo, Kant intentou dar respostas aos problemas nucleares da

Filosofia. E Galeffi tenta explicitar, dentro de uma organicidade didática, como se endereçou o pensamento de Kant para resolver as terríveis dificuldades inseridas nos problemas, do gnoseológico ao ético e ao teológico, num ingente trabalho de síntese sem perder a essência da doutrina crítica. Submetendo Kant a razão do homem a uma crítica, vêem Hegel e Galeffi a intenção do filósofo de torná-la – a razão – ao mesmo tempo sujeito e objeto, justificando assim *A Crítica da Razão Pura* ter sido o título da sua obra. Dentro de um contexto histórico onde se discutia a origem do conhecimento dentro de um conceito empirista ou intelectualista, ambos radicais, a síntese do “a priori” e do “a posteriori”, feita por Kant, é explicada por Galeffi com uma clareza que permite ao estudioso fortificar sua compreensão para penetrar no conceito do transcendental kantiano e na sua célebre Teoria dos Juízos.

Em 17 páginas procura o autor enveredar nos imbricados conceitos da “Crítica da Razão Pura”, indo desde a Estética à Dialética Transcendental, detendo-se com louvável precisão nas antinomias dinâmicas e na análise que faz Kant dos argumentos que tencionam provar a existência de Deus através do pensamento humano anterior.

E corajosamente aborda Galeffi a posição de Kant em face do problema teológico. Seria testado o posicionamento filosófico de Kant?

Ao apresentar o nosso gigante de Koenigsberg, já na “Crítica da Razão Prática”, o problema moral se torna uma tarefa proprietária. E o autor nos convence desta assertiva quando o seu raciocínio desliza fácil sobre os de Kant, apresentando com nitidez a Crítica da Razão Prática e os Fundamentos da Metafísica dos Costumes.

Analisando Kant fora da arquitetônica estrutura por ele imposta, Galeffi procura examinar o problema ético no

que ele tem de essencial, busca descobrir o que há de substancial organicidade na concepção moral do filósofo alemão.

Influenciado por Rousseau, Kant expõe em trechos altamente significativos o que costumamos chamar "a voz da consciência". Com sua percepção do essencial, Galeffi reproduz alguns destes trechos que podem ser hoje expostos sem perda de atualidade.

Condenando a moral heterônoma, contida na maioria das doutrinas morais da época, como o hedonismo, o racionalismo dogmático de Wolff ou o da teologia da escolástica, estendendo também sua crítica aos moralistas ingleses, Kant só aceita como princípio da vontade absolutamente boa o imperativo categórico. A lei que prevalece sempre é a da afirmação da vontade.

Discutindo as antinomias e as alternativas de solução de Kant ao problema moral, Galeffi consegue tornar a leitura quase amena. Os últimos capítulos, referentes ao Direito, à Política, à Estética e ao Problema Teológico, se desenvolvem dentro de uma sistemática que permite ao leitor ou ao estudioso de Filosofia uma percepção rápida da dialética discursiva do grande filósofo. Talvez, mais que isto, impõe ao leitor a continuidade, o prosseguir pelo desejo que se manifesta de penetrar nos conceitos da razão prática que vão sendo abordados graças à tessitura intelectual de Galeffi; problemas com que nos deparamos na "ordem prática" dos "fenômenos" do nosso mundo.

A leitura dos capítulos que tratam dos "Discursos da Paz Perpétua", sobretudo os que nos apresentam as reflexões sobre o "moralista político" mereceriam ser distribuídos a todos os homens que militam hoje na esfera política.

As correlações entre a Moral e a Política levam Kant a discorrer de modo admirável sobre o moralista político e o

positivo moral. E os alicerces de uma política moral são lançados em busca da paz. Nada mais é importante no mundo moderno. Suas palavras poderiam ser subscritas por Kennedy, Gandhi ou Mac Luhan: "O direito dos homens deve ser mantido como coisa sagrada, custe o sacrifício que custar ao poder dominante. Não cabem aqui ajustes; pouco adianta inventar o termo médio entre direito e proveito, isto é, um direito condicionado à prática. Toda política deve inclinar-se diante do direito, mas por outro lado, pode ela abrigar a esperança de que, embora lentamente, chegará o dia em que brilhará com inalterável esplendor".

Volta, pois, Kant ao nosso convívio pelas mãos do mesmo mestre. Exatamente 34 anos depois.

O sonho nacional do homem novo

Sua postura filosófica o coloca sempre distante dos radicalismos ideológicos. Sua conduta reflete uma concepção ética do absoluto respeito ao outro. Exatamente por isso jamais se preocupa, nas suas falas a um público humilde e minoritário, com a vida passada ou presente dos outros candidatos. Volta-se, isto sim, vigorosamente para informar ao povo a sua visão político-administrativa que pautará a sua administração.

Destaca prioridades no complexo e desordenado panorama social do seu estado e apresenta algumas alternativas de solução que acredita serem as mais exeqüíveis. Admite a possibilidade ampla dos outros candidatos apresentarem melhores soluções porque não se percebe detentor das melhores alternativas. Promete muito pouco, quase nada. Jura, isto sim, dar todo seu esforço para conseguir minar os interesses pessoais que é o terrível cipoal que embaraça o caminhar dos governantes. E esse esforço se concretiza numa vida pautada no trabalho, no desempenho profissional quotidiano, na sistemática performance de um cidadão consciente de sua posição filosófica, no contexto atual do mundo contemporâneo. Dentro de uma posição realista não acredita na possibilidade das redensões políticas, mas desenvolverá todos os mecanismos para que a democracia não seja entendida como a subversão anárquica dos direitos e deveres dos cidadãos, não seja um jogo psicológico para encobrir interesses pessoais, não seja a palavra que aninha no seu bojo a célula mater de um esvaziamento axiológico do essencial para prevalência do acidental.

A escolha dos seus assessores não se pauta nunca nos subjetivíssimos critérios afetivos mas, muito ao contrário, se louvarão nas comprovadas vivências do cidadão através de seu processo de vida, dentro da sua própria espiral evolutiva. A escolha de sua equipe há de ser sempre livre de imposições políticas, não sujeita aos interesses partidários, mas o resultado da busca do homem certo para o lugar certo. Seus pronunciamentos não são eievados de certezas absolutas, mas de propósitos e tentativas de acerto sem categóricas assertivas que, em geral, se desmoronam como castelos de cartas.

Seus deveres cívicos ele os cumpre, mas como cidadão do Universo porque compreendeu de uma vez por todas que mora apenas numa galáxia que nada mais é do que um ponto cósmico – aliás, bem pouco luminoso. Exatamente por isso, como aconteceu a Copérnico quando desmoralizou a teoria geocêntrica, sente-se humilde diante da grandeza das estrelas e duvidando das suas próprias certezas. Assim como Gandhi, transforma as ofensas em experiências valiosas no processo de conhecimento dos homens, não se sentindo tão atingido.

Não acredita que as estruturas político-administrativas transformem o egoísmo dos homens em fraternidade, nem o individualismo das criaturas se transmude através das ideologias em cooperação afetiva.

Diante da palavra mais desgastada deste fim de século que é o amor, sua conduta é de poucos pronunciamentos e muita ação, poucos corações desenhados em papéis e muita harmonia, delineada nas posições assumidas perante o mundo.

Não se consegue a lâmpada de Diógenes para percebê-los ainda. Talvez porque faltem olhos para ver; talvez porque, sendo mera abstração, esteja parando na projeção mental de um povo sofrido e sedento, vendo miragens.

Talvez porém, porque não tenha eleitores, não seja nada mais que um simples nome despercebido que vai ganhar um voto único e de nenhuma significação.

Uma escola especial

Nascida a 13 de maio de 1935, a “Baronesa de Sauhype” – hoje Sauípe – vem dignificando a sua existência através de ações nobres, que são, aliás, reconhecidas no território nacional, quiçá fora dele, pois sua diretora é também presidenta estadual de uma organização de âmbito internacional, que é a OMEP.

Não meio-século, precisamente, mas há 52 anos, esta escola situada na Península Itapagipana, abrigando no seu bojo amplo e compreensivo, as crianças dos Alagados, vem oferecendo a Salvador um trabalho pedagógico digno das mais elogiosas referências emitidas pelos mais sérios educadores do País.

Com 300 alunos e um corpo técnico pedagógico de 16 membros, a qualidade das ações pedagógicas da escola fica respaldada na filosofia educacional que alicerça as diretrizes educacionais que a dignificam.

Pioneira em um campo pedagógico ainda pouco compreendido, como é o pré-escolar, que oscila às intempéries das incompreensões que pululam no campo operacional da macroeducação, em que não se processa a devida articulação dos órgãos, a “Baronesa de Sauípe” vem-se mantendo nos seus propósitos, não só de dedicar-se aos pré-escolares (assim chamados impropriamente), mas, e principalmente, oferecendo a oportunidade de formar educadores da chamada educação inicial.

A sua diretora, Angelina Assis, acostumou-se a receber, ali, desde estagiários que vão completar o seu “currículo escolar”, como pesquisadores de alto nível da UFBa., como a professora Joselice Macedo; desde os mais modestos educadores provincianos até os especialistas do MEC. Acostumou-se a estar sempre pronta a “ser exposta” quotidianamente ao curso das mais sérias disquisições em torno da validade técnica da sua proposta.

Ao ser criada, no governo de Juracy Magalhães, estava abrindo caminhos ignorados, sem vislumbrar talvez que iria preparar uma plêiade de professores – as jardineiras, assim chamadas carinhosamente –, que hoje atuam eficientemente no já grande universo da educação inicial.

No Conselho Estadual de Educação, há pouco, quando se discutia a nova Resolução sobre o Pré-Escolar, a magnitude do tema “educação inicial” veio à tona com todo vigor e amplitude, e a Comissão de Currículo e Experiência Pedagógica debruçou-se sobre a problemática do pré-escolar.

A comunidade, os ex-alunos, os dirigentes, os educandos sempre a cercaram de muita compreensão e respeito, concretizando essa consideração na pessoa de Angelina Assis, cuja vida profissional tem sido servir à “Baronesa”, com toda a nobreza de ações e sentimentos que a instituição, tão nobre como o nome da sua benfeitora, vem-se distinguindo no panorama educacional do Estado e do País.

Colaborando como campo de estágio da LBA, da UFBa., do Sesc, do ICEIA, do SEAM, da Casa da Providência e outras instituições pedagógicas, vem cumprindo a sua valiosa missão.

É, sem dúvida e sem favor, uma Escola Especial, olhada por todo o Brasil como algo a ser preservado e acolhido como parâmetro educacional dentro da sua especialidade.

Diante de tanta nobreza de ações e de essência, a “Baronesa” exige uma atenção especial e um nobre

envolvimento em torno da sua problemática. Não se trata de sentimentalismo diante de um trabalho de 50 anos. É pura e simplesmente uma questão de “eros pedagógico”, que o rigor de qualquer administração pública não pode desprezar, mesmo quando a frieza do computador pretende descartar o humanismo da ação catalisadora do homem.

Trata-se de uma escola especial pela sua história, pelo seu papel, pela contribuição, pelo seu desempenho, que está a merecer um tratamento de exceção até que se processe a sua natural curva descendente, como toda instituição. Mas ainda não é a sua hora de descer a colina, de pedir um sinal vermelho de S.O.S. É uma hora de cristalização sem culpa, nem medo; é uma hora psicanalítica de coragem e verdade para seguir o seu caminho, o caminho de quem já navegou milhas, muitas vezes em mar revolto, sem sossobrar.

Para situações especiais, espera o pedagogo regime de exceção pelo menos na ótica do educador que vive a macroeducação.

A senhora dona da casa – a televisão

É uma senhora inconfundível essa que, sem pedir licença, penetra a intimidade de todos os que a permitem em sua casa e invade a privacidade dos que lhe confiam o que há de mais precioso: seus filhos, para que forme as suas estruturas pessoais dentro dos princípios paradoxais da sociedade vigente que é a expressão significativa da torre de Babel, e de Papel também, superficial e frágil que não resiste à coerência lógica do mais primário silogismo. Até certo ponto, “ela” se assenhora de todas as atenções e polariza as opiniões, se insinua nos corações, e modela mentes, determinando concepções das mais absurdas às mais conseqüentes, passando por aquelas de bombástico efeito monolítico.

Não se impõe categoricamente; faz, porém, com que se fique dela dependente como alguém que sempre explora o que há de novo sem ser inovadora na sua essência, mas de imprevisíveis efeitos importantes. Tem o dom da ambigüidade, porque está em toda parte ocupando lugar de destaque tanto na cozinha, estimulando os preparadores da alimentação, como nas alcovas, devidamente acomodadas em suportes apropriados para que possa ser vista, ouvida, devidamente apreciada. Sua linguagem é a corrente, é a determinante dos neologismos. Sua imagem é assimilada e imitada, pois é protótipo, guia e orientação. Sua voz persuasiva e convincente vai além dos ouvidos, penetra mais fundo, chega onde não se pode prever e permanece muitas vezes inconsciente. Sua

presença se faz necessária nas situações mais diversas por que o homem atravessa no planeta; seja a solidão abismal, aterradora, das noites tristes, quando ela traz o “ruído do mundo” para o coração desse solitário animal, buscador da felicidade, certificar-se que ainda está vivo, seja naquelas tumultuadas e festivas noitadas, quando, agrupados, os homens gargalham com as suas apresentações hilariantes para esquecer que estão mortos.

A senhora dona da casa tem permissão para entrar em todos os lares; do casebre onde às vezes não há pão para as crianças, às mansões onde, às vezes, não há crianças para amar porque elas estão em outras plagas. Sua presença é marcante e significativa, muitas vezes decisória; e sua apresentação é das mais sedutoras, usando e abusando de todos os maquiavélicos artifícios da sedução; maquiada e pronta, apresenta-se em grande gala e discute os mais variados temas de todas as áreas do conhecimento humano.

É, sem dúvida, uma respeitável senhora que não se anuncia. Tem trânsito livre e, porque seu raio de ação é de imensa amplitude e sua penetração de intensa acuidade, sua influência tem sido submetida a estímulos os mais variados, passando pelo crivo de educadores, sociólogos, foniólogos e economistas. Os cientistas sociais se debruçam sobre a sua atuação e, embora haja conclusões controversas, ela permanece na linha de força das áreas de comunicação, como rainha absoluta da situação. Na televisão, segundo Ahim Gruspu, cuja autoridade nos leva a citá-lo: “há sempre uma proporção direta entre o modelo do programa e a reação da criança. A proporção nunca é inversa”; isto é, um modelo ruim levará a criança a uma reação ruim em maior ou menor grau, e um modelo bom acarretará uma resposta boa. Nunca o inverso.

De todos os seus benefícios e de todos os seus males está “sempre a dupla mensagem” que ela oferece, tornando a

situação confusa algumas vezes, outras vezes alienada, para as crianças.

Mas, no “pão nosso de cada dia”, há sempre o toque constante de sua presença; do amanhecer, substituindo o cântico dos pássaros, ao anoitecer, fechando as pálpebras cansadas do homem exaurido pela luta do quotidiano viver.

A senhora dona da casa imprime nos lares o seu ritmo, o seu jeito de viver, o seu imperioso domínio sobre as criaturas com a insidiosa sutileza do réptil e a irresistível sedução de cisne no manso lago azul da nossa apatia e do nosso comodismo de cada dia.

O mestre de ontem, amor de outrora

Muitos o conheceram no exercício pleno e magnífico dos altos cargos que exerceu. Muitos aprenderam a admirá-lo nas lides das campanhas políticas. Alguns o amaram no trato familiar, contínuo e diário, quando se exacerbavam as suas qualidades de esposo, pai, tio e avô. Quantos o louvaram pelo inextinguível prazer da leitura de seus trabalhos intelectuais!

Não foram poucos os que provaram da sua incansável luta patriótica, que o acompanhavam nas suas pesquisas intelectuais, que se beneficiaram do seu saber adquirido na vigília das noites de elucubrações.

Dezenas deles se acercaram para haurir as gotas de uma sabedoria vivenciada na gerência dos conflitos humanos. Os adversários políticos se unificaram no momento da grande verdade da vida que é a morte. Dos olhos de alguns amigos descenderam lágrimas de saudades. Dos lábios dos oradores amigos as palavras se transmutaram no profundo sentimento da saudade. Os que não o conheceram de perto, o murmúrio do apreço os envolveu. Os humildes que por ele foram governados, a passos lentos o acompanharam ao túmulo.

Do Brasil político, o louvor se faz sentir e, da Bahia orgulhosa do seu filho ilustre, o grito de dor e de saudade ecoou.

A perda se acentua quando o tempo passa, e se tornará mais profundamente sentida e pranteada quando faltar o conselho sábio e quando faltar aquele que conseguiu, em

todos os papéis que desempenhou, o mais digno amálgama da natureza humana: a suavidade mansa do sábio e a fortaleza determinada do guerreiro.

É desse amálgama que é feito o homem verdadeiro e fiel aos seus princípios, aquele que vence pela força de sua verdade sem a impor aos demais.

Luiz Viana era um desses. Nós o conhecemos na Faculdade de Filosofia, quando nela Isaías Alves conseguiu reunir uma elite intelectual de escol; quando as aulas de Jorge Calmon, Thales de Azevedo, Wanderley de Pinho, Luiz Viana, Nelson Sampaio, Carlos Chiacchio, João Mendonça, dentre tantos, representavam o pensamento criador das suas gerações.

Eu o conheci muito jovem ainda. A sua figura simpática e atraente tornava a nossa turma, a primeira da Faculdade de Filosofia na década de 40, um grupo privilegiado. Aprendemos todos a amá-lo e admirá-lo.

Quando, através do amor de sua filha Lia, a sua personalidade de pai se delineou para mim pessoalmente com toda clareza, então cresceu pelo amor da filha a compreensão da sua grandeza e da sua inexcedível ternura.

Foi sem dúvida para nós, Luiz Viana, um grande amor de outrora, dos velhos tempos da Faculdade de Filosofia de Isaías Alves, quando amávamos os nossos mestres e deles recebíamos a oferta maior, a dedicação aos seus estudos para oferecer o melhor que eles conseguiam captar na incansável busca da verdade, que é a função do mestre, aquele mestre de ontem que significará sempre para o discípulo de hoje o raro amor de outrora.

Estresse

A fita metálica apertando cada vez mais, cabeça doendo, massa cinzenta fervendo. Indecisão chegando, cobrança da resposta, incerteza permeando, dúvida dominando.

Relógio marcando, hora chegando. Certeza demorando de assumir, caos ao formando.

Menino chorando, outro mamando, suor escorrendo, água sumindo. Caminhão buzinando, arroz se queimando, torneira pingando, freguês cobrando.

Chuva aumentando, vento zunindo, janela se abrindo, tudo molhando. Certeza sem vir, “quefazer” se acumulando, gente sofrendo, menino com fome, velha gemendo. Empregada filando, carne escasseando, dinheiro faltando, datas estourando, renda mixando, imposto inchando, barriga de menina também: vermes carregando.

Inverno chegando, sapato furando, meias rompendo, roupa se gastando.

Paciência esgotando, xixi escorrendo, menino brincando de nariz fungando. Gripe assolando, fila do posto aumentando. Dívida subindo, cobrança chegando.

Fábrica desempregando. Pão dividido, almoço encolhido, jantar suprimido. Calça sem camisa, mesa sem cadeira, livro sem leitor, menino sem alegria, velho sem memória.

Çabeça estourada, a fita apertando, estômago encolhendo, sonho fugindo, força esvaindo, um “hoje sem amanhã”, um “agora sem depois”, ilusão se desfazendo, espe-

rança consolando, revolta esboçando, fé agüentando, amor sublimando.

Mulher falando, televisão berrando, telefone tocando, campainha tilintando. Portador cobrando, contas chegando, banco pressionando, datas vencendo. Avião pousando, carro fonfonando, sapato apertado, luzes piscando, gente chegando, máquina perfurando, obra funcionando, tudo consertando. Eles se beijando, flor se abrindo, gente indo e vindo, o sol se pondo, músico compondo, ambulância passando, menino nascendo, chuva correndo.

Menino cortado, sangue derramado, garrote fixado, tecido rompido, lágrimas rolando, corações sofrendo, mãos desencontrando, na dor se envolvendo... A fita esgaçando, flor murchando, vaso quebrando, água derramando, chão molhando, poeira juntando, lama formando. Tudo se complicando. A fita esgaçando, cabeça doendo, febre subindo, frio tremendo, cobertor se rompendo, barriga doendo, relógio batendo.

Noite chegando, marido querendo, comida esfriando, filho exigindo, gás se escapando. Tudo se indo... "as forças" também.

Ruga enrugando, face enfeando, testa sulcando, idade avançando. Batalha perdida, velhice assomando. Tempo correndo, vento zumbindo, raio luzindo, febre queimando, mercúrio subindo. A fita partindo, a cabeça doendo, a morte chegando, o povo gemendo e a Vida Sendo...

40 anos da “Mansão do Caminho”

Perdido nos caminhos pelos quais se enveredou, o homem contemporâneo ainda não percebeu, na sua busca, que não há caminhos: há caminhantes...

O percurso da vida é individual e único, vivenciado exclusivamente por cada um de nós, envolvidos na ilusão de que há fórmulas prontas para os problemas, assim como existe possibilidade de apontar caminhos diretos e lineares para encontrar a felicidade, o amor, a riqueza, o sucesso e todos os bens, muitos deles altamente maximizados na sociedade atual.

A busca contínua e persistente traduz a única e possível fórmula para compreender que o caminho não está diante de cada um de nós, delineado e definido, se de barro ou asfalto, de pedregulhos ou sem eles, atapetado de flores ou de folhas secas espalhadas.

Ao caminhar, o homem foi abrindo sua vereda e construindo, então, o seu caminho, traçando no seu “agora” o seu amanhã, porque o presente “em si” nada mais é do que o passado e o futuro entrelaçados num “todo complexo” difícil de destrinchar, pela científica da causa e do efeito.

Ao caminhar durante 40 anos, a “Mansão do Caminho” é uma instituição que tem, evidentemente, um caminho traçado, construído através de passos tímidos, mas seguros, de pés descalços desbravando uma floresta bravia, de fortes preconceitos, numa época em que o ecumenismo era uma

utopia e o sincretismo religioso, em Salvador, gerava um clima espiritual difuso e permissivo, confuso até.

No caminho triste da criança órfã de 40 anos atrás, surgiu a “Mansão” que Divaldo Franco idealizou; não só como uma obra filantrópica, mas também como uma obra de caráter técnico, com um projeto social avançado, capaz de passar no crivo de qualquer equipe técnica composta de analistas especializados. A “Mansão” surgiu no caminho da criança carente de Salvador como o lar do qual ela precisava desesperadamente para crescer, com seus direitos básicos assegurados, longe dos orfanatos tão constantes na época, perto do coração das “tias” que lhe ofereceram sempre, e continuam a lhe doar, o calor humano de mãe, sem nenhuma recompensa outra senão a de contribuir para o seu aperfeiçoamento biopsicossocioespiritual que é, aliás, o dever de todo ser humano.

Nas ruas da “Mansão do Caminho”, onde residem, as crianças para lá enviadas pelo Juizado de Menores, em lares organizados, têm acesso à escolaridade e à assistência médica e odontológica, não vivem enquistados mas interagindo com a comunidade mirim de Pau da Lima, que também frequenta as escolas localizadas dentro dos seus limites. Todo aquele que convive com educação comunitária dimensiona e sabe o que essa postura social significa.

Profissionalizando sua clientela com oficinas várias e habilitações do 2º grau, como enfermagem, por exemplo, Divaldo Franco abre um espaço novo aos meninos de rua para os novos caminhos que ele desbrava como um homem informado das atualíssimas alternativas de solução para a infância e adolescência.

Recusando-se a atender desordenadamente, não permitindo o coração atuar sem uma racionalização dos seus serviços, através de orientação técnica, o amor e o profissionalismo

técnico conjugam-se e o equilíbrio se processa naturalmente, sem artificialismo, mas como emergisse do clima de espiritualidade que se sente nas suas veredas floridas, nas suas verdejantes árvores, no riso das crianças e na alegria dos adolescentes. Percorrendo o caminho da “Mansão”, como seu próprio caminho existencial, Divaldo Franco divulga os conceitos espiritualista-filosóficos e éticos, numa visão universalista no “Caminho da Redenção”, que se situava, inicialmente, no bairro de Itapagipe, onde, nas noites de quinta-feira, a população da península sentava-se em bancos toscos para ouvir um grande orador sacro. Nestes “caminhos”, vai seguindo, agora mais do que nunca, por outras plagas da América, Europa e Ásia.

Aos 40 anos da “Mansão do Caminho”, a Bahia lhe deve um “muito obrigado”, e os meninos de rua que lá entram para residir, convivendo com o estudo e o trabalho e que de lá saem para entrar na força-trabalho, lhe devem o respeito e a admiração.

Entre o “Caminho da Redenção” e a “Mansão do Caminho”, Divaldo Franco prossegue como um caminhante, redimindo-se sempre dos equívocos naturais daqueles que penetram no efervescente caldeirão do “fazer educacional”. Na fila dos teorizadores da educação, muitos estão; na ala de frente daqueles corajosos que, com as crianças e os adolescentes, pensam, refletem e analisam criticamente, muitos poucos permanecem. Na “Mansão do Caminho”, encontram-se esses poucos, sob a orientação e a indiscutível liderança de um caminhante singular.

O mestre amigo e conselheiro

A expressão exata da serenidade que nele se estampava era traduzida pela sua voz pausada e seus gestos calmos. Exatamente assim se caracterizava a presença de Dr. Antonino Dias, sem variação de humor: muito ao contrário, sua estabilidade emocional, sempre que testada, passava pelo crivo da convivência humana com nota máxima e louvor.

No decorrer do tempo, a sua amizade se transformava num prazeroso conviver que amenizava as situações difíceis e alegrava sempre os círculos afetivos que em sua volta se formavam, para usufruir da sua inata sabedoria de viver.

Professor, essencialmente mestre, foi convocado pelo Dr. Isaías Alves para compor o corpo docente que iria atuar na novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a fim de lecionar no curso de Licenciatura em História e Geografia.

Ao assumir a responsabilidade que o convite lhe conferia, dedicou-se à tarefa de professor universitário, completando assim o ciclo da sua carreira na área educacional.

Foi nesse momento de sua vida atuante no velho casarão de Nazaré que conheci Dr. Antonino, o mestre que sempre chegava na hora certa com passos lentos e seguros, pronto para o convívio com seus jovens alunos, convívio este que não se limitava ao restrito espaço da sala de aula, mas se estendia até onde houvesse um estudante desejoso de aprender.

Costumava vê-lo no hall de entrada cercado pelas suas alunas, a conversar. Era então a década de 1940 e “o velho Isaías”

enfrentava as agitações naturais da jovem guarda do curso de Ciências Sociais, liderada por João Batista, Alberto Vita, Mário Alves, Acácio Ferreira, que formavam um grupo de pensamento firme e politizado disposto a interpelar, questionar e lutar pelos seus ideais até a disputa intelectual ferrenha.

O debate era constante, prenhe de sonhos e comunicações políticas, sociais, religiosas. Marx, William James, Platão, Aristóteles, Hegel, Toynbee, Descartes eram personagens vivas nas mentes estudantis. As mulheres começavam a entrar nos cursos universitários. Poucas, mas decididas: em Direito, Renée Coelho; em engenharia, Bernadete Sinay Neves, e em Medicina, Carmem Mesquita. Na novel Faculdade de Filosofia, a primeira turma de alunos. Dos 80 candidatos, passaram apenas quarenta, distribuídos nos diversos cursos. Dentre estes, o de História e Geografia era o mais concorrido. Dr. Antonino, ao contrário de outros professores, encontrava sempre uma sala de aula cheia de alunos. Esse fato o animava a refletir e o levava às longas conversações.

Todo o calor humano, a imensa afetividade que guarda no seu coração derramou no seio do seu lar, cultivando um companheirismo admirável com a sua esposa, a sua família e estendendo o seu afeto a “Souvenir”, o cachorrinho querido e mimado.

Professor nos dois níveis no 2º e 3º graus aprendeu a humildade dos sábios e a simplicidade dos humildes. Ao diplomar-se no velho casarão de Nazaré onde fez o curso Normal, ensinou no ICEIA, sendo um mestre daquele grupo admirável que marcou época: Nogueira Passos, Solon, Adroaldo Ribeiro, Elizabeth Chaves Velloso.

Ao ser convidado por Isaías Alves e ter assumido os compromissos do ensino superior, compreendeu a responsabilidade que recaía sobre seus ombros e honrou o convite, transmitindo com sua calma e sua discreta atuação a harmo-

niosa posição do pai zeloso dos caminhos a serem percorridos pelos seus filhos.

Sua voz pousada, dando a impressão de que cada palavra era uma sentença, ainda ecoa por certo nos ouvidos dos seus alunos e naturalmente elas se transformaram, com o passar dos tempos, na viva voz da prudência e do equilíbrio.

Um olhar para os que não enxergam

São 70 ao todo. Não têm a felicidade singular de perceber o mundo visual e belo das cores e das formas; não conhecem o contorno delineado dos rostos que se esgueiram nas janelas do mundo para acompanharem o ritmo louco da vida extremamente controversa do contexto social de hoje.

São 70 criaturas que convivem entre si, interagindo no cotidiano viver sem a luz dos olhos. São deficientes visuais: crianças e adolescentes vivendo a dolorosa esperança de “tocar o mundo” para “ver” o universo pela doação da vida que lhes foi oferecida pelo destino; não por um Deus injusto, mais pelo processo evolutivo de cada um diante da lei da causa e do efeito que prova a cada dia a maravilhosa justiça e bondade divinas.

São 70 ao todo, na faixa etária de seis a 18 anos, e habitam em um prédio de seis andares dentro do maior conforto que lhes é possível oferecer.

A instituição chama-se Instituto de Cegos da Bahia, cuja vida institucional é demasiado rica em doação e trabalho, esforçando-se para proporcionar aos deficientes visuais uma “visão do mundo”, dentro dos princípios mais sólidos da saúde e da educação especial, área onde aliás há escassez de especialistas pelas próprias dificuldades que a especialização oferece, exigindo do educador requisitos muito próprios que o motivem a trabalhar com técnica e humanismo em doses a serem bem combinadas. O Instituto de Cegos da Bahia é uma

instituição reconhecida de utilidade pública federal, estadual e municipal, gozando de personalidade jurídica, fundada em 30 de abril de 1933, com sede na Cidade do Salvador. É uma instituição filantrópica de caráter civil, com o fim especial de promover a educação e a reabilitação do menor deficiente visual.

Sua organização é estruturada por um Conselho Fiscal, um Conselho Deliberativo e uma Diretoria Executiva composta de voluntários numa permanente e constante operacionalidade, para manter um patrimônio e uma organização interna razoáveis. Na presidência do Conselho Deliberativo está um dos elementos mais interessados e cooperativos, que é o Dr. Mário Lisboa Sampaio. Na presidência da Diretoria Executiva estiveram atuando com êxito personagens femininas significativas, a começar pela inesquecível Edila Dórea de Lima, fundadora, mulher de lutas e incompreensões, de vitórias e conquistas. Elas deram o melhor de si mesmas para manter a luz interior das suas "crianças sem visão". Helli Bartilloti, Suzana Teixeira Imbassahy e Maria de Lourdes Bruno usaram o máximo de seus potenciais para que a estrutura física, legal e técnico-administrativa da instituição se fortalecesse ao longo desses anos.

No ICB funcionam um Serviço Social e um Serviço de Saúde com profissionais competentes que recebem uma remuneração simbólica para garantir o funcionamento dos gabinetes de Clínica Médica, de Oftalmologia, de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, coadjuvados pelo trabalho de assistentes sociais e psicólogas que, com carga horária pequena, em face das necessidades de 70 crianças, ali realizam, com o gigantesco trabalho educacional das professoras do Estado e do Município, uma tarefa admirável. A ajuda do MEC, das secretarias de Saúde e Educação do Estado e do Município, da FCBIA (Fundação Centro Brasileiro para Infância e Ado-

lescência), da LBA (Legião Brasileira de Assistência), da Once (Organização Nacional dos Cegos) e a do Rotary Club da Bahia aumentam uma receita parca para uma despesa considerável de alimentação, vestuário, material escolar e de lazer para crianças do interior do Estado que lá residem e frequentam, muitas delas, escolas da comunidade, quando essa orientação se torna possível.

O destaque maior, no governo atual do Dr. Antonio Carlos Magalhães, é a inestimável compreensão da professora Dirlene Mendonça, na Secretaria de Educação do Estado que, no momento, oferece à Oficina Pedagógica do ICB, através de convênio, condições dignas de trabalho. A Gedes, responsável pela orientação técnica da oficina pedagógica do ICB, prepara-se para conseguir seus objetivos fundamentais através da adaptação, com sondagem de aptidões, treinamento em habilidades específicas e produção, que é a fase de aprimoramento das habilidades desenvolvidas, onde se evidencia um produto do treinamento.

O esforço global que ali se desenvolve pela diretoria, pelos técnicos, pelos funcionários de todos os níveis, pelos professores, pelos voluntários, desperta o interesse daqueles que, espontaneamente, fazem as doações significativas, daqueles que lançam um olhar para os que não enxergam e representam um esteio que permite suportar, com dificuldades, uma receita incapaz de atender às necessidades prioritárias.

Procura-se, num momento tão singular da vida educacional brasileira, encetar um esforço maior para que, através de atividades esportivas como a natação, a capoeira e a dança, se possa tornar a vida dos deficientes visuais do ICB a mais amena possível. Acredita-se na possibilidade de, num futuro não muito longínquo, quando o ICB puder integrar a sua clientela na força de trabalho, haver uma compreensão mais

profunda de um esforço que se desenvolve numa instituição que trabalha modestamente, quase em silêncio. Os seus técnicos se ressentem de um equipamento mais especializado e de programas de reciclagem.

No momento, a continuidade do esforço é mantida pela atual Diretoria Executiva presidida por Wandorah de Mesquita Souza e composta pelas senhoras Sara Goldenstein, Maria Pedreira, Helli Bartilloti, Letícia Machado, Celeste Costa, Maria de Lourdes Bruno, Leda Pedreira, Sandra Araújo, Lia Santos Costa, Natália Mascarenhas, Jacira Carvalho, Sílvia Magno, Sílvia Tourinho de Abreu e Maria Eugênia Seixas.

Em contínua ligação com a Gedes (Gerência de Educação Especial) da Secretaria da Educação do Estado, o ICB comunga o esforço para que, em colaboração com a UFBA (Universidade Federal da Bahia), seja possível formar, através da habilitação específica do Curso de Pedagogia, professores de educação especial.

Torna-se urgente acreditar na potencialidade daqueles que sentem o mundo com os olhos perceptíveis e agudos, daqueles que vêem além do horizonte limitado dos videntes...

Entre Beijus & Madeleines

Entre o ideal do sonho e o real da vida, entre o triste e o alegre, o sério e o ameno, o pesado e o leve, se interpõe o homem nesta eterna bipolaridade. Como a criança de Cecília Meireles sempre hesitante entre "isto ou aquilo" o sorvete ou o doce, o trenzinho ou a boneca, ele caminha e percorre a sua estrada pela vida afora.

Nesta convivência difícil, acontece, às vezes, o desarmônico desencontro entre o seu íntimo SER e o seu aparente VIVER, ou a harmoniosa e suave permanência da autenticidade plenamente recompensada pelo maior prêmio que a vida outorga ao homem, a conquista da paz interior.

Nesta dialética contínua dos contrários, maravilhosamente a unidade permanece, quando é encontrado o fio de Ariadne na corda bamba do circo da vida, a bailarina socorre-se da sombrinha e magistralmente se equilibra...

É nesse enfoque existencial que eu sinto o livro de Lolita Walter, *Beijus & Madeleines*.

Não me acho capaz de analisá-lo. Já o fizeram com a acuidade literária que os caracteriza Carlos Eduardo da Rocha e Maria da Conceição Paranhos, ambos escritores, doutores, das letras sentidas e vividas, provadas e aprovadas.

Sinto-o como sou: mulher, amiga, mãe, esposa, amante, filha, avó, profissional, mestra e escrivinhadora, mulher multipartida, pulverizada, dentre mil papéis despedaçada. Também na corda bamba, bailarina do grande circo do existir.

Difícilmente, uma mulher integrada no contexto da feminilidade autêntica, inserida no texto bíblico da “mulher forte” abrirá o livro de Lolita e o abandonará. Sentirá, por certo, o envolvimento da sua personalidade feminina não só no tecido extremamente rico da sua linguagem, mas, e principalmente, no magnetismo impressionante da imbricada teia do afetivo que suas emoções tecem, seus sentimentos bordam e suas paixões colorem.

O livro de Lolita é uma tela. Ela se confunde com as ilustrações que emolduram os textos impregnados da mesma beleza e ternura que não se repetem. São contas coloridas do mesmo rosário no qual se deseja sempre orar, naquele sentido plano da oração, do estar com..., unir-se... Ao escrever “que sentir é a melhor forma de pensar”, ela própria me encoraja a escrevinhar para lhe dizer que, entre Beijus x Madeleines, ela simplesmente acontece. Mostra-se toda, sem reservas, doa-se plena e despojadamente; se oferece em holocausto dos que desejam usufruir dos dons de sensibilidade para o Belo, o Verdadeiro e o Amor que lhe é inerente.”

A mulher amiga que cultiva a Amizade como deusa transparece todo o tempo, porque vai dedicando aos amigos o que vive e borbulha dentro de si mesma. Ao considerar seu livro um ramalhete de flores e ao salientar que cada um retire a sua flor preferida, traduziu seu anseio do Belo, do Amor e da Verdade, os quais são os deuses do seu Altar, as metas da sua busca, os objetivos dos seus sonhos.

Muitas vezes, no decurso de suas oferendas diversificadas, pois elas brotam em poemas em prosa, reflexões, poesias, dizeres sofridos de saudades, amores, perdas, tristezas e alegrias, Lolita alcança a pureza da tríade grega por ela tão buscada. São momentos culminantes do seu livro aqueles que Cecília Meireles nela refloresce: “rezei rezas indevassáveis nas clausuras do Sentir”. Também aqueles onde Drummond

de Andrade se esconde ou mesmo Proudhon: “Maior que a tristeza de um cristal que se parte, é a beleza do som emitido, desfeito e perdido no infinito de um novo tempo”. Assim, sensível e suave ela se expressa.

Mesmo quando a sensualidade da mulher que é, desponta com força, a suavidade não se esvai. Ela permanece num misto de suave ternura e forte paixão; movimenta-se afetivamente entre o campo e a cidade, a mulher e a menina, o desejo e a ternura. Exatamente por tudo isso, e por muitas outras razões que o espaço proíbe analisar, ela retrata a alma das mulheres de hoje e de antanho. Confesso que eu a esperava desfilando as sinhas de sua coleção.

Entre o Passado e o Presente, ela se movimenta bem e, de vez em quando, você se situa num mundo meio imaginário entre o real e o sonho, entre o beiju da roça, onde muitas de nós passamos a infância, e “madaleines”, delicados bolinhos dos chás servidos nos salões engalanados de espelhos bisotados e xícaras de Limoge, onde a França estava presente no paladar e no espírito, imprimindo o seu especialíssimo “*savoir faire*”... O livro aconteceu realmente entre Beijus e Madeleines, no Palácio de Aclamação engalanado de estrelas – seus amigos – que tomaram chá, assistindo um minueto a caráter pelo grupo de arte dirigido por Fernanda Tosta. Naquela tarde, havia uma harmoniosa simbiose entre Lolita e o ambiente que ela ocupava. Elyette Magalhães ganhou o espaço e Lolita o aproveitou.

A Fundação Cultural convidou e a Casa de Cerimonial e Museu acolheu e acendeu suas luzes para que se iluminasse, no Palácio de Aclamação, a alma de Lolita que, ali presente, entre beijus e madeleines como sempre, viveu entre o real da vida e o ideal do sonho.

A missão da doutora Nancy

Doutora Nancy significa, entre nós, que estamos em contato com a população feminina pobre desta cidade, uma tábua de salvação socorrista, um S.O.S. Sempre pronta para ouvir os males, curá-los e/ou aumenizá-los, Nancy Cruz representa, no Santa Izabel ou onde quer que esteja, o símbolo da solidariedade humana.

Entre os “raros que ouvem”, pois a maioria de nós deseja falar e derramar sobre o próximo os nossos problemas, ela se destaca como ouvinte compreensiva e muito capaz de debruçar-se sobre os problemas dos outros para tentar sinceramente resolvê-los, com empenho, sobretudo com um inusitado desprendimento. Sua tolerância tem limites amplos e suporta “quase o insuportável” para a maioria dos mortais.

Há 15 anos, a Dra. Nancy Carvalho Cruz dirige o Serviço de Ginecologia da Santa Casa de Misericórdia da Bahia com inegável eficiência, aliás reconhecida pela comunidade hospitalar. A cada ano são mais de 500 mulheres internadas sob sua responsabilidade, a testemunhar sua atuação, que se caracterizou durante 50 anos de dedicação ao Hospital Santa Izabel.

Sob seus cuidados, inúmeros profissionais de renome empunharam pela primeira vez o bisturi, iniciando-se na carreira ginecológica.

Não é gratuita a carinhosa denominação de Mãe Nancy com que seus ex-alunos – ávidos em ouvir seus valiosos conselhos – gratificam sempre, para expressar o vínculo espe-

cial feito de um *clan* efetivo, hoje escasso entre profissionais em geral.

Homenageada especial pela Associação Bahiana de Medicina, em agosto de 87, e pelo Departamento Estadual da Criança, recebeu assim a justa retribuição à sua dedicação plena.

Aos 73 anos, seu vigor juvenil inegável ainda a mantém em plena atividade como se os anos não repercutissem na sua incansável operosidade diária no árido campo da saúde.

À Dra. Nancy, à Mãe Nancy, à amiga solidária, neste Natal tudo lhe será acrescentado. Esse tudo lhe será acrescentado. Esse tudo, é a sua própria realização pessoal, como quando o seu perdão recai sobre algumas “palavras malditas” que por acaso lhe tenham sido lançadas.

À Dra. Nancy, as 13.751 mulheres que foram atendidas no Serviço de Ginecologia e Reprodução Humana – Sergir – oferecem suas preces pela recuperação de sua saúde. Ao mesmo tempo, fazem um apelo para que seja o seu exemplo um paradigma para comportamentos profissionais na área médica.

O exercício da profissão de medicina, no contexto atual, impõe paradigmas que possam estimular o jovem no processo de evolução de aperfeiçoamento contínuo.

Aqueles profissionais que conseguem conquistar a confiança dos jovens colegas e podem desempenhar realmente o significativo papel de mestre merecem o apoio da sociedade acostumada hoje à violência, ao barbarismo, à irresponsabilidade e à incompetência.

Louvar a elite, aos poucos que conseguem ocupar este destacado lugar na sociedade, parece-nos um dever bastante significativo.

Doutora Nancy é digna desse louvor.

Urgência dos valores humanos

Um novo preconceito germina sub-repticiamente nos campos de ação dos que lutam e se debatem pela melhoria da educação: é aquele velho desânimo que encara qualquer nova experiência como utopia, quimera absurda e inviável. Em admirável livro, Pierre Futer, ilustre técnico da UNESCO, demonstra o quanto é necessária a utopia na educação, para que se renove, a cada dia, o professor e seus métodos e técnicas de trabalho. E é importante demais, neste momento tão significativo da vida nacional, que se estabeleça uma crença na possibilidade de novos valores poderem ser inseridos na estrutura psíquica dos jovens, dentro de um mundo materialista, lutando titanicamente pelo poder, pelo prazer e pelo ler, dentro do habitual consumismo desenfreado de uma época hedonista.

Na sua profunda análise, Silvino Santin¹ brada que “o homem da sociedade industrial e filho do sistema tecnocrático, jogado no fundo de um abismo de solidão, apesar de cercado por barulho infernal, sente a necessidade de construir um sistema de valores para reencontrar o caminho do sentido de sua existência... Tal aspiração do homem contemporâneo não escapa ao olho mágico e onipresente de nossa civilização.

¹ Silvino Santin, “Caminhos de restauração do humano”, em: *Valores humanos, corpo e prevenção*, Brasília, Ministério da Educação, out. 1989.

Ela, ardilosamente, lhe oferece respostas ilusórias para seus sentimentos de solidão e de vazio. De fato, o homem numa primeira tentativa de preencher o vazio do coração, a solidão da vida e a falta de sentido da existência e do mundo, busca nos próprios recursos da ciência e da técnica uma solução". Só que as alternativas de solução apresentadas pela ciência e tecnologia não representam exatamente a única possibilidade de explicar o universo e não podem ser consideradas o único critério da verdade do saber e da validade da ação.

O homem ocidental, mesmo com a produtividade da técnica e da funcionalidade da verdade científica, continua em busca do sentido da vida para preencher o vazio existencial evidenciado a cada dia do seu "quefazer" humano pelo prazer-desprazer, alegria-tristeza, a inquestionável bipolaridade humana. O homem se depara com uma necessidade inadiável de construir uma nova ordem de valores na tentativa de encontrar a si mesmo e decifrar o enigma da vida que nos impulsiona para o equilíbrio, princípio eterno que mantém a harmonia do Universo.

Nessa caminhada, o homem precisa se despojar dos preconceitos e ir em busca de si mesmo para alcançar o autoconhecimento, o seu eu interior. O "conhece-te a ti mesmo" ainda é o caminho, tão difícil quanto válido. É por esse enfoque que se torna possível hierarquizar os valores. E, nessa área axiológica, a importância dos valores se impõe na educação como prioritária alternativa de solução. O contínuo despertar da criatividade, da intuição e do raciocínio globalizado vem sendo preconizado através do trabalho do desenvolvimento do hemisfério direito do cérebro. Os valores humanos alcançaram um nível de importância que ocupam grupos cada vez mais numerosos, preocupados com a viabilização da operacionalidade da sua aplicação nos sistemas educacionais.

O Centro Brasileiro de Valores Humanos apresenta-se, neste momento, com essa tarefa, tão árdua quanto consentânea ao momento educacional dominante, quando a Paz, a Verdade, a Retidão, o Amor e a Não-Violência precisam urgentemente ser resgatados. Pais e educadores certamente procurarão assumir a responsabilidade intransferível de considerar esses valores no processo educacional de seus jovens, ávidos de uma nova ordem axiológica no caótico mundo em que estão inseridos.

É mesmo assim, Frederica

É mesmo assim Frederica. Estranho mundo esse que te rodeia! Complexo como o próprio Universo que te envolve; essencial como a própria verdade que, injetada em tua mente pelo milagre da idéia, agora integralmente te domina a cabecinha ainda enfeitada de fita em laço. Sem espaço-tempo, mas com os risquinhos do relógio em tua frente marcando cada passo adiante. Sem presente, que é o passado e o futuro entrelaçados sem nós desatáveis, mas com o calendário aí mesmo juntinho de tua mesa, mostrando a data do teu aniversário muito breve, com os raios do Sol que ontem desapareceram e surgiram há pouco quando surgiu a aurora.

Estranho mundo esse Frederica. Sem cor, mas com o verde lindo da árvore onde brincas nas manhãs de Sol; com o verde-azul-cinza do mar onde teus pés se divertem, com o lilás das boninas que colheste ontem no entardecer daquele campo, lembrás-te, não, Frederica? Como esquecê-las? Tão vivas e quantas mortas, muitas sob teus pezinhos pisoteadas.

Mundo sempiterno, sem fim, sem começo de um fim e o fim de um começo; partes de um Tudo que é o Tudo. Vida-morte, o começo ou o fim? O Tudo ou Nada?

Vida-morte, vida após a vida, o efêmero, o eterno, tudo no mesmo bojo do Universo, fluindo dentro e fora do teu pequeno mundo.

É mesmo assim Frederica.

O longe, o perto. O longe tão perto, às vezes o próximo tão longe. As distâncias, lá medidas uma por uma no teu Atlas. Fronteiras e limites em torno de teu corpo. A liberdade conquistada pela tua mente. O todo indivisível e a divisão frenética das partes divisíveis até o infinito e a energia essencial fluindo, integrando as mínimas partes, interagindo, construindo a harmonia que sentes em tudo que tuas mãos tocam com a magia feminina de ser.

Seguindo, caminhando, reconstruindo, contínuas vezes... É mesmo assim Frederica, que é uma forma possível de se lançar no espaço-mundo com todas as potencialidades para sentir o significado da vida e o significado da morte, da vida que às vezes é morte, da morte que não existe, transcendendo, rompendo a barreira da imanência. Sempre em perigo, lançando-se ao futuro, ao ignorado.

Continuar, Frederica, a partir do agora para o concreto-abstrato, para o ignorado, o indefinível. Pode ser que seja aos saltos. Pode ser que seja passo a passo, devagar. Sempre para a reformulação do positivo ou do negativo, para a vida...

É mesmo assim Frederica. Você sabe disso e o Edmundo Freitas também.

Um amigo à prova de bala

Já vai longe no tempo. Havia o bonde, os trilhos e a Barra era calma e tranqüila. O farol, o paraíso das nossas crianças que residiam nas ruas convergentes como Marques de Leão, Afonso Celso, Milton Oliveira e outras.

Estávamos sempre nos encontrando, nós os que tínhamos o privilégio de usufruir da Barra. Foi nesse ir e vir de juventude plena, alegria no coração e sorriso nos lábios, que conheci Nilo Pedreira, sem poder sequer adivinhar que o jovem e simpático rapaz da Rua Afonso Celso iria salvar-me a vida. Mas eis que o fato aconteceu. E agora, mais do que nunca, é a hora de narrá-lo. A hora da saudade, do reviver o que passou, da avaliação contínua e ininterrupta dos episódios do passado. Hora da gratidão plena e sincera, do depoimento desinteressado; hora da verdade emergir intacta, sem as contaminações deterioradas das paixões humanas.

Corria o ano longínquo de 1949. Na velha e bela Ladeira da Barra, o bonde de Barra número 2 deslizava tranqüilo pelos seus trilhos. E vinha repleto de moradores do bairro já no fim de um dia ensolarado e brilhante. Começava o entardecer. O episódio avassala a minha memória com uma nitidez impressionante. Num dos pontos do início da Ladeira da Barra, “tomou o bonde” um homem moreno com uma arma, deixando o motorneiro e o condutor atônitos e paralisados. E, sem que ninguém pudesse tomar qualquer posição, o desconhecido começou a atirar sem alvo, sem controle,

esbravejando para o mundo, talvez num surto psicótico. Os passageiros, como é compreensível, tiveram as mais diversas reações. As balas passavam pelas nossas cabeças. Eu, passageira, grávida do meu primeiro filho, vinha da Faculdade de Filosofia; carregava, além de meu bebê no ventre, muitos livros no braço.

A maioria das pessoas começou a saltar com o bonde em movimento. Gritos, berros, pedidos de socorro, e o motorneiro não parava. O cobrador largou seu posto. O bonde passou a curva da colina do Santo Antônio da Barra e disparou na descida. Eu não podia saltar. Perderia meu filho já em sétimo mês de vida intra-uterina.

Olhei em volta, apenas alguns passageiros abaixados tentavam se esgueirar para pular. Gritos alucinantes. Abaixei-me, tentando proteção sob os bancos. Meus livros se espalharam. Segurei a bolsa e, instintivamente, abaixada em posição incômoda, permaneci paralisada de terror e medo. De repente, já quase chegando ao Porto da Barra, o motorneiro “brecou” o bonde e saltou em disparada. O desconhecido continuou atirando a esmo. Dois braços me puxaram e me ajudaram a descer rápido, quase carregada por entre as balas que choviam sobre as nossas cabeças.

Aqueles braços obedeciam à ordem de um homem magnânimo e corajoso. Nilo Pedreira me salvou. Eu era a única passageira que não saltara e, ele, ao perceber a minha insólita situação tão especial quanto aflitiva, salvou a vida de mãe e filho. Ansiosa e exausta, encontrei, naquele amigo sempre tão gentil e cavalheiro, a proteção segura, numa hora dolorosa e inesquecível.

Ao lembrar-lhe do episódio 48 horas antes da sua passagem para o infinito, Nilo me disse simples e desativadamente: “Quase nem me lembro... Faço 40 anos de casado com uma Leda que é uma pérola”.

Nilo Pedreira foi para mim um amigo à prova de bala.

Nós, os licenciados

Éramos muito poucos no final da década de 40. Não chegávamos a ser uma centena. Além do mais, carregávamos um nome um pouco esquisito para o pudico ouvido da época, sobretudo das respeitosas famílias tradicionais da cidade. Licenciada lembrava mais que licença. Sugeriria permissividade, licenciosidade, algo equívoco, no meio desconhecido do vocabulário corriqueiro daqueles tempos, menos a famosa *licence* dos franceses. No mínimo, despertava a curiosidade de magistério no curso secundário, que era exercida por médicos, engenheiros, advogados, dentistas e sacerdotes de renome e alta credibilidade profissional, que, nos colégios de Salvador, pontificavam no ensino da Matemática, da História, da Física, da Geografia, das línguas, da Química, da Biologia. Inesquecíveis serão sempre Tenório de Albuquerque, Tobias Netto, Moura Bastos, Eloyvaldo Chagas de Oliveira, Trípoli Gaudenzi, padre Torrend, Carlos Geraldo, para citar apenas uns poucos, dentre muitos de grande valor que se dedicavam a lecionar Ciências e Letras. Nós – os 40 jovens que se candidataram ao primeiro vestibular da novel Faculdade de Filosofia e lograram êxito –, envolvidos no ideal de Isaías Alves, trazíamos no bojo de nossas perspectivas profissionais a meta de atuar neste “palco iluminado” por estas e outras estrelas de igual brilho, assumindo responsabilidades jamais por nós avaliadas na sua exata dimensão. Não dimensionávamos

bem o que significava substituir mestres como Irene e Peter Baker, Gabriela Sá Pereira, Cristiano Müller, Heron de Alencar, Lafayette Spínola, Oliveira Netto, Raymundo Brito, Renato Mesquita, Guiomar Florence e tantos outros, aquela constelação que formava as novas gerações a eles confiadas.

Os professores do então curso primário eram formados nas escolas normais, e os professores dos cursos secundário e superior provinham dos cursos de Medicina, Engenharia, Direito, Farmácia, Odontologia e dos seminários cristãos. Isaías Alves trazia, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, uma nova proposta: formar bacharéis para a pesquisa e licenciados para o ensino secundário e superior, o que já acontecia no Sul do País. A reação chegou como consequência natural a uma obra de tão alto porte intelectual, e a crítica incidiu sobre a falta de recurso humano especializado para concretizar uma idéia ousada e revolucionária.

Quem seriam os mestres dos mestres ?

E a questão se colocou forte e ferina. Quem seriam os mestres dos mestres? Que professores o mestre Isaías iria contratar para tarefas de tão alto porte? Em que celeiro iria recrutar recursos humanos tão especializados, com experiência comprovada? A resposta a esta reação, natural e pertinente até, veio rápida e contundente. Mestre Isaías era dos que sabiam “onde as cobras dormem”. Tinha uma fé inabalável no potencial humano que existia, talvez latente, na intelectualidade baiana. Não houve hesitação, nem dúvidas. Convocou, o velho mestre, plêiades de idealistas, um elenco de homens de ciências e letras, e os envolveu nos seus propósitos, os comprometeu com sua determinação de fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia.

Levados pelo ideal do sonho, enfrentaram o real da vida. Engajaram-se todos no projeto inovador, e talvez grandioso demais, ao qual se dedicaram de tal modo que foram, na sua maioria, excepcionais no desempenho de suas responsabilidades profissionais, mesmo aquelas de lecionar disciplinas jamais antes ministradas no ensino superior da Bahia.

Dos que já partiram para o “al di là”, guardamos a mais forte lembrança daqueles que, sendo nossos professores no Curso de Filosofia, conosco conviveram mais próximos; foram mestres, não simples professores, aqueles que tiveram a coragem de construir, com pequenas pedras, uma catedral. Dentre elas, a figura singular e inesquecível de João Mendonça, psiquiatra, debruçado sobre os livros especializados para lecionar Psicologia com o discernimento necessário. Tendo recebido a designação de falar em seu túmulo, tentamos traçar-lhe o perfil, ele que foi, entre seus colegas, o que sabia o suficiente para personificá-los com sua aguda percepção psicológica. Costumava dizer-nos muitas vezes, quando Jorge Calmon subia a imponente escadaria de tapete vermelho do velho casarão de Nazaré: “Vem chegando o nosso príncipe inglês.” E, na sutil insinuação do professor Mendonça, todas nós gostaríamos de ter sido uma cinderela. Às 18 horas, quando o sino da Igreja do Coração de Jesus badalava e a Ave-Maria soava, Carlos Chiachio estava entre nós com a sua doce e suave beleza interior, contrastando com a sua esdrúxula, aparência exterior. E, na sua postura do intelectual por excelência, Nelson Sampaio nos abria o novo mundo da Sociologia, que há 50 anos engatinhava no Brasil. No último período do curso de licenciatura, acompanhávamos magnetizados o peripatético professor Magalhães Netto, cujas aulas de Biologia Educacional ministrava numa linguagem impecável, andando de um lado para o outro, conquistando pela sua simpatia um lugar à parte. Quando, algum tempo depois,

foi diretor da Faculdade de Filosofia, e cabia-nos então a responsabilidade de dirigir os destinos do Colégio de Aplicação, tivemos a oportunidade de conviver com seu cavalheirismo, que sempre houve por bem conservar, e, como entre nós, reinou soberana a empatia, confiou-nos a educação de Helena e Eduardo, seus filhos. Quando, às vezes, discordava de nós e transparecia uma fé estimuladora no nosso trabalho, desenvolvido no Colégio de Aplicação, encerrava nossas pequenas discussões: “Você é a educadora, você é quem sabe”. Sentíamos-nos, então, impulsionadas pelo dever e pela fé que advinha dele.

Quando nós, os licenciados, iniciamos então nas redes oficial e particular do ensino, lecionando línguas, Ciências Exatas e Humanas e Filosofia, percorremos uma jornada corajosa entre desconfiança e expectativa, com o respaldo do Isaías Alves. Nós, os licenciados, que para o público em geral éramos “estranhos no ninho”, afinal, quem realmente éramos? Certa vez, numa reunião social houve uma situação embaraçosa, quando algumas senhoras da sociedade baiana indagaram algumas jovens sobre a vida estudantil que levavam. Naqueles velhos tempos, poucas mulheres transitavam nos cursos superiores; exatamente por isso houve surpresa quando anunciaram que iriam ingressar nas faculdades de Medicina e Direito. “Não eram carreiras adequadas para moças”, mas, quanto a ser licenciada, pareceu àquelas senhoras um anátema. Era um termo ambíguo. Nós, os primeiros licenciados, frutos do esforço de Isaías Alves e de sua extraordinária equipe, enfrentávamos a oposição do grande e inesquecível Anísio Teixeira que, pouco antes do término de sua vida na Terra, tão amigo se tornou de nós e tão entusiasmamente se pronunciou sobre o nosso trabalho na Faculdade de Educação.

Nós, os licenciados, aqueles que tentaram viver a experiência pedagógica da Faculdade de Filosofia, acreditamos ter correspondido aos ideais de Thales de Azevedo, Frederico

Edelweiss, Pedro Tavares, Wanderley de Pinho, Carlos Ott, M. L. Magnavita, José Calazans, Tavares de Macedo, Carneiro Ribeiro, Van der Hagen e de Batista Neves, nosso inesquecível secretário. Acreditamos ter aceito o desafio e, 50 anos depois, parece que nos foi concedida a “licença” necessária para justificar por si só a Faculdade de Filosofia que, ao completar meio século de existência, deve lutar para preservar sua essência.

Quem seriam os mestres dos mestres?

E a questão se colocou forte e ferina. Quem seriam os mestres dos mestres? Que professores o mestre Isaías iria contratar para tarefas de tão alto porte? Em que celeiro iria recrutar recursos humanos tão especializados, com experiência comprovada? A resposta a esta reação, natural e pertinente até, veio rápida e contundente. Mestre Isaías era dos que sabiam “onde as cobras dormem”. Tinha uma fé inabalável no potencial humano que existia, talvez latente, na intelectualidade baiana. Não houve hesitação, nem dúvidas. Convoitou, o velho mestre, plêiades de idealistas, um elenco de homens de ciências e letras, e os envolveu nos seus propósitos, os comprometeu com sua determinação de fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia. Levados pelo ideal do sonho, enfrentaram o real da vida. Engajaram-se todos no projeto inovador, e talvez grandioso demais, ao qual se dedicaram de tal modo que foram, na sua maioria, excepcionais no desempenho de suas responsabilidades profissionais, mesmo aquelas de lecionar disciplinas jamais antes ministradas no ensino superior da Bahia.

Dos que já partiram para o “al di là”, guardamos a mais forte lembrança daqueles que, sendo nossos professores no Curso de Filosofia, conosco conviveram mais próximos; foram mestres, não simples professores, aqueles que tiveram a coragem de construir, com pequenas pedras, uma catedral. Dentre elas, a figura singular e inesquecível de João Mendon-

ça, psiquiatra, debruçado sobre os livros especializados para lecionar Psicologia com o discernimento necessário. Tendo recebido a designação de falar em seu túmulo, tentamos traçar-lhe o perfil, ele que foi, entre seus colegas, o que sabia o suficiente para personificá-los com sua aguda percepção psicológica. Costumava dizer-nos muitas vezes, quando Jorge Calmon subia a imponente escadaria de tapete vermelho do velho casarão de Nazaré: “Vem chegando o nosso príncipe inglês.” E, na sutil insinuação do professor Mendonça, todas nós gostaríamos de ter sido uma cinderela. Às 18 horas, quando o sino da Igreja do Coração de Jesus badalava e a Ave-Maria soava, Carlos Chiachio estava entre nós com a sua doce e suave beleza interior, contrastando com a sua esdrúxula, aparência exterior. E, na sua postura do intelectual por excelência, Nelson Sampaio nos abria o novo mundo da Sociologia, que há 50 anos engatinhava no Brasil. No último período do curso de licenciatura, acompanhávamos magnetizados o peripatético professor Magalhães Netto, cujas aulas de Biologia Educacional ministrava numa linguagem impecável, andando de um lado para o outro, conquistando pela sua simpatia um lugar à parte. Quando, algum tempo depois, foi diretor da Faculdade de Filosofia, e cabia-nos então a responsabilidade de dirigir os destinos do Colégio de Aplicação, tivemos a oportunidade de conviver com seu cavalheirismo, que sempre houve por bem conservar, e, como entre nós, reinou soberana a empatia, confiou-nos a educação de Helena e Eduardo, seus filhos. Quando, às vezes, discordava de nós e transparecia uma fé estimuladora no nosso trabalho, desenvolvido no Colégio de Aplicação, encerrava nossas pequenas discussões: “Você é a educadora, você é quem sabe”. Sentíamos-nos, então, impulsionadas pelo dever e pela fé que advinha dele.

Quando nós, os licenciados, iniciamos então nas redes oficial e particular do ensino, lecionando línguas, Ciências Exatas e Humanas e Filosofia, percorremos uma jornada corajosa entre

desconfiança e expectativa, com o respaldo do Isaías Alves. Nós, os licenciados, que para o público em geral éramos “estranhos no ninho”, afinal, quem realmente éramos? Certa vez, numa reunião social houve uma situação embaraçosa, quando algumas senhoras da sociedade baiana indagaram algumas jovens sobre a vida estudantil que levavam. Naqueles velhos tempos, poucas mulheres transitavam nos cursos superiores; exatamente por isso houve surpresa quando anunciaram que iriam ingressar nas faculdades de Medicina e Direito. “Não eram carreiras adequadas para moças”, mas, quanto a ser licenciada, pareceu àquelas senhoras um anátema. Era um termo ambíguo. Nós, os primeiros licenciados, frutos do esforço de Isaías Alves e de sua extraordinária equipe, enfrentávamos a oposição do grande e inesquecível Anísio Teixeira que, pouco antes do término de sua vida na Terra, tão amigo se tornou de nós e tão entusiasticamente se pronunciou sobre o nosso trabalho na Faculdade de Educação.

Nós, os licenciados, aqueles que tentaram viver a experiência pedagógica da Faculdade de Filosofia, acreditamos ter correspondido aos ideais de Thales de Azevedo, Frederico Edelweiss, Pedro Tavares, Wanderley de Pinho, Carlos Ott, M. L. Magnavita, José Calazans, Tavares de Macedo, Carneiro Ribeiro, Van der Hagen e de Batista Neves, nosso inesquecível secretário. Acreditamos ter aceito o desafio e, 50 anos depois, parece que nos foi concedida a “licença” necessária para justificar por si só a Faculdade de Filosofia que, ao completar meio século de existência, deve lutar para preservar sua essência.

A mulher do médico: uma significativa responsabilidade

Dentre os diversos e diferenciados papéis que desempenha a mulher no mundo contemporâneo, o perfil de esposa se delinea em seu *script* existencial como sendo uma das mais importantes responsabilidades que a vida lhe impõe. A responsabilidade profissional que pesa nos seus ombros força-a, sobretudo, à obrigatoriedade funcional de uma performance, senão excelente, no mínimo satisfatória. Não é fácil vencer os obstáculos que se apresentam para sua realização profissional como salários inferiores, preconceitos machistas, assédio sexual. O maior obstáculo, porém, na maioria das vezes intransponível, é a conciliação da vida profissional com a vida familiar, sobretudo com o papel de mãe, que é a extrema responsabilidade que lhe é imputada pela sua própria opção de maternidade consciente.

No meio da caminhada, ao se defrontar com um médico e decidir unir-se a ele por amor, o rumo de sua estrada se torna extremamente árduo quanto desafiador, obrigando-a a posições existenciais bastante definidas. Amar verdadeiramente um médico significa amar a Medicina e conviver saudavelmente com ambos o médico e a Medicina, sem disputa de poder e sem competição de qualquer natureza.

O assunto ocupou significativas e primorosas páginas das deontologias e serviu de fortes temáticas aos famosos e inesquecíveis romances que enriqueceram a literatura médica das décadas do meio do século que, naquela época,

colocava o médico na sua invejável onipotência, dentro do sagrado e intocável sacerdócio, ele que, no plano afetivo, buscava de coração pleno a verdadeira e terna Musa: a Medicina. Era o mundo de Cronin (quem pode esquecer de *A Cidadela?*), de Cramell (*La vida de un cirujano*), de Jean Eparmier (*Les miracles de la chirurgie*), de Alexis Carrel (*O homem, esse desconhecido*), de Barroso (*A formação do médico*), de Jean Louis Fauré (*L'âme du chirurgien*) e de Maurice Fleury (*O médico*).

Era a dificultosa estrada que percorria o médico, onde a vida e a morte se encontravam, o ideal do sonho e o real da vida se misturavam, o dever e o lazer se debatiam, e a ambição e a glória se apresentavam embutidas nas inevitáveis expressões do egoísmo humano. Nesse complexo e emaranhado universo, Etienne Martin e E. Sergente pontificaram nos tratados de Deontologia (*Précis de Deontologie* e de *Médecine Professionnelle* e *Traité de Pathologie Médicale – Deontologie*).

E tornou-se bastante forte, emergindo como tema de destaque: **Le mariage du médecin**.

Hoje, no aqui e agora de fim de século, a trajetória do médico é bem mais árdua. Atrelado a um sistema de saúde que o coloca em situação de um profissional insatisfeito, precisa como nunca de um casamento ajustado aos “nós vitais” de sua caminhada. Os sucessíveis plantões, as consultas em vários locais, a contínua e indispensável reciclagem, em face dos avanços tecnológicos, os compromissos, advindos das participações nas associações médicas, a necessidade imperiosa de um estudo sistemático e consciente, as exigências de uma titulação, a qual vai sempre lhe ser cobrada – mestrado, doutorado e pós-doutorado, passam a ter um compasso acelerado no grande leque que as ciências médicas abrem diante do médico, obrigando-o ao domínio de uma opção consciente.

Aliás, dentre as habilidades que o conceito de “homem educado” carrega, é **saber escolher** advertem os educadores não ortodoxos. No supermercado da vida, há imperiosa necessidade de optar, com o máximo de consciência e razoável acerto. Os erros de opção, pois, são desastrosos. Dentro de uma tradição cultural que o colocava acima do bem e do mal, o médico sente-se, como nunca, mola manejável de uma engrenagem manipulada. E, nesse imbróglio, o seu quociente emocional precisa ser consideravelmente equacionado. A mulher escolhida para sua jornada precisa compreender o quadro sócio-econômico onde vive, no qual tramita o médico, e as implicações de ordem afetiva que vão, às vezes, aturdi-lo. Em geral, inserida na força de trabalho, vai construir uma **fiação** difícil, entrelaçando os fios de duas vidas, de onde deve fluir uma energia bastante potente para iluminar um espaço sagrado que, por vezes, se torna obscuro e turbulento, necessitando da luz do discernimento, da tolerância e do Amor: o Lar, construído com metas definidas e sacrifícios mútuos. Neste jogo de equilíbrio, a mulher deve saber que a balança vai pesar do seu lado, inevitavelmente, e deve estar preparada para esta aventura existencial da corda bamba da bailarina do circo que costumava assistir quando criança, muito emocionada aliás.

Quando seus interesses profissionais colidirem com os do seu companheiro, a Medicina vai comandar o espetáculo. Neste momento decisório, seu quadro de valores deve estar bem delineado. Não comporta hesitações e sua dimensão de mulher, mãe, companheira, esposa, amante, amiga, muitas vezes colega e secretária, toma gigantescas proporções que a obriga a traçar uma filosofia de vida, permitindo-lhe aprender a ser, sobretudo a investir num projeto de vida, que possa conduzi-la à compaixão, à solidariedade humana,

à empatia, sopitando o egoísmo, combatendo a egolatria reinante em torno de si mesmo.

Hoje, como antes, não poderá ser nem ciumenta, nem curiosa, nem falastrona, nem mundana e, sobretudo, nunca, em nenhum momento, indiscreta. Sendo médica, comungando projetos de vida idênticos, necessitam os dois de um ajuste valorativo para que, em determinados pontos de contacto, não ocorram os choques de interesses. Não creio que os deveres e direitos de ambos sejam exatamente os mesmos. Há, nesta conjuntura, diferenças biopsíquicas fundamentais. Nem o machismo abominável e repressor, nem o feminismo ridículo e desastroso. São seres diferentes e devem agir complementando-se. Num casal de médicos, os ajustes necessários devem ser conscientizados e introjetados no quotidiano do viver harmoniosamente.

Precisa a mulher do médico amar e compreender a Medicina, o exato papel que ela desempenha na sociedade de hoje, suas grandezas e suas misérias, e penetrar além das estrelas, adentrando-se na problemática da morte. Conviverá com ela, como conteúdo da essência de sua própria vida, e sentirá intensamente a bipolaridade existencial da Vida e da Morte.

A perspectiva axiológica da educação

No momento histórico que atravessamos, as ciências básicas que fundamentam o processo educacional tomaram posições significativas em face das revolucionárias assertivas das descobertas fisioquímicas e biológicas as quais levaram a filosofia a refletir sobre um novo paradigma existencial para este homem que emerge neste fim de século tão angustiantemente vivenciado:

Da maneira como estão as coisas existe o perigo genuíno de que a sociedade ocidental se torne, nas palavras de Gertrude Himmelfarb, uma sociedade desmoralizada.

É a famosa “a-de-moralized society” de que tanto falam os ingleses.

Em outubro de 1994, R.M. Hartmell, historiador inglês, no seu discurso pronunciado em Canes, França, ao analisar a evidência estatística da crescente escalada de crimes e violência da sociedade atual, conflitos e distúrbios civis, intolerância, falta de civilidade, aumento da delinquência juvenil, desonestidade dos governos e nos negócios, declínio da importância da família, alerta que estes fatores são agravados pela falta da educação em combater esses males, sem evidentemente minimizar os outros fatores de natureza sócio-político-estruturais.

E, como era de esperar, a análise destas falhas esbarra inevitavelmente em duas questões que sempre emergem das elucubrações educacionais: o conteúdo curricular e a

metodologia adequada, focos constantes dos que operacionalizam as teorias educacionais vigentes, a liberal-humanista, a integral, a contrutivista e outras tantas. Neste caminho que permite muitas reflexões se torna mais do que necessário, creio imprescindível até, uma base confiável proporcionada pelos valores sobre os quais qualquer civilização deve ser e tem sido construída. E a perspectiva da educação é, indiscutivelmente, axiológica.

Enquanto a biologia aponta a imaturidade diante da gravidez prematura, e a psicologia adverte aos pedagogos da necessidade de dar limites, a filosofia coloca para a reflexão dos educadores a importância significativa de trabalhar com os jovens em torno dos valores, surgindo uma velha expressão que ressurge com uma força inusitada: “a educação do caráter”. Os valores como honestidade, solidariedade, civilidade, harmonia, liberdade, paz, justiça, amor à verdade e outros nestes implícitos precisam merecer dos educadores a mesma ênfase que o desenvolvimento das capacidades intelectuais tem merecido até então.

Aos conteúdos programáticos predominantemente cognitivos, informativos, necessitamos integrar valores que desencadeiem o novo processo de educação afetiva e da educação da vontade.

Precisamos de cidadãos éticos. Todos os trabalhos desenvolvidos no Novo México, na escola Nizoni – experiência pedagógica consagrada na América – ou a poucos quilômetros de Londres na escola de Krisnamurti, educador e filósofo oriental, ou mesmo na Índia, na Universidade de Bangalore, visitada por inúmeros reitores do Ocidente, na Universidade da Paz de Pierre Weill, comprovam a necessidade da educação iniciar sua “revolução silenciosa” para não fenecer entre as quatro paredes da sala de aula formal. Numa recente publicação, a Enciclopédia Britânica lançou,

numa hora oportuna, uma coleção voltada para a introjeção de valores na primeira infância. Sem que a juventude esteja preparada para pautar a sua trajetória pelos chamados “grandes valores” como a fé na verdade, a busca da justiça, da liberdade, do conviver com civilidade, que é o respeito ao outro com suas individualidades, diferenças, conflitos, valores como a tolerância, a benevolência, a honestidade, dificilmente seremos como queria o célebre escritor Luiz Borges: “cidadãos éticos”.

Num momento decisivo em que todos educam todos, pais, professores, líderes religiosos e os padrões de comportamento e personalidades da mídia, difícil alguém ser responsável pela educação de alguém. O planejar “um mundo descentralizado, apolítico no qual a liberdade individual e a eficiência econômica encontrem amplos horizontes e uma defesa firme” não é só um sonho de George Stigler, mas de todo cidadão consciente que luta dentro das suas limitações por um mundo melhor numa Nova Era, altamente promissora dentro do valor mais alto que é a harmonia cósmica.

A qualidade total deve ser desenvolvida dentro de cada mestre, cada pai, cada político, cada sacerdote, cada comunicador no interior de cada Homem, para que Diógenes, o grego, possa encontrá-lo com sua lâmpada, sem precisar peregrinar com focos incandescentes de luz no obscuro mundo dos homens. Busca-se o educador no *Homo Concors*, aquele que desenvolveu a coerência interna.

UFBa., 1970 – de repente, no último verão...

Era na UFBa., no verão de 1970, há 26 anos que as benfazejas bruxas mexiam no caldeirão da reforma pela Lei 5.540 e era exatamente nesta época que, do Palácio da Reitoria, emanavam as Circulares do Magnífico Reitor Roberto Santos. Determinantes e precisas, acionavam a Universidade para se reformular, adequando-se aos ditames legais. E o verão se tornou um “longo e doloroso inverno” na vida daqueles responsáveis pelas tarefas universitárias, inadiáveis, que se debruçaram sobre leis, para atender ao apelo do nosso Reitor, e que entre Orlando Gomes e Lafayette Pondé, aprovavam os Regimentos no Conselho Universitário.

Foi nessa época que, numa tarde daquele verão, observando toda a intensa mobilização dos Departamentos, dos Conselhos e dos professores, funcionários e estudantes, escrevi “As circulares do Magnífico Reitor”. A sua publicação hoje certamente significa uma homenagem àqueles que viveram um inesquecível momento da UFBa., abdicando de todos os seus interesses pessoais, inclusive do habitual lazer de fim de semana e o maravilhoso “veraneio na ilha”. Significa também o reconhecimento do trabalho de um Reitor que “de 7 às 7” se dedicava à Reforma da UFBa., numa incontestada prova de determinação e capacidade de trabalho e metas definidas.

O meu sábio e querido amigo Macedo Costa aconselhou-me com sua discrição habitual: – Não publique, agora.

Um dia talvez..., e então Roberto apreciará. Aceitei o conselho amigo, neste momento, quando a memória de um passado longínquo nos traz a imagem da UFBA., fervilhante, dinâmica, idealista, plena de dúvidas e esperanças, de conflitos e hesitações, mais viva e atuante.

Creio que vale lembrar aqueles instantes de muitas elucubrações e muitas vacilações e muitos interesses contrariados, muito trabalho e inércia também, mas, sem dúvida, um significativo e inesquecível momento da sua história:

As circulares do Magnífico Reitor

Se o leitor tem uma razoável memória deve estar preocupado. Não só preocupado, talvez até um pouco intrigado com a ausência significativa nas suas andanças veranistas pelo Recôncavo, de uns certos amigos seus, em número bem expressivo aliás, que costumavam há vários anos seguidos participar dos lazeres próprios nas despreocupadas férias de fim de ano, quando o verão do país tropical bem o convida ao mar, à praia, ao campo, ou pelo menos àquela conversa amigável que se costuma chamar de um bom bate-papo.

Certamente algo deve ter acontecido com esses amigos, que antes tão coparticipadores dos lazeres veranistas de janeiro estão agora tão irremediavelmente ausentes. Que realmente será feito deles? E é mais estranho ainda quando são pessoas que costumavam, por força legal de férias bem longas das suas lidas profissionais, contribuir despreocupadamente com as suas alegrias de veranistas.

É bem possível que consigamos explicar. Tentaremos pelo menos. Em primeiro lugar, eles receberam um envelope branco, aliás com símbolo expressivo. Nada muito grave. Apenas mais uma circular do Magnífico Reitor. Por força

delas se distribuem os grupos diversos. É bem possível que alguns deles estejam num grupo de razoável importância, em número aproximado de 10 a 12 componentes. Estão um pouco preocupados, embaraçados até, mas parece que há bons recursos. Sobre a mesa há um livrinho branco: é apenas um boletim informativo. Há também uns papéis mimeografados de ordem legal. Pode ser que haja uma máquina de calcular, porém é bem mais provável que estejam de ar meio estranho, contando nos dedos, pelo menos grande parte deles. Há certas palavras mágicas como crédito que são pronunciadas muitas vezes, dezenas de vezes, e certos objetos que são usados demais até se desgastarem; a borracha, por exemplo, apagando continhas erradas. Ficam um pouco excitados e no fim de duas a três horas se mostram bastante cansados. Há exaltações, não resta a menor dúvida e, sobretudo, há dúvidas, terríveis dúvidas porque levantam e consultam outros grupos se pode ou não pode isso ou aquilo. De vez em quando, usufruem de pequeno direito adquirido: um cafezinho. Não há verba para sanduíches.

Se fosse um filme, o leitor a esta altura estaria até em suspense mas como é uma pobre narrativa de um escrivinhador não consegue explicar melhor. É uma pena, mas na verdade é o que ocorre nesses dias de janeiro na Universidade Federal da Bahia. Mas nem todos permanecem, por forças das circulares do Magnífico Reitor, nesse trabalho assim tão fatigante, com direito a um só cafezinho. Há outras possibilidades; a de participar de outro grupo que está reunido em salões bem mais confortáveis, que iniciam suas reuniões por volta das 9 horas e que exatamente às 12 podem tranquilamente iniciar a discussão de um outro assunto, comandados por uma chefia altamente democrática que sempre consulta a assembléia se ainda há possibilidade de rever ou não mais um assunto. Às 14 horas, levantam-se felizes para um alegre almoço de verão.

Esses seus amigos, caro leitor, têm sobre a mesa documentos e sobre os ombros deve haver algo bem mais grave, porque estão curvados, meio preocupados, sobretudo alguns, uns lêem, escrevem, discutem, e o cafezinho é servido mais de uma vez. O salão é realmente lindo, em estilo colonial; mas é que as manhãs de janeiro são bem mais lindas ainda e as lembranças de outras manhãs de janeiro tão mais despreocupadas, atrapalham; mas não chegam a perturbar o fio dos seus raciocínios. Uns se levantam às vezes e voltam aos seus lugares para uma folga tomada mas não concedida.

Dirigem-se palavras uns aos outros e nem sempre são tão agradáveis. Mas essas palavras têm uma importância imensa e uma força muito maior do que se possa imaginar. Imagine o leitor que às vezes elas podem fazer com que uns homens fiquem subordinados a outros. Pode ocorrer coisa gravíssima como, por exemplo, deixar de existir ao que se chama Etnolinguística da África Negra. Embora seja de alta relevância o trabalho deste grupo, pode ocorrer que alguns de seus amigos se divirtam em outro grupo meio perplexo. Estes têm entre as mãos umas listas meio complexas, por vezes. Têm tarefas marcadas para o dia 16 em diante. Estarão diante de jovens muito simpáticos e muito eufóricos decidindo em parte o destino deles. Por esse fato, podem os senhores imaginar como será agradável a sua tarefa. Para cumpri-la, eles estão indo e vindo para falar com pessoas e se informarem suficientemente. Afinal, vão orientar jovens. O leitor que tem os seus filhinhos de 18 a 20 anos que sabem tão bem o que querem, com aquela segurança tão invejável, avalia como será divertida essa tarefa de orientação.

Há um outro grupo onde afinal podem estar divertindo-se uns dos seus amigos. Estes reúnem-se mais ou menos confortavelmente e são daqueles que às 12 horas desse maravilhoso verão podem estar discutindo sobre papéis que lhe

foram entregues com uma razoável antecedência de 24 horas, e sobre os quais devem emitir pareceres. Estes seus amigos recebem uns envelopes pardos em suas residências, contendo documentos de leitura agradabilíssima sobre assuntos que podem modificar o destino de 200 a 300 jovens da Universidade.

Não há dúvida de que o leitor deve estar um pouco preocupado com o destino de seus amigos. Mas nada é muito grave, realmente. Aquele livrinho branco manuseado pelo 1º grupo, nada mais é do que o Estatuto e o Regimento da Universidade Federal da Bahia e eles estão fazendo nada mais nada menos do que decidir os destinos dos três mil universitários que terá a Universidade em 1970, ou seja, elaborando os 45 currículos dos 45 cursos que a Universidade vai oferecer, e aqueles papéis mimeografados nada mais são do que os pareceres do Conselho Federal de Educação, a portaria 159, acrescidos de um documento saído de ilustres e delicadas mãos femininas, que consegue falar de algo particularmente agradável de se manejar, ou seja, o crédito. O objeto totalmente desgastado deve ser uma borracha, exausta testemunha das altas qualidades matemáticas e computadores dos historiadores. E pensar que nada mais ocorreu, tão só, mera e simplesmente, uma circular do Magnífico Reitor. Elas reúnem os 45 colegiados de Cursos da nossa Universidade que deve abranger cerca de 500 professores para reorganizarem os cursos de 1970.

Se seu amigo está no outro grupo se diverte mais um pouco; pertence simplesmente a um conselho incumbido de aprovar os 25 regimentos das faculdades, escolas e institutos da Universidade, obedecendo a circulares, convites semanais do Magnífico Reitor, e estão altamente honrados com a convivência com ilustres juristas brasileiros com quem dificilmente e em tão honrosas circunstâncias se teria aulas gratuitas de direito, o que decididamente justifica o almoço às 14 horas.

Há os que se divertirão muito mais: farão a matrícula de três mil jovens que ingressarão e dos cinco mil e tantos que continuam seus estudos. São os professores orientadores que têm em suas mãos o elenco de disciplinas que deverão oferecer aos seus pupilos e com eles iniciar uma agradável entrevista.

E se ele pertence ao outro grupo, está inserido no Conselho de Coordenação que deve analisar nada mais nada menos do que os 45 currículos elaborados pelos colegiados de cursos e decidir questiúnculas interessantíssimas de trancamento de matrículas, e outros assuntos muitíssimo divertidos, apropriados aliás para suas agradáveis férias de verão tropical, com a simpática e agradável convivência de ilustres professores que lhe podem oferecer sem ônus (isso é tão importante!) informações sobre os mais variados setores universitários, desde as provas objetivas de múltipla escolha até petrografia e ainda questiúnculas da língua alemã. O leitor pode avaliar o quanto se pode aprender! Creio que o leitor começa a entender, agora, as circulares do Magnífico Reitor. Elas eclipsaram os seus amigos das praias veranistas do Recôncavo e os colocaram a postos nos recintos da Universidade. Eles estão trabalhando em função da Reforma da Universidade. Após 23 anos de vida profissional na Universidade Federal da Bahia, nunca vi um fenômeno igual a esse. As circulares do Magnífico Reitor se sucedem.

Elas desencadeiam a Reforma e, por força delas, em plenas férias de verão se pensa, se planeja, se conta, se reconta, se consulta, se telefona, se marcam encontros, se vai e se vem, se dinamiza a Universidade!

Por força delas se discute em bases francas, se pensa nos alunos, se fortificam opiniões, se conscientiza o professor das suas responsabilidades diretas.

Há uma inegável e singular vitalidade feita de ansiedade, de dúvidas, de desconfianças, de esperanças, de louvores, de

xingamentos, de raivas e de exaltações, que envolve o professor no processo de aprendizagem que vitaliza a Universidade.

Creio que não há um só professor da Universidade ainda não atingido por um desses simpaticíssimos papezinhos brancos, muito sumários, com tarefas pré-marcadas e prazos fatais. Benfazejas e salutares elas se sucedem!

Mesmo sem datilógrafo e sem serventes, poucos livros e um cafezinho, há uma renovação na Universidade, inegável reformulação que pode, se bem conduzida, chegar a conseguir uma atitude nova de envolvimento no total do professor no processo do ensino, da aprendizagem, da educação, enfim.

Em pleno janeiro tropical na Bahia, nunca tantos se esforçaram tanto em virtude de tão pouco: tão só, mera e simplesmente, uma Circular do Magnífico Reitor.

A oração da última noite

Um homem contou a história simples de Jesus, sem atavios. Era a última noite do ano que passou. Era uma estória ou uma história? O silêncio era uma grande nuvem de harmonia e paz que servia de teto e solo aos que o ouviam. Assim disseram. Poucos se moviam, envolvidos na história simples do menino que nasceu na estribaria. Uma história sem bruxas e sem fadas, envolvida em alegria e sofrimento, em encontros de paz e guerra, de amor e desamor, mas que, na sua simplicidade significativa, abalou o mundo, atravessou os séculos, pretendeu tocar o coração dos homens e desafiou a pretensão utópica de torná-los iguais.

As palavras pareciam ter, naqueles momentos agonizantes do ano que morria, uma extraordinária força. Por isto, elas foram tomando corpo no espaço daquele pequenino universo, cheio de plantas e crianças, de homens e mulheres, todos juntos num “todo” harmonioso e dinâmico, e interagindo como organismo vivo na comunidade a que se propõe ajudar.

O homem falava e as imagens tomavam forma. Ele tentava penetrar além do objetivo e conhecido; ele tentava fazer uma viagem para além do observado ou até onde estão juntos, num só momento, o observado e o observador. Ele tentava conhecer a face desse Jesus tão conhecido e tão ignorado, tão longe no tempo e tão perto no espaço.

Aliás, naquele momento, que importância tinha espaço-tempo? Exatamente por isso, dizia o contador da história do

menino que se tornou homem e morreu na cruz, a face de Jesus se transmutava tantas vezes e, no tempo e no espaço, se fez presente em momentos fortes de emoções e significado para a humanidade.

E assim foi no instante em que, naquele esforço contínuo e inaudito, Madame Curie descobre o radium. Era um dia radioso de glória, e aquela mulher, perante a ciência, curvou-se jubilosa diante de um momento esplendoroso para a humanidade, quando a face de Jesus ela certamente percebeu naquele despretenso laboratório.

Assim aconteceu com aquele “sábio distraído” que, ao curvar-se sobre o Universo, ficou-se perplexo diante da infinita grandeza das explicações mecanicistas dos sábios, das fórmulas matemáticas explicativas e complexas dos sistemas, para concluir que a matéria é igual a energia, e, ao afirmar que Deus não joga dados, conseguiu vislumbrar, na energética força interior que é a intuição plena, a face da “verdadeira verdade”.

Plenos de deslumbramento, estavam Curie e Einstein.

Assim estava a Mansão do Caminho nesse 31 de dezembro de 1994, iluminada, envolvida na palavra mágica de Divaldo Franco que certamente fascinado estava pela face de Jesus. Tomou-a e, com sua palavra, mostrou-a aos que lá estavam, plenos de fé e de solidariedade humana.

Ruy Simões, de bonde e de passagem...

Os tempos em que, despreocupado e romântico, eu o encontrava eram meio tristes porque em plena Segunda Guerra Mundial.

Na década de 40, a Faculdade de Filosofia inovava o panorama acadêmico e excitava um pouco a curiosidade dos jovens e também dos velhos intelectuais da época, apoiando uns o sonho meio louco de Isaías Alves e outros criticando-o. E, por incrível que pareça aos estudantes de hoje, os grandes e significativos encontros podiam acontecer e aconteciam sempre num veículo chamado “bond”, hoje peça de museu ou de parques infantis, do qual as crianças pongam e despongam, saltitantes e felizes.

O “bond” era, então, a possibilidade de fortalecer laços de amizade alongando o tempo das conversas compridas quando “correr” não era ainda o desumano imperativo categórico do homem deste planeta e as pessoas se tocavam, se abraçavam e se olhavam nos olhos e no coração. Outros tempos, outros sonhos! Tempo do “bond”, possibilitando um relacionamento humano que nada tem a ver com o superficial e distante “oi!” de nossos dias.

No “bond”, também, muitos relacionamentos tiveram o seu começo, pois havia nos seus bancos sempre lugar para mais um, simplesmente para trocar palavras, idéias, olhares e pesares, dores, flores e amores.

Pois era assim, no bonde de Nazaré, que Carlos Chiacchio lia mais uma vez suas apostilas de estética antes de descer vagarosa e pachorrentamente para o estribo a fim de saltar exatamente na porta da Faculdade de Filosofia onde nós, suas alunas, o esperávamos. Rigorosamente às 5.

É que, no “bond” o tempo “rendia” e se podia ler. Ninguém o assaltaria. O pior que poderia acontecer era pedir emprestado o livro no qual sua mente se deliciava e ao qual você era apegado. Bem que Dr. Lafayette Pondé estranhou, meio curioso e intrigado, ver uma jovem de 18 anos lendo no “bond” a **Política**, de Aristóteles. Hoje, por certo, ele discutiria seu pensamento se houvesse tempo e “bond”.

Mas, no “tempo do bond”, Néelson Sampaio saboreava as formas sociais de Gurvicht, no “bond” vermelho que corria célere nos trilhos de Nazaré até o Hospital Santa Izabel onde fazia a sua curva cautelosamente para não descarrilar. Na faculdade, nós, os seus alunos de sociologia, o esperávamos para usufruir das suas inesquecíveis aulas de rigorosa precisão terminológica e impressionante seqüência lógica.

Era no “bond” que Ruy Simões pongava e dele desponhava, lépido e elegante, para viver os seus “momentos de conviver”, e onde eu o encontrava para aquele contactar agradável e ameno quando as idéias eram soltas como badaladas de um sino que anunciava afeto e serenidade, sem alarde. Suas críticas, entre severas e amenas, vinham acompanhadas daquele sorrir significativamente malicioso e discreto.

Era no “bond” que sempre o encontrava quando, então, comentava os fatos do cotidiano, que se enriquecia, na sua análise, de uma discreta malícia inócua.

Então, o namorar, o rir e o chorar, o elogiar e o criticar, o flertar – que paquerar não se sabia –, o falar e o cochichar sobre tudo e sobre todos, de sonhos e desenga-

nos, de dores e de amores, de galanteios, de damas e cavalheiros, personagens da nossa paisagem, vinham tocados pela magia de sua linguagem elegante.

Mais adiante no tempo, quando não havia mais bonde, quando as dores e as alegrias, os temores e os amores chegaram-lhe ao coração, havia na sua linguagem uma dor dolorida e, no seu riso, uma leve amargura. A guerra havia terminado, os movimentos intelectuais efervesceram e não mais de bonde eram nossas conversas. A Faculdade de Filosofia havia se firmado, integrando-se à Universidade, e a maturidade estava chegando em nós e na UFBA, nas suas décadas áureas de 50 a 80. E muitos foram os novos encontros nas salas do velho casarão de Nazaré, quando Ruy visitava constantemente Batista Neves, que foi sem dúvida uma figura de grande significado na administração da nossa querida Faculdade de Filosofia. Trocavam idéias, discutiam estratégias e creio que, por muitas vezes, decidiram juntos os destinos da novel instituição, já nesta época não tanto questionada.

Estava, então, em busca de si mesmo. E, quando passamos a nos encontrar no Palácio da Reitoria, Ruy havia descoberto sua Stella, estrela-guia que pontilhou de luz a sua vida. Nessa época, transitava livremente nos gabinetes dos reitores e a Universidade era tema de suas elucubrações. Nos últimos tempos, estivemos juntos “aos pés do mestre Silveira”, armando o IBIT, porque sempre se apaixonou pelas causas que abraçou.

Ruy, para mim e certamente para muitos de nós seus amigos, será sempre a doce saudade de maio, de “bond” e de passagem...

A insolúvel problemática da mulher no mundo contemporâneo

A situação atual em que se encontra a mulher de todas as classes sociais e de todas as nações e raças do planeta está se constituindo num problema, cujas alternativas de solução oferecem ainda uma perspectiva sombria e obscura para o mundo de amanhã. Um mundo onde a mulher se sente cada vez mais dividida, multipartida, em face dos papéis que deve e precisa desempenhar após a revolução industrial que lhe arrancou repentinamente das tarefas do lar para jogá-la na força de trabalho. Acostumada às tarefas caseiras e forçada pelas circunstâncias a se adaptar a um mundo ainda estranho e inusitado, bem além dos seus afazeres rotineiros, iniciou uma longa viagem de que, neste exato momento, não tem a menor idéia onde vai aportar.

A problemática da mulher no mundo contemporâneo é, ao nosso ver, a mais grave do mundo hodierno, afetando, de modo significativo, a economia mundial.

Desempenhando vários papéis, de esposa, dona de casa, mãe, irmã, filha, amiga, companheira, amante e profissional, sente-se multipartida, sempre atolada em montanhas de tarefas diversificadas, abatida por crises sucessivas de estresse. Várias obras têm sido publicadas, desde as décadas de 50 e 60, sobre a fadiga da mulher, pois ela ocupa um grande espaço preocupante nas clínicas dos Estados Unidos.

A responsabilidade profissional que lhe pesa nos ombros lhe impõe, sobretudo, a obrigatoriedade funcional de uma

performance, senão excelente, no mínimo satisfatória. Não é fácil vencer os obstáculos que se apresentam para sua realização profissional, como salários inferiores, preconceitos machistas, assédio sexual. Mas o maior obstáculo intransponível é a conciliação da vida profissional com a vida familiar, sobretudo o papel de mãe, a extrema responsabilidade que lhe é imputada pela vida.

As suas conquistas no mundo profissional, os direitos adquiridos, inclusive a lei eleitoral, que lhe dá 20% de ocupação em órgãos políticos deliberativos, e tantas outras vitórias representam horas que lhe são retiradas por obrigações funcionais do convívio do lar. As creches, as *baby sitters*, as babás não representam boas soluções, apenas remediam uma situação que se torna cada vez mais caótica e insustentável, pois a geração de creche e de babás entrou na faixa do desamor, da fala curta e rápida, das ligações inconsistentes, do “ficar” enquanto interessa, do interesse pessoal e intenso, dos três valores – o poder, o ter e o fazer, a glória rápida e fugidia, o poder cada vez mais interessado na posse de bens como *status*.

Perdida entre direitos altamente sedutores e deveres extremamente pesados, caminha a mulher entre ínvios caminhos, seduzida pelo brilho da sua grande conquista de não ser mais submissa, escrava e curvada sob o peso de cumprir o seu papel básico de compartilhar com o homem a tarefa de conduzir uma família.

Nessa tarefa, tem-se debatido com obstáculos, ao meu ver, bem mais significativos e difíceis de transpor: com a incompreensão do homem, ainda aturdido com as vitórias femininas, inadaptado à nova face do seu papel de pai moderno e atuante, co-participativo e responsável com as exigências e cobranças de uma sociedade onde o quociente intelectual prevalece sobre o quociente emocional; uma sociedade que

valoriza a força, a masculinidade e as atitudes consideradas masculinas.

Educada para competir com o homem em igualdade na força do trabalho e, ao mesmo tempo, biologicamente feminina, afetiva, de sensibilidade capaz de empatias profundas, a mulher, no seu dia-a-dia, tem ainda muitas indefinições e sabe, no seu íntimo, que ainda é no lar que pode encontrar tudo aquilo que seu coração necessita: o amor que o mundo lá fora desconhece, minimiza e até ridiculariza.

Entre dois mundos

Para eles que permanecem entre dois mundos diversos e adversos, a vida decorre num terreno movediço, incerto e inserido num contexto onde a ciência ainda vacila, a medicina avança cautelosamente e a educação se esforça para dar a sua contribuição dentro dos seus limites ainda bastante consideráveis.

Incompreendidos, estes jovens que flutuam entre o dito “normal” e o “anormal” sobrevivem num mundo de incertezas, de medos, de muitas esperanças e decepções, de toda uma gama de emoções contraditórias que oscilam entre a euforia da doce ilusão e a profunda tristeza do desengano.

Incompreendidas, estas crianças transitam pelo sistema educacional em busca de um “lugar ao sol”, ou seja, à procura de uma equipe multidisciplinar que desenvolva, em dose máxima, o eros pedagógico que é traduzido numa empatia que lhes traga a certeza de serem amadas e cuidadas adequadamente, sem segregação. E eis aí o grande obstáculo que, aos poucos, os terapeutas tentam saltar. E o fazem paulatinamente, na medida de suas forças.

A verdade é que a situação especialíssima e esdrúxula em que se encontram estas crianças e jovens, que apresentam uma problemática singular, vai se tornando cada vez mais alvo de reflexões em torno da educação especial, no panorama educacional do País, enfrentando um complexo de grandes dificuldades.

Refletimos sobre a crianças e o jovem, em geral, que, apresentando síndromes leves, não se encontram em condições de acompanhar o ritmo e as propostas das escolas inseridas no sistema educacional, seja público ou não. Nesse mundo onde o educando, em geral, se desenvolve sem grandes dificuldades, interagindo bem na escola e no seu mundo lúdico de games, festas, shows e grupos sociais, os jovens, com leves síndromes que dificultam a sua performance no mundo que os rodeia, se encontram marginalizados, fora do contexto.

Apresentando comprometimentos leves, e, exatamente por isso, não devendo estar inseridos em classes especiais que dão atendimento a portadores de síndromes mais comprometedoras, necessitando, ao contrário, do convívio cada vez mais integrado com crianças "ditas normais", encontram-se, na periferia das escolas especiais e do sistema educacional chamado regular, em busca de espaços adequados que possam desenvolver suas potencialidades, que são várias e que certamente irão lhes possibilitar a inserção na força de trabalho.

E esses espaços representam o esforço de profissionais que vão se engajando na problemática do excepcional que precisa de atendimentos específicos na área da saúde e da educação propriamente dita, necessitando de um desenvolvimento global que intensifique a área cognitiva e que desenvolva seu quociente emocional bem mais importante, aliás, do que o nível de escolaridade que possam atingir.

E é no fortalecimento desses espaços que se torna necessário investir, incentivando as equipes interdisciplinares a atuarem cada vez mais integradas dentro de sistemas educacionais, seja públicos e/ou privados.

E, paulatinamente, muito ao contrário do que deveria acontecer, num ritmo lento e angustiante, estes espaços

estão se abrindo quase como pequenas clareiras em florestas. Esse é um momento especial dentro do qual os esforços de educadores e terapeutas unidos deverão constituir a mola mestra para acionar o processo de desenvolvimento da educação das crianças e jovens limítrofes, um ponto importante no vasto leque da educação especial.

E é salutar que os recursos humanos estejam agora sendo formados em cursos de psicopedagogia que poderão certamente incrementar as possibilidades de aumentar a educação desses jovens na busca do desenvolvimento de suas potencialidades e já possivelmente esgotados de tomarem conhecimento de suas dificuldades.

Tratando-se de um segmento da educação que exige custos elevados, com pessoal especializado e boa estrutura física, é natural que o poder aquisitivo baixo da maioria dos pais dificulte o aparecimento de espaços que possam estar devidamente habilitados para recebê-los interagindo com as crianças que circulam, no cotidiano, ajustadas ao seu ambiente escolar e social.

Exatamente por essas dificuldades é que há de se louvar os educadores e terapeutas que agora se lançam para viabilizar uma das propostas educacionais das mais complexas, tanto no seu âmbito técnico quanto no sócio-econômico. E diante do trabalho dos integrantes da FBIEX – Federação Baiana do Instituto Pestalozzi há de se considerar a importância das grandes conquistas que conseguiram no centro de um verdadeiro nó econômico em que se encontra a educação especial.

E, dentro deste círculo fechado, há de se louvar educadores que se estão lançando para esse espaço intermediário entre dois mundos, o das crianças limítrofes. Um espaço onde é difícil o terapeuta se situar, no qual o educador ainda se depara com muitos questionamentos, a tecnologia sofis-

ticada tenta esclarecer o diagnóstico e a escola se sente desafiada. "A inteligência se aprende?" Esta é questão para elucidar.

O esforço que, no momento, desenvolve a Escola Satélite que se situa dentro do ensino regular como escola cooperativa, representa uma significativa resposta à problemática desses jovens que lá encontram vários requisitos necessários ao seu desenvolvimento. Situada em Patamares, dentro de uma área verde adequada à necessidade de espaço e ampla movimentação destas crianças, com uma estrutura física condizente com as atividades por elas desenvolvidas, usufruindo do parque esportivo da Associação Atlética do Banco do Brasil, consegue da sua equipe atingir o equilíbrio entre a dedicação, o amor, a compreensão, o esforço e a capacitação técnica para acertar, captando de cada aluno as suas potencialidades para que elas se transmutem em optidões.

Embora dentro de uma escola regular, um projeto de educação especial pode se desenvolver harmoniosamente, desde que haja a necessária conscientização e os espaços devidamente delimitados. Trata-se de uma experiência pedagógica e se firmar paulatinamente, com o treinamento constante da equipe técnica e a compreensão dos pais e a credibilidade da comunidade, e, sobretudo, a força e a coragem da sua coordenadora, a professora Célia Cordeiro, que traz consigo uma significativa bagagem de educadora.

Alice no País da Psicologia

Como Alice no País das Maravilhas, ela também se deslumbrou... Entrou no toco obscuro e meio indefinido da psique humana ainda na década de 40, quando em Salvador pouco se falava em psicologia. Não apenas isso. Não havia nenhum curso acadêmico de formação em psicologia e ir a um psicólogo significava estar meio desequilibrado, quase louco.

Ao descer pelo tronco da árvore da sabedoria, a psicóloga nata que foi a ilustre mestra Alice de Oliveira Costa mordeu a maçã do saber, um saber que lhe exigiu o percurso por um árduo caminho, que é o da análise do comportamento humano diante de si mesmo, do mundo que o circunda e diante do outro.

Reinou no Reitorado do Magnífico Reitor Edgard Santos, época denominada áurea da UFBA, quando o aglomerado de faculdades isoladas se tornava uma universidade e tudo parecia ser – ou mesmo era – um realizar contínuo. Nesse clima de euforia e bem-estar com o mestre Orlando Gomes por perto, as coisas aconteciam e entusiasmavam os grandes mestres, e nos estimulavam, nós os iniciantes. Alice Costa viveu nessa atmosfera, respirou esse ar e encontrou, como a outra Alice, um coelho e sua dama de copas.

Penetrou na psique e, como dizia meu grande mestre João Mendonça, lidou com a imaginação, “a louca da casa”. Teve de ser e foi uma admirável pioneira. Encantada com

Myra y Lopez, aproximou-o do Palácio da Reitoria e foi então criado o IDOV, o Instituto de Orientação Vocacional, órgão de atuação brilhante sob a orientação do grande professor. Tive a felicidade de conhecer o Dr. Myra y Lopez que esteve presente a uma reunião do Instituto Brasileiro de Filosofia, quando recebi a honra máxima de saudá-lo. Era a época dos testes de Roschard e PMK.

Alice mergulhou inteira neste oceano e emergiu fortalecida. Capacitou-se e dirigiu o IDOV, passando pela sua perspicácia e pelos seus *insights*, gerações de jovens indecisos que encontraram em Alice um interesse inusitado em analisar e conhecer suas tendências. Com essa bagagem, pôde pontificar no Colégio de Aplicação, onde, como parte integrante de nossa equipe, junto com Rosa Florence – peça das mais importantes do nosso trabalho naquele colégio, a quem reverenciou –, implantou mais tarde o Serviço de Orientação Educacional, ainda embrionário. Este serviço é, posteriormente, fortalecido no Projeto das Classes Experimentais do Ceciba – Centro de Ensino de Ciências da Bahia, onde realizou, com Maria Augusta Abdon, um trabalho inédito. Pioneira na área da psicologia educacional na Bahia, desempenhou, no Senac e na UFBA, um papel altamente significativo. Quando recebeu incumbência do Magnífico Reitor Roberto Santos de implantar a Faculdade de Educação da UFBA, Alice atuava no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e já trazia da Europa o pensamento de Wallon. Era licenciada em Pedagogia, obtendo o título de Psicóloga quando ainda os cursos de psicologia não existiam. Seus méritos, seus trabalhos, seu currículo justificaram a obtenção de tão sonhado título de Psicóloga. Na Faculdade de Educação, passa a chefiar o Departamento de Ciências da Educação, tendo como pares Raymundo José da Mata, Remy de Souza, Mary Wortman e muitos outros.

Encontrei, então, na amiga e na profissional um baluarte, absorvendo e difundindo os inovadores conhecimentos de Piaget.

No Senac, implantou o Serviço de Orientação Educacional, chefiando o Centro de Formação Profissional. Sempre consultada por seus superiores hierárquicos dentro da instituição, adquiriu uma crescente credibilidade que lhe conferiu o privilégio de ser uma consultora de Deraldo Mota e Violeta Villasboas.

No Dia do Psicólogo, no seu dia, parte Alice Costa, particularmente acompanhada do afeto dos seus amigos, do respeito dos profissionais que com ela trabalharam, da grande saudade, na exata dimensão da sua ausência.

Boa viagem, Alice. O mundo das maravilhas terminou. Tudo aqui não foi mais que um sonho. Você penetra agora no mundo abstrato das idéias e da realidade.

Estas não são as últimas palavras sobre Alice Costa. Ela ouvirá do Além muito se falar dos seus *insights* e do seu apaixonado debruçar-se sobre a alma dos homens.

A Signorina Emérta

A signorina vinda da Itália trazia no seu coração o romantismo e, na mente, a cultura clássica e humanista, caldo em que cultivou seus dotes pessoais de sensibilidade poética, percepção do belo e paixão pela filosofia grega. Com seu rosto de *madona* e a desenvoltura de uma *ragazza*, foi, pelas mãos paternas de Isaías Alves, que a escolheu para compor a equipe de professores com que devia contar para fundar a Faculdade de Filosofia, que ingressou na vida acadêmica. E realmente acertou o mestre Isaías porque aquela jovem professora – Maria Luigia Magnavita Galeffi – foi, durante muito tempo, mais do que um membro da equipe. Foi atuante e participante ativa da vida intensa que a Faculdade de Filosofia viveu na sua primeira década de existência. Extrovertida ao máximo, dessas que têm “na boca o que tem no coração”, a *signorina* não entendia, como pensam alguns, apenas de língua e literatura italiana.

Na tarde afetiva e suave em que a UFBA. lhe conferiu o título de Professor Emérito, o nosso ilustre presidente da Academia de Letras, professor Cláudio Veiga, destacou-lhe os méritos como mestre maior da literatura italiana, sua ímpar disponibilidade para acolher as inúmeras solicitações de colegas, alunos e funcionários, com a sua alegria natural e dedicação constante. Estando presentes a diretora do Instituto Italiano de Cultura, Dra. Vanda Grillo, e a Dra. Flora de Paili Faria, diretora da Graduação da Universidade Federal

do Rio de Janeiro, reiteraram as categóricas afirmações do professor Cláudio Veiga e evidenciaram o seu prestígio naquela Universidade. De uma beleza singular, pois fora dos padrões atuais, com seu rosto típico dos camafeus, D. Gina – assim todos a conheciam – foi penetrando no coração da Faculdade de Filosofia e, posteriormente, no Instituto de Letras da UFBa., acostumando-se todos a sua figura sempre presente, maternal, bondosa, e de uma irradiante simpatia.

A primeira lembrança da *signorina* e mais forte das muitas que estão em mim cuidadosamente guardadas, é de 1942, quando a Faculdade de Filosofia, uma novel instituição, representava no meio cultural de Salvador simplesmente uma aventura intelectual de Isaías Alves para os mais otimistas e, para a comunidade em geral, uma incógnita. Dentro dos padrões culturais da época, seria imprudência lançar, na área educacional, jovens licenciados sem qualquer experiência e tradição. Afinal, seriam os professores do então chamado ensino secundário, formadores, portanto, de uma geração de cidadãos. Quando foi anunciado o exame vestibular para o ingresso dos primeiros alunos, eu estava na linha de frente para enfrentar a maratona de seis disciplinas: Lógica, História da Filosofia, Psicologia, Matemática, Português e Latim. Dr. Isaías estava visivelmente preocupado porque as críticas, visando sua nova iniciativa, advindas das Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, incidiam todas na falta de recursos humanos locais para a constituição do corpo docente, sobretudo nos cursos de antropologia, filosofia, língua e literatura grega, etnologia, metafísica, educação comparada e outras disciplinas estudadas por poucos. Exatamente por isso, o velho e sábio Isaías trouxe professores de outras plagas, convidados ilustres como Afrânio Coutinho e outros. Foram seis provas escritas e seis orais, sendo a banca constituída de três professores que realmente examinavam demoradamente os

candidatos. A *signorina* Gina, recém-chegada da Europa, circulava bem à vontade entre os nomes ilustres que compunham as bancas examinadoras. A *signorina* Gina foi também excelente professora de História da Filosofia, mas seu labor não se restringiu ao ensino destas disciplinas. Estendeu-se além da sala de aula, desde o varrer o chão, promover eventos para conseguir recursos para a Faculdade, até substituir professores de áreas afins como Ética, Latim, Educação Comparada e mesmo o Magnífico Reitor, como decana. Empenhou-se sempre para que a Faculdade sobrevivesse nos seus primeiros dias de vida assim como a mãe cuida do recém-nascido. Quando a UFBA. foi instalada e a Faculdade se inseriu no seu contexto, Gina pôde se dedicar mais intensamente à cadeira de que era titular: Língua e Literatura Italiana. Foi então que as características de sua personalidade se evidenciaram de tal forma que o mestre Isaías nela depositava grandes esperanças. E sempre acatava suas opiniões e valorizava sua dedicação e sua capacidade de servir.

A *signorina* emérita que recebeu neste verão a consagração merecida, não é mais a *bella ragazza* da década de 40, mas é sem dúvida a velha dama de uma UFBA. que está longe no tempo, mas vívida na lembrança dos que sempre a amaram, viveram intensamente seus momentos mais fortes, como esta velha mestra que relembra hoje tempos idos e vividos de intensas emoções e grandes realizações. Tempos produtivos dos cursos de Método Histórico-Crítico de Carlos Ott, dos Seminários de Antropologia de Thales de Azevedo, das grandes conferências de Barros Barreto, de Bela Zchely, de Afrânio Coutinho, de quando a harmonia da lei do amor tocava mais fundo o coração dos homens e a energia monetária fluía de outra maneira.

... do Caminho

Indo sem volta, caminhava, sentindo esvaírem-se as forças de outrora, quando, em juventude plena, fazia aquele percurso em poucos minutos, marcados no seu primeiro relóginho de pulso. Podia lembrar-se dele enroscadinho dentro de uma caixa de veludo marrom. Fora um presente de aniversário, desses sonhados, desejados, sempre adiados, porque se espera que venha o juízo com o dente do riso. Ainda bem que o ganhara antes dele, o famoso dentão, lá atrás, um dos últimos da arcada...

Sentia-se de pernas doloridas, cansadas, passos sem firmeza, mas tinha um relógio e um siso. Faltava-lhe o riso, porém. Bem que se repetia sempre, na casa grande da sua avó: “Muito riso, pouco siso”.

Também não era mais primavera, e, naquela paisagem morna e sem calor, para que serviria o riso? O juízo, sim. Esse era necessário para não se deixar penetrar por velhas ilusões que lhe voltavam a embarçar os passos. Elas adejavam em sua volta, meio perdidas, sem espaço próprio. Iam e vinham perpassando uma ruga aqui, escondendo um fio de cabelo branco acolá...

Prosseguia. Era sempre no entardecer o seu passeio. Por essa razão, tornou-se hábito vê-la marcando o tempo com o seu passo meio distraído. Caminhar era a sua ilusão: se caminhasse, mais tempo lhe seria assegurado entre os mortais. Ditames do coração: Caminhando em sol de outono. /Sinto a

brisa me envolvendo. /No seu frescor me abandono. /Nem sei mesmo se estou sendo.

Era esse o ridículo produto das suas andanças. Um verso bobo? Não eram só as pernas que a empurravam vida adentro; era também a falta de juízo. A imaginação brincava solta, jovial, em mente cansada: Até parece que sim, / quando sinto amor em mim. /Até parece que não, /se o amor insiste em vão. /Caminhando em sol de Outono, /lentamente vou seguindo /até o último sono, /um ideal perseguindo. Quando seria o último sono? E que importava se viesse agora? Repousaria sua cabeça em ombros amigos, descansaria seus olhos em verdejantes paragens, e de nuvens rosicler e ilusões nacaradas se enfeitaria o seu ideal: Caminhando em sol de outono, /um ideal perseguindo, /e o sonho do último sono / dessa vida se esvaindo...

Ontem, às 4 da tarde, a levaram. De flores toda coberta. Caminhavam sob o sol deste outono. Era morno e acariciador, tal como o apreciava.

Um colégio em tempo de glória

São 70 anos de labor, “Sete anos serviu Jacó a Labão, pai de Raquel...” Bem maior foi a tarefa dos Bakers. Setenta é a contagem do Colégio 2 de Julho que, para mim, que lá ingressei aos seis anos, é ainda aquele Colégio Americano que inovava, trazendo da América uma concepção educacional pontificada pela influência de Dewey, com aquela flexibilidade ainda pouco aceita pelos colégios tradicionais da época. D. Irene e Mr. Baker assim eram chamados, após alguns anos num pequenino prédio do Canela, tiveram a oportunidade excepcional de poder situar o seu quartel-general no Solar Conde dos Arcos, onde até hoje o Colégio 2 de Julho faz funcionar sua biblioteca, sua diretoria e seus outros serviços administrativos. Neste velho solar, porém, instalavam-se, nos velhos tempos das décadas de 30 e 40, as salas de aula e a própria residência dos Bakers que se constituía apenas de um quarto e uma sala. Ali, num espaço exíguo, mas belo e secular, eles viviam em função dos alunos, entre risos e confusões mil, administrando todo o rebuliço de crianças e adolescentes.

É tempo de lembranças, quando o passado assume o relevante papel de trazer ao presente o significado real dos fatos. É tempo de reverenciar a imagem tão presente quanto significativa daqueles professores primários “do antigamente”, que eram mais maternos que muitas das mães de hoje tão impregnada de um exagerado feminismo que

levou a mulher deste fim de século a se tornar um ser multipartido, dividido, martirizado e, num percentual relevante, internado nas clínicas com fadigas e estresse. Como esquecê-las, aquelas que nos ensinavam as letras e a vida, sem a pressa que condiciona o hábito do superficial, mas com a calma advinda de um sentimento profundo e inalterável do cumprimento do dever. D. Olívia, D. Honorina e D. Anália, como esquecê-las, elas que entregavam aos seus alunos tudo o que possuíam de mais expressivo na mente e no coração – o seu saber e o seu amor – com a vigorosa força da doação plena, sem restrições.

E no chamado curso ginásial de cinco anos, quando, ao término, recebíamos o título de Bacharel em Ciências e Letras, quantos foram os nossos ilustres mestres! Tobias Netto, Armando Costa, Moura Bastos, Basílio Catalã, Eloyvaldo Chagas de Oliveira, Tenório de Albuquerque, Oscar Hilário, Cristiano Müller, todos do outro lado da vida, Mais adiante no tempo, já nas três últimas décadas, Italia Magnavia, Edelzuita, Maria Nazaré Seixas, Benevides Noemir Rego, Irene Gusmão e tantos outros seguraram a linha de trabalho dos primeiros e souberam honrar o privilégio de viver no Solar Conde dos Arcos. E a nossa querida Nina que se confunde, na sua autenticidade e na sua beleza simples e despretensiosa, com aqueles seculares azulejos que, por certo, permanecem ainda na memória de muitos de nós. Ela é a história viva do nosso querido Colégio 2 de Julho, meu segundo lar, onde passei minha infância em regime de semi-internato, minha adolescência e a primeira fase da vida acadêmica, quando ensinei Latim aos pequeninos de 11 anos, dentre os quais estava o professor. Áureo, o atual diretor deste grande educandário.

Prepara-se o 2 de Julho para as comemorações e espera como o velho pai, que seus ilustres alunos corram até seus

braços para abraçá-lo, reverenciá-lo e dizer-lhe: o que somos é muito do que fomos ao seu lado e do que aprendemos a ser no seu colo e no seu coração.

... da Solidão

Ela estava ali como se não estivesse. O solo lhe parecia feito de nuvens soltas. Poético demais. De espuma de náilon. Era isso. Sabia lá se era? Que sensação esquisita, de certo modo incômoda, mas contendo o privilégio de a levar até onde não desejava ir. Tão distante, às vezes. Perdia-se “no não-sei-onde” intemporal, inespacial, fluido, difícil. Não fácil. Seguia, ia sem destino no vórtice do temporal, às vezes; vento soprando, raios riscando, céu escuro. No vértice do triângulo, outras vezes.

Foi depois que as esperanças se foram e os desenganos ocuparam o espaço delas. Não estava ali. Sentiu-se. Era corpo sim, mas não estava viva. Aliás, estava ali, sem ser. Não era. Disso não tinha dúvida. Tinha sim. Todas. Acumuladas no torvelinho crucial, no bojo de si mesma. Tinha perdido o sentido de tudo. Parecia de papel o cenário do espaço que ocupava. Não sentia nada mais como verdadeiro. Era o país de Alice. Inautêntico e falso. O que era verdadeiro se havia diluído na enxurrada da incompreensão, levando os sonhos tão sonhados de interpretação de sentimentos, de dores, também, de momentos excitantes. Aquela noite de Ano Novo tinha viajado um tempão! Comido estrada. Só para passar aquela noite todos juntos, ela, o marido, os filhos, todos dependurados nos braços de seus noivos, namorados, seus amores. Tudo e todos juntos com ela. Sardinha em lata, dissera brincando o marido. Meia-noite, “tim, tim”, taças, cham-

panhe, foguete, uva verde moscatel, uva preta. Preto e verde. Coincidência: seu vestido era preto e verde. Bem longo. Ela se tinha feito bonita. A filha havia telefonado: "Bem bonita, hein, mãe, com seu vestido verde e preto". Ela combinava com aquele centro de mesa, com as uvas caindo em cachos. Bonito arranjo. Era uma casa de praia; o mar ali, cheirinho de sargaço; maresia pura. Os filhos mais jovens cantando, genros bebendo. Olhou-os guapos; mandíbulas sadias em prazer vivendo aquela noite, noras dançando. Por que chamava "Réveillon"? Ah! Ela se lembrava... Quando era jovem dançava a valsa da meia-noite com o sogro. Doce lembrança que lhe enuviava os olhos da felicidade plena de agora. Ouvia só do espaço a voz dele: "Dançaremos no Réveillon". Como se sentia ela mesma, viva e palpitante, pisando em terra firme! Bebia bem mais de duas taças e flutuava um pouco entre eles e os sentia tão perto! Os cantos de Iemanjá vinham vindo lá da praia e aquelas esperanças todas eram borboletas que sobrevoavam.

Ela estava ali como se não estivesse. Era Ano-Novo? Tinha uma vaga idéia. A casa da praia, quem a povoava agora? E os cânticos de Iemanjá? Em que ouvidos chegavam? Tudo tão distante no tempo; tão longe do espaço! Aquelas lembranças diluídas naquela taça ali em frente, impossível retomar o fio que os unia tanto. A vida o havia enfraquecido. Não sabia bem como. Parecia de ferro aquela corrente. Apertava às vezes na carne. Doía. Mas era tão bom o aperto que unia coração a coração. Todos juntos, sardinha em lata, azeite temperando, óleo untando, amor amando. Tempo estraga enlatado. Tempo? Que sentido tinha mais novo ou velho ano? Estava ali como se não estivesse. E como o champanhe tinha gosto de azinhavre, derramou-o sobre uvas pretas postas num prato antigo. O que restava de outros tempos, senão as uvas, o champanhe? E seu vestido? Não podia. Queria. Mas vieram as lágrimas. Porém o verso se formou na sua mente lúcida:

"Aqui estou como se não estivesse / Vivendo a vida como se ela fosse/ Um sonho estranho meio amargo e doce/ Que chega logo quando a noite desce. /Aqui estou como se não estivesse/ Sentindo a vida como se ela fosse/ Um longo caminhar, onde fenece/ Em cada hora a ilusão mais doce".

Olhou-se. Estava de preto. O verde se desbotara nos fortes temporais que o destino fez desabar sobre ela. O verde, a voz dela ecoava. "Venha mãezinha, bem bonita de preto e verde", a cor preferida do seu marido. Aquela voz agora vinha do espaço mas chegava tão forte!

Estava ali... Como se não estivesse!...

E tudo era. Como se não fosse...

A estrela-guia do magistrado

Ele era apenas um jovem juiz militando com toda a vitalidade natural dos que se sentem integrados no seu mister quotidiano e intenso. Transitava pelos tumultuados corredores do Fórum de Salvador, imbuído dos valores nele sempre presentes através daquela formação introjetada nos jovens educados nas primeiras décadas do século. E, com eles, galgou degraus e chegou a ser juiz da 1ª Vara Cível nos meados do século. Dividia as honras recebidas pelo desenvolvimento ágil, eficiente e eficaz do seu trabalho com o Dr. Antônio Carlos Souto, cujo filho, Dr. Paulo Souto, é o nosso governador. Sentia-se, nesse seu mister quotidiano, integrado no seu processo de crescimento profissional e pessoal.

Dr. Agnaldo Bahia Monteiro era católico ardoroso e liderava as igrejas do seu bairro. Não era atormentado pelas dúvidas. Dentro do seu esquema interno axiológico, havia harmonia e ajustes. Os questionamentos externos não o atingiam. Desse modo, se sentia corpo e alma dentro dos dogmas católicos, não só pensando, mas atuando.

Nem tudo, porém, corre serenamente, no fluir contínuo e imprevisível da vida. Muito ao contrário, o inopinado acontece e atropela o curso natural dos acontecimentos.

Em 1969, Dr. Agnaldo tem conhecimento de que, no Centro Irmão Eustáquio, uma mensagem espiritual de um médico pediatra francês lhe é destinada. A mensagem do professor Pierre é impressionantemente categórica e, naque-

le momento, contraria frontalmente os anseios e as pretensões do nosso juiz: "Anuncio-lhe que você terá de ser juiz de crianças, uma vez que tal função será fundamental, básica para o seu desenvolvimento espiritual, na maior aproximação com o Cristo, através da caridade, como exigem os seus anseios profundos".

Nenhum fato poderia ser mais perturbador na vida do Dr. Agnaldo Bahia Monteiro. Exatamente por isso, ignorou-o e continuou o seu "quefazer" na Vara Cível, mais atuante e com mais vitalidade do que antes.

No meio destas elucubrações, anseios, dúvidas e hesitações, surge a figura amiga, inconfundível, do Dr. Luiz Viana, então governador do Estado. Necessitando substituir o Dr. Armando Góes de Araújo, solicita ao amigo juiz que aceite a missão. Ser juiz de Menores não estava na cogitação do Dr. Agnaldo. Ao colocar as suas ponderações recusando o honroso convite, o governador reagiu taxativo: ele possuía o perfil necessário para ser juiz de Menores. Era o *right man in right place*. Imperativamente categórico, o ilustre governador não considerou as negativas e o nomeou.

Dr. Agnaldo iniciou, em 1970, o seu trabalho no Juizado de Menores, que durou 16 anos ininterruptos. Do socavão do fórum, Dr. Roberto Santos o deslocou para uma nova casa. Era a sede tão almejada. Jamais um juiz de Menores no Brasil havia permanecido tanto tempo no cargo e talvez nunca tantas crianças tenham sido vistas por um juiz espírita, que as considerava como alvo da sua própria evolução espiritual. Talvez, por isso, as portas se abriram e de modo inusitado. Obstáculos superavam-se, problemas se resolviam e a vontade de prosseguir revitalizava-se.

Numa administração de resultados, Dr. Agnaldo fechou com chave de ouro sua atuação. Um dia – dissera-lhe na mensagem, Dr. Pierre –, através de mão amiga, o destino de

uma certa criança lhe será entregue. E esta foi realmente sua última ação como juiz. Uma criança foi adotada, apesar de muitas dificuldades, trazida pelos braços de sua grande amiga de infância. O desembargador Agnaldo Bahia Monteiro, que Dr. João Durval levou aos bancos do Tribunal, jamais poderia esquecer aquela mensagem.

Foi assim, exatamente desse modo, que no céu azul do nosso juiz de Menores brilhou uma estrela-guia. Cintilante e bela como aquela luz; a do Dr. Pierre...

Em tempo de guerra e de blecaute

A nossa adolescência foi “tocada” por um velho e fiel amigo de todas as noites que, religiosamente, iluminava as ruas das nossas crianças. Aprendemos a amá-lo e, por força dessa atração, a esperá-lo como ansiosamente se aguarda o sol, sobretudo em dias nublados de outono. Na verdade, ele era como que o sol daquelas noites inesquecíveis, quando os jovens se encontravam “flertavam”, namoravam e não “ficavam”, que ficar é o inexplicável relacionamento da “geração do medo” e da “pedagogia da sobrevivência”.

Estou falando de nós, os jovens das décadas do meio do século, 40/50 – quando se escondia “tudo”, mas também não se expunha o “nada”, que sempre foi o essencial. Geograficamente situados na Barra, com suas ruas ainda calmas e agradáveis, por onde circulavam os bondes, nós estávamos todos sob a magia do Farol da Barra, imersos nas suas luzes que sobre nossas cabeças luziam e na imensidão do Atlântico se perdiam. Sobre o mar, o Farol derramava generosamente seus raios coloridos. Era gratificante, naquelas noites quentes de verão, vê-lo girar vagorosamente entrando pelas antigas janelas e esperar o próximo raio colorido, que certamente viria e traria com ele um toque romântico de amorosidade e singela beleza. Nesse clima de paz, dentro da relatividade natural das coisas, o Farol emprestava sua alegre presença, colorindo a passagem. Exatamente porque era assim que as coisas aconteciam, naquela noite de 1944, o claro se tornou

escuro e os sorrisos costumeiros se transformaram em lágrimas; o mar, multicolorido pelo Farol, estava vermelho, coberto pelo sangue de um Brasil em guerra.

Na verdade, a Segunda Guerra Mundial era longínqua e distante para aquela juventude universitária, que ainda usufruía do que a Barra podia oferecer. Da praia, do sol, do *footing* e de uma certa dose de descontraída alegria se alimentavam os jovens daquela época, para quem a guerra era um tremendo mal ainda distante e difuso, do outro lado do mundo.

Naquela noite, porém, a navalha tocou na carne. Na costa brasileira, navios nacionais estavam sendo torpedeados e a morte rondou o “próximo próximo”. A guerra não estava vitimando o próximo distante; estava dentro da nossa casa. Não eram notícias lidas nos jornais. Era simplesmente sangue brasileiro derramado. Tornavam-se necessários posicionamentos políticos decisivos. Dentro dessas medidas, estava a proteção da costa do Brasil, ameaçada pelo inimigo. E essa proteção significou luto, abatimento, tristeza, apagar de luzes, enfim blecaute. Foi nesse momento histórico que a multicolorida luz da nossa jovialidade tornou-se bruxuleante e pálida. Apagaram-se as luzes do Farol da Barra.

Nessa escuridão, imersos ficaram os sentimentos de uma geração significativa que marcou uma época. Nos seus lares e nos seus corações, não se apagaram apenas as multicoloridas luzes do Farol, mas aquelas outras que se acendem na chama interior da paz interna. Ao badalar dos sinos das 18 horas, ao soar da Ave-Maria, os lares se fecharam, janelas e portas foram cerradas, cortinas descerradas. E, naquelas ruas escuras, o bater dos corações era mais forte e a expectativa e o medo eram más companhias. Nas rotas marítimas, submarinos estrangeiros estavam em ação e a costa brasileira precisava estar em guarda.

Naquelas noites escuras, o medo, o amor, o ódio se tornaram um obstáculo híbrido, feito da angústia do desconhecido, da doída compaixão pelo companheiro morto e do rancor, que traz consigo o amargo sabor da violência. Faltou de repente a luz, aquela luz especial, inconfundível, que inundava as ruas e os jovens, de sonho e cor: a luz do Farol da Barra. Era, para nós, o sinal vivo do blecaute, da guerra, da violência entre os povos, da ausência de Deus.

Da sala de aula ao palco

Fui convidada para uma corriqueira festa escolar. Encontrei um fato educacional digno de uma detida análise sobre o que significa hoje a sala de aula.

Acostumada a estar nela sempre como “espaço-trabalho”, não posso enxergá-la mais como antes, porque os seus usuários deram um “salto quântico” verdadeiramente espetacular; um salto no tempo e penetraram numa atmosfera de tal modo aquecida por novas perspectivas que, dentro de quatro paredes, quase nada acontece, ou melhor, “o fato educacional” raramente encontra clima para se realizar.

Na era da velocidade máxima do transitório como única realidade permanente – como sempre pensaram os budistas – parece que o espaço da sala de aula não contém mais a soma de força energética dos seus usuários quotidianos, ansiosos por participarem da vida que pulula lá fora, preme de atração e contínuos acontecimentos do fantástico e inexorável acontecer no mundo.

Assim que perceberam a relatividade dos conceitos científicos e das realidades psicológicas, os jovens, enfrentando as deduções e inferências da lógica, como que se sentiram, de repente, diante de um mundo muito excitante e, ao mesmo tempo, problemático e perigoso. A agitação que, em torno deles, predomina, seja em casa, na escola, na rua, no clube, não os encoraja a desenvolver a atenção no culto ao silêncio, ao estudo, à concentração, a ida às bibliotecas. Parece que

tudo tem de ser movimento, ação e estar na esfera do fazer, do atuar, do competir, do ir e vir, do andar e do participar. E as paredes de uma sala de aula se transformaram em obstáculos limitadores da necessidade do alunado se expandir. Até parece que gostariam de aprender geografia de asa-delta, ciências em laboratórios de criativos professores que os fizessem descobrir os fenômenos para chegar às hipóteses e alcançar as leis, e que precisariam estar sempre num palco “vivendo a história e as estórias” do passado e do presente e também do futuro.

No Colégio Apoio, a sala de aula se expandiu ao palco. A Festa das Nações não é um evento, é um projeto educacional que começa em janeiro e termina em dezembro, na elucubração dos professores e da sua coordenadora, Graça Lúcia.

Para os alunos, é um fato educacional que cobre todo o ano letivo e vai se realizando por etapas, até chegar ao grande palco como culminância. Os professores iniciam os alunos no processo educacional pela pesquisa contínua de todos os aspectos culturais dos países, logo no início do ano letivo, quando os países latinos são estudados pela 5ª e 6ª séries, os países orientais pelos estudantes do 2º grau, sendo que a Europa é analisada pela 7ª série. Os alunos, logo ao início do ano letivo, ocupam os seus cargos e as respectivas responsabilidades definidas com diretorias, secretarias, assessorias e coordenadorias, e, junto aos “professores padrinhos”, desenvolvem atividades desde as mais simples às mais complexas, como ir à comunidade e conseguir patrocinadores, ou ir aos consulados e solicitar informações, ou ir aos museus e observar vestuários. Vivem o fato educacional desde a informação, no ato de dançar, até preparar a comida típica, para compreender a cultura das nações sob análise. E, na culminância do processo educacional, transparece a felicidade de um sonho

realizado. As barracas das nações estudadas excedem as expectativas, não pelo que elas contêm, mas pela postura dos alunos, não pelo que eles apresentam, mas pelo modo como lhe transmitem a informação, passam um vídeo, servem um prato típico, ou mesmo o cumprimento em alemão, francês ou espanhol. Comunicam-se com embaixadas de países longínquos como Zimbábue, na África, e obtêm de lá receitas típicas e informações sobre a sua cultura. Provam-se doces da Hungria e pratos da Irlanda, e a dança pode ser a rumba, o mambo ou a valsa e o minueto.

Da sala de aula ao palco torna-se um fato educacional capaz de atender à ânsia de viver e participar dos “baixinhos”, que almejam ir e vir nas avenidas da vida, impulsionados pela mídia mais do que estimulante, simplesmente determinante, na educação dos nossos tumultuados dias de hoje, preparando um ignorado e temido amanhã.

A voz que ficou...

Em compasso *allegro*, aquela moça imbuída de uma alegria esfuziante, vinda do seu interior, envelheceu aureolada de amigos jovens e idosos – de todas as idades – que ainda buscavam na sua voz de soprano, que tanto encantou os salões sociais do começo do século, a comunicativa mensagem de carinho e jovialidade.

E nesse compasso dançou a valsa da vida. Uma vida preenchida de tons e semitons, tons de sorrisos e lágrimas, de crianças, jovens e adultos que estavam ligados a dona Josephina Figueiredo dos Santos pelos laços sanguíneos e de uma amizade aureolada de convivência amena.

Com cinco filhos, 22 netos e 35 bisnetos, ela contou com uma memória excelente, que lhe possibilitou nominá-los todos, um a um, sem troca ou erros palmares. Sua afetividade era, aos 98 anos, traduzida em dar presentinhos das suas próprias economias aos que, em torno de si, ajudavam um pouco no ir e vir de sua vida quotidiana, já quase sem o dom dos olhos. Quase sem enxergar, usava as mãos para afagar os seus queridos netos e bisnetos.

Mas era extraordinariamente pródiga nos elogios, sempre destacando o valor daqueles que se notabilizavam nas suas áreas de atuação. Seu orgulho natural pelo filho que é bem-sucedido, pelo neto que se forma, pela que vence em concurso, pela bisneta que é linda, era extravasado em longos comentários que enchiam seu coração de alegria, elevavam o

seu ego aos píncaros da glória e estimulavam, então sua religiosidade. Nestes momentos, as orações surgiram sussurradas em louvor a Deus, em agradecimentos profundos. Na sua juventude plena, louvava o seu Deus cantando com sua bela voz, que foi até gravada em disco. Este disco, dado ao seu neto Henrique Celso Jesuíno, foi ouvido com todo o encantamento do jovem que volta a um passado de tempos bem longínquos para ouvir bem ao longe uma voz... Uma voz que ficou nas velhas paredes da Igreja dos Aflitos, onde D. Josephina cantou fervorosamente; nas centenárias ruas do Politeama, onde o "glorioso Santo Antônio" nos meses de junho, em dezenas de anos, encontrava eco e tocava os corações dos paroquianos dos Aflitos e dos amigos que moravam em torno de sua casa alegre, sempre cheia de amigos e parentes, todos contagiados pela sua alegria. Uma alegria que se expandia sempre na sua voz.

Uma voz que ficou...

O nosso príncipe inglês

Éramos muito jovens, navegando em busca de novos horizontes na aventura intelectual de Isaías Alves: a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Bahia.

No primeiro vestibular, que recrutou 80 candidatos, 40 foram aprovados e iniciaram os diversos cursos oferecidos. O Curso de Geografia e História congregou o maior número de alunos e dele saiu a oradora da turma, Lavínia Machado.

Também, como é natural, foi onde Dr. Isaías concentrou maior número de professores e dentre eles, todos ilustres e bem-sucedidos, um costumava ser o tema de variados comentários eivados de admiração e muita emoção. Dedicados todos a causa para a qual foram convocados – preparar os mestres daquele amanhã que chegava –, um deles despertava nos seus jovens alunos um encanto especial. E esse encanto vinha de suas características pessoais, que o tornavam diferenciado e compunham seu jeito de ser especial.

Era naquelas tardes ensolaradas da década de 40, no velho casarão de Nazaré – onde hoje funciona o Ministério Público – que se reunia, para os cursos, conferências, seminários, uma plêiade de intelectuais com jovens inquietos e dispostos às disputas dialéticas em torno de Isaías Alves e seus ideais.

Às 18 horas, infalivelmente, o badalar do sino da Igreja do Coração de Jesus assinalava, com a Ave Maria de Gounaud, o término das aulas da novel Faculdade de Filosofia. Pelas

escadarias de madeira escura, contrastando com o tapete vermelho que cobria os degraus, subiam e desciam os personagens históricos.

Nesse desfile contínuo, a vida estudantil se processava e nas apreciações críticas pontificava o nosso querido professor de Psicologia, João Mendonça. Debruçado sobre o comportamento humano, passava em revista a cena, com o seu agudo olhar de psiquiatra. Gostava de conversar com as suas alunas e fluía então a análise crítica do seu contexto. Percebia, além do gesto, por trás do olhar e bem mais do que transparecia ao comum dos mortais. Colocava em prática, naqueles momentos inesquecíveis da nossa juventude, com a descontração do hall de entrada, o que teorizava na sala de aula. Lá estava, apontava ele com sua penetração, o esquizotímico, longilíneo, arredio e de poucas palavras, sempre solitário, inteligente, lúcido, nosso excelente professor de Matemática, Dr. Aristides. Mas desfilava também o extrovertido, amável e de irradiante simpatia. Quem não foi tocado pela palavra fluente e bela de Hélio Simões? Pela beleza extraordinária da feiura de Carlos Chiacchio, nas décadas de 50 e 60?

Os tipos psicológicos com suas características eram seu campo de atuação plena. Entusiasmava-se quando despontava a figura singular, inesquecível, de porte majestoso, de uma elegância inata, sem afetação, própria, inerente à sua personalidade. Este, dizia ele, é o nosso príncipe inglês. E era visível para nós a sua irrepreensível maneira de vestir, de andar, de falar e, sobretudo, a lhanura de atitudes, a firmeza nas ponderações, a serenidade nas polémicas.

Jorge Calmon era para nós o príncipe inglês. Aquele que ao subir e descer aquela escadaria de tapete vermelho, parecia entrar e sair de palácio, cuja realeza estava na sua própria figura de um homem sereno, discreto, amável e firme, sem-

pre disposto a apoiar as causas culturais que promovíamos. Sentado nas imponentes cadeiras de jacarandá, naquele grande salão onde se reunia a congregação que Isaías Alves assinou com o *Brasilidum Sobolem. Traditione Paro*, ele sempre pontificou, demonstrando o valor de uma profunda compreensão da natureza humana que talvez seja a razão de ser do seu encanto pessoal, intransferível, cada vez mais raro nos nossos tempos de palavras rápidas, tempo curto e gestos cortantes e duros.

Nesse instante significativo de sua vida, o nosso príncipe inglês tem um acervo de realizações que lhe permite a paz interior do dever cumprido, a fórmula única para a felicidade.

E eles se vão...

Muito naturalmente, sem que disso muito se apercebam, como aves deixando o ninho, eles se vão... São centenas de jovens que estão percorrendo o Brasil, tentando o ingresso nas mais diversas universidades do País, através do vestibular.

A mobilização geográfica é intensa, pois muitos deles, em épocas diferentes, mas próximas, submetem-se aos vestibulares nas várias capitais do País, buscando uma “qualificação”. O que antes só acontecia e continua acontecendo no âmbito geográfico restrito do interior dos estados para as capitais, agora se configura na busca da continuidade dos estudos em qualquer parte. Os jovens dão os saltos, viajando pelo País para assegurar o que eles consideram ser um lugar ao sol. E eles se vão de coração alegre, cheios de esperança, mas carregando o peso das suas dolorosas incertezas, do medo do desconhecido e da ansiedade.

Sabem, no mais recôndito de si mesmos – e talvez seja isto o mais doloroso – que a ida pode ser sem volta. Sabem, por um sentimento interior e muito íntimo, que estão, naquele momento, cortando laços vigorosos, feitos de inesquecíveis emoções, de lembranças de momentos mágicos de suas vidas que não voltarão jamais. E eles se vão, deixando nos seus lares o eterno vazio da saudade, daquela saudade que bate naquelas horas dolorosas que ficaram marcadas para sempre nas suas vidas plenas de acontecimentos emocionantes, que se sucederam em seqüências que hoje se tornaram tão presentes quanto eram no passado, na infância: da bicicle-

ta, da bola rolando no gramado, da piscina clorada, das grandes peladas, do pingue-pongue, da primeira namorada, das festas, dos shows, dos carões e do primeiro beijo... Guardam, porém, a mais doce ilusão da liberdade que vai lhes proporcionar a sensação do vôo no espaço, livre de peias, livre das recomendações, dos avisos, dos alertas, dos “não”, e, ao mesmo tempo, vai lhe carregar os ombros, a mente e o coração da grande responsabilidade de viver.

Terão de enfrentar corajosamente os seus projetos de vida com a pureza da pomba e a astúcia da serpente no seio desta grande floresta humana onde terá de analisar a árvore sem perder a noção do bosque e aprender que, para estar ajustado ao mundo, precisa estar em harmonia consigo mesmo. Lição difícil para quem está longe do espaço fofo e acolhedor do ninho onde nasceu, mas vital para aprender a voar.

Educação especial, um nó a desatar

Não é exatamente um nó górdio mas, indiscutivelmente, é um nó difícil de desatar. Grandes instituições que merecem o mais profundo respeito e admiração, como APAE, Pestalozzi e FEBIEX, tentam puxar as pontas deste nó que o MEC agora parece querer acelerar o processo de amarrar uma de suas pontas ao ensino público, com classes especiais atreladas às classes regulares. É uma atitude altamente recomendável mas de difícil operacionalização, graças aos poucos recursos humanos com que a educação especial conta, pois são poucos os profissionais que se sentem encorajados a palmilhar estes ínvios caminhos. A educação especial vem se firmando, passo a passo, inserindo-se gradativamente até no mercado da escolaridade, condicionando também a instituição de cursos de psicopedagogia que estão formando profissionais bem mais aparelhados para este segmento específico da educação no qual as equipes multidisciplinares tantas vezes se debruçam, para tentar desvendar os meandros do cérebro humano e seus misteriosos caminhos.

O magnífico trabalho que, no âmbito nacional e no regional, têm desenvolvido a Pestalozzi e a APAE, é demasiadamente conhecido e, felizmente, reconhecido. Embora tenham desenvolvido, ao longo do tempo, um denodado esforço para demonstrar o real significado dos seus propósitos e para mostrar o indiscutível êxito dos seus extraordinários resultados a uma sociedade cética quanto às possibilidades

dos chamados “improdutivos”, a Nação, no momento, aplaude a potencialidade destas duas organizações que estão na linha de frente da Educação Especial no Brasil.

O trabalho da FEBIEX merece, neste momento, algumas considerações. A Federação Brasileira das Instituições de Excepcionais, Integração Social e de Defesa da Cidadania, de âmbito nacional, congrega, na Bahia, muitas ONGs, todas elas empenhadas numa desesperadora luta de sobrevivência, sofrendo os impactos, neste momento, de reformulação da política da assistência social do País. São dezesseis instituições, sendo muitas delas já bastante conhecidas pelo público como a APADA – Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos, a INESP – Associação de Pais e Amigos de Crianças e Adolescentes com Distúrbios de Comportamento, a ABRE – Associação Baiana de Recuperação do Excepcional, o IBR – Instituto Baiano de Reabilitação, o ICB – Instituto de Cegos da Bahia, o IG – Instituto Guanabara e o tão antigo quão eficiente ION – Instituto de Organização Neurológica, além de outras instituições menos conhecidas mas tão dignificantes quanto as citadas, todas, sem exceção, envolvidas no halo magnético da Educação Especial que se alimenta deste anseio de conjugar forças em torno da reintegração do deficiente na força de trabalho, para lhe oferecer uma qualidade de vida mais aceitável.

O trabalho da FEBIEX tem sido no sentido de viabilizar, a todas as ONGs a ela filiadas, uma estruturação que lhes possibilite entrar no difícil campo da captação de recursos. Para isso, esforça-se para, através de reuniões contínuas, informar, orientar sempre no sentido de que seus dirigentes possam atuar dentro de uma ótica avançada, lutando pelos seus direitos e não solicitando favores, buscando cada vez mais uma autonomia financeira, ou seja, aprendendo a pescar ao invés de esperar que o peixe lhe seja dado pelas mãos dos que se dispõem a doar.

Coordenada na Bahia por uma mulher dinâmica, que tem conseguido oferecer muito de sua força de luta pelos ideais acalentados por todas as instituições, a FBIEX, com Maria José Lobo no seu comando, tem conseguido manter um fio condutor de união das ONGs a ela filiadas. Pelo seu próprio estatuto, cabe-lhe uma grande responsabilidade no desenvolvimento da Educação Especial. A conscientização, que é um processo lento, de que sem organização interna fica cada vez mais difícil captar recursos, tem surtido bons efeitos. Está ficando cada vez mais patente a necessidade de estruturação e de modernização dos seus mecanismos de atuação, sobretudo quanto a tomada de preços, licitações e prestação de contas.

Através das orientações da FBIEX, muitas das instituições têm melhorado o seu desempenho no que diz respeito não só aos processos internos de organização quanto ao que Alvin Toffler tanto recomenda às organizações neste momento histórico: "desviar o maior volume possível de decisões da cúpula para a periferia (...) As pessoas nos escalões inferiores freqüentemente possuem melhor informação e são capazes de reagir mais rapidamente do que a alta administração".

O contrário do que está sendo

O contrário do que está sendo está-se desenvolvendo num processo de lenta caracterização da imagem do homem moderno, a qual está sendo fortalecida à medida que a axio-logia toma o seu devido lugar no amplo espaço ocupado pela terminologia e o conseqüente *frisson* do quefazer atual.

O contrário do que está sendo é uma subterrânea força que se estende com braços longos a todos os homens e toma corpo numa oposição à terrível realidade do *script* existencial contemporâneo, onde se encontra dominando o egoísmo ego-látrico, o sentimento que salvará o homem; a lei maior do Universo que é o Amor.

Só que não existe palavra que tenha sofrido maior desgaste através das tempestuosas buscas que faz o homem continuamente para encontrá-lo, do que o Amor.

Ela se tornou demasiadamente frágil para intepretar a força que está contida no mais positivo sentimento escondido no âmago interior dos homens que amam.

É através dela que a força que a dinamiza vem irrompendo com um veio d'água subterrânea, lento e contínuo, quase imperceptível, mas extraordinariamente forte para surgir no piso superficial onde o homem caminha pragmático, apres-sado, completamente ligado à parafernália tecnológica que o assessora. É, mais ainda, para colocar, diante dele, o outro homem com quem convive diuturnamente

sempre mais e mais perto no espaço e cada vez mais distante no "tempo-relógio" do seu tempo interior para conduzir o outro para mais perto do seu coração, reduzindo os ponteiros do seu relógio apenas a fictícios marcos insignificantes do seu caminho.

O contrário do que está sendo será num tempo próximo total e integralmente feito de muitas contas de um rosário de verdades científicas, literárias, artísticas e metafísicas entre-laçadas numa total visão holística da vida que se desenrola para um futuro promissor pleno de estrelas, aquelas estrelas maravilhosas que emitem para o universo a luz violácea de uma paz que transforma o homem no ser que Deus deseja que ele seja.

O contrário do que está sendo definitivamente será e com o poderoso magnetismo do Amor Incondicional.

A admirável mansão do meu caminho

Toda ela é feita de crianças, de flores, de árvores e arbustos, de plantas, daquele verde que traduz a esperança que os corações humanos abrigam, almejando um mundo melhor, como se fosse uma guirlanda em torno de todos que a povoam e, alegremente, a plenificam das mais variadas cores e dores, sabores, temores, odores e amores, todos estes “quês” dos quais se alimentam os homens na sua passagem pela Terra, árido planeta do Universo.

Acredito que, exatamente por isso, o tecido de que tem sido feita a sua vida, ao longo desses cinquenta anos de trabalho, não se rompe com as dificuldades que o tempo costuma castigar as coisas materiais do seu caminho. Muito ao contrário, parece que os mantos sagrados permanecem tonificados pelas indizíveis forças que o tecem.

A **Mansão do Caminho** é uma instituição que, dignificando a Bahia, segue o seu curso, atualizando seus métodos de trabalho, no silencioso fazer de um servir consciente, contextualizado, inserido nas novas conquistas e nos acertos de um Serviço Social atualizado, sem paternalismo.

Ao contrário de muitas ONGs, a Mansão se mantém organizada, dentro dos padrões recomendados, com os vários setores funcionando em trabalho integrado. Os voluntários que ali entregam o melhor de seus potenciais recebem as orientações técnicas e, sobretudo, a liderança de um homem singular que tem, dentro de si, a arte de conviver e os

suficientes parâmetros para conduzir como um chefe e, sobre-tudo, para **amar**, como se este fosse o instrumento básico para sua organização.

Tem sido, a **Mansão do Caminho**, não um simples caminho, mas O Caminho para muitos que desejavam e con-tinuam querendo ir até onde levam os seus anseios e as suas dúvidas sobre o ainda “inexplicável” pela luz da ciência. Afinal, o “ainda não” não significa que “nunca será”.

Na década de 70, uma jovem professora da UFBA levou-me até aquele meio paraíso perdido de Pau da Lima, para uma visita de meus olhos críticos de professora de filoso-fia e de assistente social, cujas teorias metafísicas já manejava desde 1945. Uma estrada longa, com paradas e reflexões no plano teórico da gnoseologia, mas também no plano prático onde a Escola de Serviço Social de Thales de Azevedo me diplomou. Naquela manhã longínqua, descortinou-se diante de mim um oásis de paz, serenidade e trabalho que me fas-cinou. E gravado ficou, na minha mente e no meu coração, o sonho concretizado de Divaldo Franco que Nilson, Edilton e tantos outros solidificaram com a dedicação de idealista e a firmeza realista do vencedor. Sonho concretizado pelo amor das queridas tias, argila e argamassa do amor tornado ação de inexcédível prova de solidariedade humana.

Muitos anos depois, ao começar a vivenciar a admirável **Mansão do Caminho**, ficou muito claro que havia uma estrada em frente a percorrer... Era o meu caminho.

Conviver – o banquete eterno

É sempre o *convivium*, a interação contínua entre todos os seres da Terra para o exercício da comunicação. E, ontem como hoje, creio que para sempre, como no mundo antigo, em torno de uma mesa farta ou não, se processa o *convivium*, o banquete, para os chamados grandes momentos das nossas vidas.

Conviver – não o viver ao lado de, junto de, mais o outro – porém o viver **com o outro**, num intimar forte que se transforma em familiar e se torna a chave que, de certo modo, abre o grande portal da compreensão, da tolerância e da alegria de estar com o outro.

E, para este banquete, todos estamos convidados desde o primeiro dia da nossa vida na Terra, e, “pela condenação da escolha”, obrigados somos a optar pelos que vão se assentar ao nosso lado durante a nossa permanência por estas plagas terrestres.

No grande *buffet*, porém, de trânsito mais ou menos livre, as ofertas são das mais variadas ordens e as necessidades das mais diferentes categorias. No *selfservice*, o arbítrio determinará o *menu* existencial do seu *convivium*, no qual devem estar presentes os lipídios daquela serenidade que acalma, os glicídios da ternura que dulcifica e as proteínas básicas do Amor e da Solidariedade Humana.

Será nutritivo o banquete de sua vida se conseguir ser moderado, para não comprometer a digestão psicológica

dos alimentos escolhidos, que o discernimento apontará como sendo os necessários naquele momento.

Tive a alegria de conhecer uma plêiade de “amorosos”, os que cultuam a arte do convívio: o conhecido grupo CONVIVER. Lá estive, a convite da sua vice-presidente Conceição Costa e Silva, para uma tarde de doce convivência com um gama imensa de pessoas que desenvolvem a arte de conviver consigo mesmo, com os próximos e para servir ao próximo distante, carente de pão, de água e de afeto. A alegria contagiante do fraterno encontro levou-me a refletir na pro-blemática do tempo. A sabedoria de priorizar e saber como aproveitar o tempo, para a utilização do muito que ainda se precisa fazer em prol de um mundo melhor, tornou-se assunto imprescindível dos tempos atuais. Convivendo, amando e servindo, o **Grupo Conviver** sempre está na mesa de um “banquete” em *convivium*.

Aos pés de um mestre

Mais de duas centenas de pessoas lá estavam para ouvi-lo falar sobre a ansiosa solicitude do Ser, sob a brisa amena da Ilha de Itaparica. Não sei se todos lá estavam para aprender, mas estou absolutamente convicta de que muitos apreende-ram o que estava além das suas palavras, diluído no ar desta primavera que prenuncia um verão ardente. Tenho dúvidas, porém, se no clima que se estabeleceu com o seu “falar” permaneceu algum coração magoado, tal foi a impregnação, naquela gama de emoções humanas, da força da sua magnética presença de impressionante limpidez.

Adentrando-se pela psicologia, Divaldo Franco atingiu, nestes últimos dias de outubro, um clímax inusitado onde a interação humana, num conviver sereno, conseguiu alcançar um nível de uma surpreendente harmonia contagiante.

Àqueles que participaram do *convivium* lhes foi oferecido um verdadeiro banquete espiritual, tão necessário nesta “Era da Melancolia”, para usar a expressão de Goleman, o autor do momento, que vem explorando a vida afetiva dos tumultuosos tempos em que estamos mergulhados, onde as crianças se deprimem e os jovens se suicidam. Como em todo banquete, desde os velhos tempos de Platão, os diálogos se processaram, satisfazendo os mais variados anseios na ansiosa busca do Ser. E eu me transportei à década de 40, aos áureos e inesquecíveis tempos da Faculdade de Filosofia quando, aos pés de mestres, nós, os seus primeiros alunos,

ainda tão jovens nos colocávamos embevecidos e sequiosos de saber, em busca da problemática da Verdade, da Beleza, do Bem, da Felicidade, do Amor e do enigma de Deus, haurindo, gota a gota, com os ensinamentos de Jorge Calmon, Thales de Azevedo, João Mendonça, Nelson Sampaio, Gina Magnavita, José Calazans, com a poética de Carlos Chiacchio, a oratória de Hélio Simões, entre outros, a poção da verdade de acordo com a nossa capacidade de absorvê-la.

Cinquenta anos depois no aqui e agora, quando a Ciência deu passos gigantescos e enveredou pelos ínvios caminhos da dialética, da pesquisa e da tecnologia tanto na área das certezas comprovadas no laboratório como na área das hipóteses discutidas em torno do comportamento humano, e, à medida que suas grandes verdades são postas, a filosofia, a velha *mater*, sábia e amorosamente questiona as suas certezas, obrigando-as a irem adiante, até além das estrelas, lá onde é necessário “tocar” com instrumentos mais sutis de que ela ainda não dispõe, para alcançar a dimensão espiritual do homem que anseia por saber quem é, de onde veio e para onde vai, buscando ser feliz dentro do seu próprio destino. E desses anseios humanos falou Divaldo Franco, no seu estilo peculiar e inconfundível que o categoriza como sendo um orador de inegáveis méritos, os quais lhe conferem o privilégio de ser ouvido em silêncio interno pelos que desenvolvem uma reflexão crítica, observado com respeito pelos que ainda buscam, mergulhados em dúvidas e incertezas, admirado pelos que conhecem a grande obra social que realiza, criticado pelos que ainda não penetraram na essencialidade da sua mensagem, compreendido pelos que comungam das suas certezas, acreditado pelos que têm fé, profundamente amado pelos que aprenderam a amar o que transcende a impermanente transitoriedade da vida terrena;

todos, porém, o ouvem com emoção, porque são tocados pelo fluir da sua palavra, traduzindo a organicidade lógica do seu raciocínio, e contagiados pela incom-preensível beleza poética de sua mensagem.

E, como há cinquenta anos, eu me coloquei ao pé de um mestre, não mais a eterna busca da juventude irrequieta que ouvia Tonybee, Mira y López, Bela Szekely e tantos outros que aqui vieram pelas mãos de Isaías Alves, mas para o encontro sereno da maturidade, em *convivium*, em um banquete espiritual de Amor.

Foram, então, abordados os grandes problemas da psique humana do Ser e do Ter, do Parecer e do Valer, da Mágoa e do Perdão, do Crer e da Dúvida, do Prazer e do Dever, do Conhecer e do Sentir, do Ego e do *Self*, da Humildade e do Orgulho, da Autenticidade e do Disfarce, do Amor e do Desamor, do Agir e do Reagir, da Fé e da Esperança, do Ser e do Não Ser, todos tratados sob a ótica espiritualista cristã de um Leon Denis, dentro de uma posição filosófica idealista kantiana, numa visão psicológica de Maslow nos seus pontos básicos convergentes com Kardec, sob a égide da excelsa figura de Jesus que ensinou, como Mestre que foi de todos os mestres, a Terapia do Amor Incondicional como meta a ser alcançada pelos homens do amanhã que surge, no dealbar de um novo milênio.

Preferências e referências

Entre os nossos amores, os preferidos se destacam? As preferências se evidenciam aos olhos argutos de todos? Os ciúmes se estabelecem e as referências ficam fazendo parte dos cochichos e dos comentários bem mal conduzidos? É assim que se processa o relacionamento humano intra e extrafamiliarmente, com as preferências e as referências especiais causando problemas e desfazendo, às vezes, laços afetivos de compreensão e aceitação mútua.

Que filho é o preferido? Que empregado é o mais agraçado com a compreensão do chefe? Que amigo é aquele possuidor de algo mais, que os outros desconhecem? Que sobrinho é o queridinho do tio dedicado e amoroso? Que primo é o *primo inter pares*? Que irmão é o mais amado? Que discípulo é o mais requisitado pelo mestre? Que mestre é aquele que é sempre mais aplaudido por todos? Sempre as preferências que estimulam os sentimentos humanos negativos e desarticuladores como a mágoa, a inveja, o ciúme, a raiva, a vingança, baseados na incompreensão errônea das atitudes do semelhante ser que conosco convive. Mas esta gama imensa de emoções, confusões, cochichos e lixos sentimentais se avoluma quando a uma avó dedicada se atribui a preferência de um dos netos, quando todos são igualmente, apaixonadamente, amados. Quando a um pai extremoso se quer postular preferências, quando seu coração está aberto para aquele que dele necessita para amar e doar.

Mas este é o contínuo viver de cada dia em que o saber é mais importante do que o sentir, às vezes do que o fazer, e quando o homem começa a se conscientizar de que é um “analfabeto emocional”, supervalorizando excessivamente o cognitivo, sem conhecer os seus próprios sentimentos e confundindo-se com as emoções dos outros em vários mecanismos de defesa comprometedores para o seu próprio desenvolvimento como pessoa. Eis porque hoje se impõe a educação emocional, a arte do conviver e conhecer a si mesmo, da viagem interna e da valorização das emoções humanas.

Este julgar o outro, projetando seus próprios problemas, suas emoções de medo, raiva e tristeza, desconhecendo como controlar sua ansiedade, sua tristeza, como expressar sua alegria, seu amor e seu ciúme, seus desapontamentos, este interpretar as ações do outro como se fossem preferências, interpretando emoções apenas com raiva e ciúmes mal trabalhados, pode levar a desmoronar, às vezes, os mais lídimos e positivos propósitos que habitam em um coração humano.

Tenhamos o cuidado devido com julgar as preferências e fazer as referências. Elas podem conduzir um coração sensível a uma dor profunda e a afrouxar fortes laços de amor e amizade.



Impresso no Setor de
Reprografia da EDUFBA
Tiragem 200 exemplares

nhando em

É o reconhecimento pelos muitos serviços prestados por Leda não somente à Faculdade de Educação, cuja implantação coordenou, como também a toda a Universidade Federal. A declaração formal do mérito emprestou maior visibilidade à sua trajetória na corporação e à sua ação comunitária como cidadã prestante. A Universidade foi e é a sua opção de vida, para onde canalizou a força do seu talento, colhendo no outono prateado o resultado dos seus esforços.

Quantos colegas universitários estão presentes nestas crônicas? Quantas situações temporais — e a crônica é o tempo do eu pessoal, intimamente revelado — encontram-se nestas páginas? Não direi que é o outro lado da professora que se revela nas crônicas. Não. É antes uma manifestação mais decantada e mais purificada pelo curso de vida.

As crônicas visualizam a sua caminhada como balizas virtuais. São sinais de sua formação filosófica, de sua liderança confirmada na direção do Colégio de Aplicação, nas classes experimentais, na direção da Faculdade de Educação, na Pró-Reitoria de Graduação. A Universidade terminou por se encontrar na professora e a professora se identificou com a Universidade Federal da Bahia. Se alguém indagasse quem é Leda Jesuino? A resposta seria pronta e imediata — é professora da UFBA. Talvez seja uma resposta simples pelo lado exterior. Pelo lado interior, das concretudes e das relações interpessoais, a resposta se torna mais complexa, mais diferenciada e ampliada, quando sentimos o seu esforço compulsivo e construtor em busca de realizações e de utopias.

Leda tanto conduz como escreve com delicadeza, com doçura feminina, mas com determinação. Sabe reunir e harmonizar para a compreensão comunitária, como fez no Mobral, no Instituto de Cegos da Bahia, no Conselho e na Academia de Educação, na Mansão do Caminho e em vários outros caminhos.

No momento epifânico em que recebe a emergência, devolve Ao seu público leitor um cacho de crônicas para suave degustação — *Caminhando em sol de outono*. Em nosso outono tropical, as folhas não amarelecem e caem de vez, permanecem sempre verdes e presas às árvores, assim é Leda, presa à família, aos amigos, à Universidade e à comunidade.

sol de outono
Caminhando e